

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Durante muitos anos eu me preocupei muito com vocês. Ele é pesado, retangular, capa grossa e preta, com fotos em alto brilho e fecho magnético. Gavelas organizadas como numa sequência lógica, talvez considerando o tempo. A minha angústia não era mais a "Angústia" de Graciliano Ramos. A cada acerto, um grito de alegria acompanhado de um grito de inacreditável conquista. Faremos a atividade que a professora passou na aula de hoje e que você não fez porque estava sem celular. Ocorreu um colapso na rede elétrica do bairro. Ele sorriu e foi embora, e eu nem quis comer, a não ser atrás dele. Atrasada, não conseguiria voltar três pontos depois de chegar a condução no ponto final, como fazia diariamente, para viajar sentada. Mas, lentamente, o tempo mudou o tom da cor. E lá vou eu andando feito um mar de gente com duas sacolas enormes até o carro. Poesia é arriscar-se num voo para dentro do labirinto de si. Sim, minha preocupação era a multa. As canetas são perigosas, elas se rebelam em grupos. Recebeu esse apelido dos moradores e conhecidos do bairro por se tratar de uma pessoa franzina e ter a cintura um tanto fina. As pessoas olham com estranheza, mas ele parece estar isento de qualquer julgamento. Pensei também em todas as velhinhas que trocam ideias, estas velhinhas essenciais para nós, os desalentos, embora vividos e experientes. Ensaios começaram e eu me saindo extremamente bem. O pai aparentava ter uns quarenta e poucos anos, vestia uma calça jeans, sapatos e uma camisa amarela, parecia ser um profissional liberal. Foi ao banheiro, lavou o rosto e olhou no espelho, estava com olheiras. Eu sei, minha melhor companhia! Ela escutou, deu meia-volta e a bateria de samba voltou a tocar também. Tenho para mim que o tempo sempre esteve a meu favor. É dia de dormir como o ser humano deveria dormir sempre: sem despertador. Curioso seria a poética do acaso se algumas vezes ela não fosse assim tão trágica. De quem é "Valentina"? No cabeleireiro de comunidade você pode cochilar, chorar e até passar a noite. Algumas vezes, os sucessos na TV mataram alguns nomes e seus direitos de vergonha. Horário de reunião, no meio da manhã. Quis ser poeta, mas o inverno da vida moderna obrigou-me a utilizar muitos cobertores. Que coisa fascinante foi ver aqueles estudantes tirando conclusões incríveis sobre as pedras que eles encontram no caminho da vida, seus traumas, desilusões. Procurei pelas mesas, mas não encontrei nenhuma mulher que se parecesse com a descrição do aplicativo. Aquela peça artesanal, rústica, esculpida na madeira "nobre" ficava no canto da varanda da minha casa, encaixava perfeitamente a bacia esmaltada, branca. Fuiha o frescor do início da profissão, o coração batendo forte e um sorriso que não cessava. O corpo cansado que só quer e precisa dormir. Voltar ao passado é tudo isso, mas também é confirmar nossa perseverança diante dos desafios, dos obstáculos. O meu papel de estar aqui a produzir, e o teu papel de estar aí, a ler-me, que tal? Estavam, desde o início daquela tarde de quarta-feira, acomodados na sala à espera do momento tão oportuno. Ele era apenas mais um no meio de muitos, sempre passava despercebido no meio da multidão. Prontamente os dois resolveram trazer um cachorrinho, para casa. Bom dia minha amiguinha de todas as manhãs. Desde os primórdios, de diferentes formas e em diferentes níveis, a tecnologia sempre existiu, visto que não foi em nossa geração que ela surgiu. O tempo passou, eu cresci. Este é o meu sonho secreto e, certamente, com a arte, eu o concretizei. Passei o cartão no ponto e fui para o meu posto de trabalho, como fazia em todas as manhãs. Não sintomas do borboletismo: atração irresistível por coisas belas.

REVELAR-SE AUTOR

Crônicas de quem gosta de escrever

da Luz. Falava pausadamente e as crianças sempre o olhavam com admiração. A cada passo, a cada porta aberta, novas descobertas. Terminada a festa, o meu corpo bateu forte e eu pude sentir que a ancestralidade tocava tambores em meu coração. Foi numa dessas tantas andanças que descobri que eu nunca conseguiria viver longe das viagens, curtas ou longas. Do carro posso ver a madrugada e as luzes da cidade passando depressa. O supermercado é uma espécie de microcosmo revelador de cultura e gostos de um povo. Em um banco iluminado pelo sol da manhã sentou-se um idoso observando as crianças brincarem no parque improvisado à sua frente. Entre abanos e latidos, eram felizes e seguiam sua vida temperada de vento, com a expressão de total entrega ao abraço do dia. A televisão estava ligada, mas não tenho paciência para assistir. Depois de rodar pelas ruas, respirando fumaça das caminhonetes, finalmente chegamos ao nosso destino. Agora estou com o abacate para ser plantado noutra lugar, talvez em uma praça, não sei. Seu olhar falava comigo num misto de tristeza, compreensão, passividade e, acima de tudo, amor.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Bruno Caetano

Secretário Municipal de Educação

Daniel Funcia de Bonis

Secretário Adjunto de Educação

Pedro Rubez Jeha

Chefe de Gabinete





REVELAR-SE AUTOR

Crônicas *de quem gosta de escrever*





COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Minéa Paschoaleto Fratelli - Coordenadora

NÚCLEO TÉCNICO de CURRÍCULO - NTC

Wagner Barbosa de Lima Palanch - Diretor

EQUIPETÉCNICA - NTC

Carlos Alberto Mendes de Lima

Claudia Abrahão Hamada

Clodoaldo Gomes Alencar Junior

Edileusa Andrade de Carvalho Araújo Costa

Márcia Andréa Bonifácio da Costa Oliveira

Mariângela do Nascimento Akepeu

Maria Selma Oliveira Maia

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Mônica de Fátima Laratta Vasconcelos

Nágila Euclides da Silva Polido

Patrícia Ferreira da Silva

Regina Célia Fortuna Broti Gavassa

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Silvio Luiz Caetano

Sueli Aparecida Vaz

Tânia Tadeu

Vera Lúcia Benedito

Viviane Aparecida Costa

NÚCLEO SALA E ESPAÇO DE LEITURA

Edileusa Andrade de Carvalho Araújo Costa

Maria Selma Oliveira Maia

Nágila Euclides da Silva Polido

ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Sueli Aparecida Vaz

REVISÃO TEXTUAL

Roberta Cristina Torres da Silva

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS - CM

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Revelar-se autor : crônicas de quem gosta de escrever. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

144p.

ISBN 978-85-8379-127-0 (impresso)

ISBN 978-85-8379-126-3 (digital)

Volume I resultante da 8ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1.Literatura brasileira 2.Crônicas brasileiras - antologia I.Título

CDD 869.94



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Código da Memória Documental: SME45/2019
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877

Disponível também em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>

Caro(a) Leitor(a)

É com imensa satisfação que apresentamos a obra:

“Revelar-se autor: crônicas de quem gosta de escrever”

A leitura representa um caminho potente para a compreensão da realidade e, pensando nisso, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo promove ações que visam corroborar com a criação e a divulgação de textos produzidos por estudantes e educadores da Rede Municipal de Ensino.

Anualmente, em nossa Rede, ocorre a Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei nº 14.999/2009, de autoria do vereador Eli-seu Gabriel. Por ocasião de relevante evento cultural, a SME promove a publicação do livro “Descobrir-se Autor”, já em sua 4ª edição, que contempla produções coletivas de estudantes participantes do projeto “Academia Estudantil de Letras (AEL)”, desenvolvido nas escolas de Ensino Fundamental e Médio da Cidade de São Paulo.

Tendo em vista ampliar essas ações, lançamos, neste ano, o livro: “Revelar-se autor: crônicas de quem gosta de escrever”, de autoria dos participantes da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo (ALP) e de outros educadores da Rede Municipal de Ensino.

Nas páginas que se seguem, vocês encontrarão crônicas que transitam por assuntos variados e em diferentes formatos estéticos, de forma original, sensível, inusitada, poética, irônica, artística, polêmica ou cômica e que irão inspirá-los.

Esta primeira edição do “Revelar-se Autor” oportunizou aos educadores aventurarem-se na escrita, revelando-se autores de sua própria história, narrando experiências inspiradas no cotidiano da vida em forma literária, ou, ainda, criando histórias que poderiam acontecer no dia a dia das pessoas, algo singular da crônica.

Esperamos que a obra motive outros educadores, que igualmente gostem de escrever, e alimente o mesmo desejo de ver seus textos publicados nas futuras edições, valorizando o incentivo da criação, da imaginação e fruição da Literatura.

Bruno Caetano

Secretário Municipal de Educação

Sumário

Uma mensagem para as filhas-----	8
Memórias-----	9
37-----	10
Palavras no ar-----	11
Creia, cresci!-----	12
Exemplo é tudo-----	14
Uma folha de papel sulfite-----	15
Chico Buarque-----	17
Ônibus lotado-----	19
Disputa canina-----	21
Crônica de uma árvore de natal-----	22
24 de junho-----	24
Cabeças duras-----	25
Universo paralelo-----	27
Cinturinha-----	28
Você aí em cima sabe o cheiro que a cidade tem?-----	30
Dona Sofia-----	32
Beijo platônico-----	34
Recorte cotidiano-----	35
Ixii, deu <i>match!</i> -----	36
Orgulho endurece um coração-----	38
A indesejada-----	39
Nós-----	41
Dia de acordar sem despertador-----	43
Sorte ou azar – que rolem os dados-----	45
Dona Florinda-----	47
Comunidade-----	48
Cada nome uma identidade-----	50
Pai-----	52

Caderno verde-----	53
A pedra no meio do caminho-----	54
Que marmota é essa? -----	56
O “bacieiro” -----	58
A professora que aprendeu a cantar-----	59
O corpo-----	62
Encontro -----	63
Compartilhamento-----	64
Visão angelical-----	65
19h15-----	67
Larga que o cachorro é meu! -----	69
O homem da bicicleta-----	71
Pane no sistema -----	73
À mestra, com carinho -----	74
O sonho - entre a cruz, a espada e a estrada -----	76
A vida se encarrega de mudar se você não tiver coragem -----	78
Borboletismo -----	79
Memórias estampadas-----	81
Uma vida de trabalho-----	82
“A barata diz que tem”-----	84
Cegueira moderna -----	87
A lagarta -----	89
Olhos de sentir -----	90
22 de outubro de um ano qualquer... -----	92
Acabamento-----	94
O engano -----	95
Next station: Plantação-----	96
Paulistano -----	98
Mortes -----	100

Maitacas-----	102
Daqueles dias da vida da gente -----	104
Super-heróis-----	105
Reencontro-----	106
Ah, bruta flor!-----	107
A escola que não sai da cabeça-----	108
A Cidade é de quem?-----	109
A odisseia do ensinador-----	111
Quem somos e o que nos tornamos?-----	113
Pão fresco e o velho -----	115
A luz de Deus-----	116
O medo do “Senhor Mococa” -----	117
Mundo escolar-----	119
Professor nos trilhos de São Paulo -----	120
A morte-----	121
Abóbora ronca? -----	123
A execução-----	125
A uma hora de Paris-----	126
Quando a ancestralidade tocou os tambores em meu coração-----	127
Dentes-de-leão -----	129
A janela-----	130
Quando se encontra o que tanto se queria...-----	131
As tragédias da vida (e os três sorvetes) -----	133
Banalidades -----	135
Fofoca cabeleirística -----	136
Rumo ao Pantanal-----	137
Nana neném, nana...-----	138
Naquele olhar-----	140



Crônicas

de quem gosta de escrever



Uma mensagem para as filhas

Queridas e amadas filhas: antes de tudo uma confissão. Durante muitos anos eu me preocupei muito com vocês. Para ser sincera, na alimentação, na higiene, na escola, no lazer, inclusive com os brinquedos que ganhavam ou pediam e nas amizades tão necessárias para alegria das crianças. Muitas crianças fazem amizades com facilidade e outras, não; sei que a minha primogênita, é muito tímida, e já a pequena, caçula, superfalante e extrovertida, sempre puxando conversas com as pessoas e feliz em construir novas amizades. Não é opinião só minha, os amigos, os parentes, todos dizem a mesma coisa. Claro, quando ia buscar a pequena na creche sentia uma grande satisfação ao vê-la no portão, chegando para sair toda contente com a mochila contando as novidades do dia. Falava de tudo, das brincadeiras, da hora do banho, do lanche, do momento do sono e até narrava as histórias quando assistia a filmes na escolinha, rindo, iluminando a tarde, no caminho de casa. Já com a mais velha, às vezes, saíamos juntas com muita alegria para ir ao centro da cidade, pagar contas, fazer compras, almoçar ou tomar um lanche. Era muito bom acompanhar seu crescimento e autonomia para fazer escolhas sobre tudo que via ou pensava. Eu tentava iniciar um diálogo; com muita paciência, perguntava o que andava fazendo, sentindo ou pensando, para conseguir manter uma conexão de cumplicidade entre mãe e filha, com muito carinho. Então, ela dizia que tinha uma atividade sigilosa, que não podia comentar, coisas de adolescentes que ficam inseguros com os pais. Eu tenho claro uma explicação: aproveite enquanto os filhos não crescem, pois passa muito rápido, olho para as meninas e me sinto envelhecendo, mas com alegria, sabendo que estão saudáveis e espertas.

Eu trabalho tanto que sinto saudades desses momentos e de outros que não voltam mais e não tem preço, ficando na minha eterna memória entre lágrimas e soluços. Tudo que desejo é ver minhas filhas unidas para sempre.

DRE Freguesia / Brasília
EMEF Roberto Patricio

EDUCADORA

ALESSANDRA MOURA DA SILVA

Memórias

Ele é pesado, retangular, capa grossa e preta, com fotos em alto brilho e fecho magnético.

Ele é pesado como o remorso carregado nos ombros; ao mesmo tempo é suave, tal qual o carinho matinal e a ternura da companhia diária do que um dia foi um projeto de casal perfeito. Sua aparência lisa lembra uma pele macia, viçosa e alegre; suas fotos sempre brilhantes remetem a um olhar de expectativa trocado no altar.

Ficava empoeirado na simétrica estante da sala. Era tão acessível quanto o abraço negado silenciosa e misteriosamente. Perdia-se na sombra daquela prateleira iluminada pela luz amarela que intensificava o dourado da cortina. Penso que os álbuns não servam apenas para guardar no plano brilhante do papel o pedaço de um tempo feliz. Também é resgate dos porquês e das razões de estar do ser. Ficou tanto tempo escondido na sombra amarela da madeira castanha que a relação desbotou e ele nem viu. A sala ficou pequena... a estante se desequilibrou nas linhas tortas de uma relação que foi eterna enquanto durou.

Agora, a tesoura era quase a continuação das mãos e as lâminas cortavam sonhos e planos de um futuro próspero. Batiam com tanta força nas fotos que chacoalhavam promessas e lembranças do dia que juraram estarem juntos na alegria, na tristeza, na saúde e na doença. Nem no papel essa união era mais possível, e as lâminas seguiam rasgando expectativas ao mesmo tempo em que projetavam caminhos de rios caudalosos nunca antes vistos naquele rosto tão cansado.

Ela o guardou na caixa de livros e a história conjugal ficou ainda mais pesada. Ajeitou com cuidado a tampa, organizou os livros para não serem esmagados pelas lembranças. Guardou tão bem aquelas memórias que o cheiro do mofo fez da saudade um amarelo sem fim, borrando para sempre o brilho de outrora.

DRE Penha
EMEF Guilherme de Almeida / EMEF Frei Francisco de Mont'Alverne
EDUCADORA

ALESSANDRA UMBELINO LOPES NASCIMENTO

Uma grande cômoda. Uma grande cômoda entalhada, modelo provençal, platinada de branco. No melhor, mais arejado, mais nobre e mais importante local da casa. Uma cômoda interessante, peculiar, única, com inúmeras gavetas, que lembram um roupeiro, todas numeradas e com fechaduras.

Gavetas organizadas como numa sequência lógica, talvez considerando o tempo... Gavetas incrivelmente ajustáveis aos seus conteúdos diferentes, singulares: alguns pequenos, outros intensos e até os indescritíveis ou incomensuráveis... Algumas gavetas, tão constantemente abertas, já até perderam os segredos das chaves: praticamente se abrem sozinhas sem sequer sustos ou barulhos.

Chaves grandes que compõem um molho vigiado por um guardião alto, assustador, escondido em um manto negro com capuz que impossibilita a visão do seu rosto, mas ressalta seus olhos atentos e vigilantes. Insisto que é um guardião, a autocensura não pode ser um ente feminino, não se prestaria a essa função cruel. As chaves nem sempre são necessárias, repito. Algumas vezes apenas uma canção, uma palavra, um perfume ou uma foto fazem abrir uma e outra gaveta das emoções da cômoda da memória.

Mas não há guardião capaz de proibir o uso da chave da gaveta 37 da cômoda da minha memória, por mais chaveada e proibitiva que ela seja. Sei exatamente todo o seu conteúdo quase escondido, sempre lamentado, mas nunca esquecido. Sem nenhuma chave, nenhuma tranca, nenhum artifício.

Com muito sofrimento vejo sempre o que há nela: saudade do que não vivi, do que não vi, do que eu deveria ter feito e não fiz, e agora...

Agora não há mais tempo...

Palavras no ar

Estação Jabaquara. O metrô não estava muito cheio, com tranquilidade eu havia conseguido um lugar para sentar e ler sossegado. A porta fechou e, logo em seguida, abriu após uma voz de mulher pedir para não segurarem as portas do trem. Um grupo de cinco pessoas, todas jovens, entrou eufórico, eu poderia até dizer que estavam aos gritos umas com as outras; três rapazes e duas moças, e foram para o fundo do vagão. A discussão calorosa continuava e eu lia nos seus gestos uma grande euforia em uma conversa que eu não conseguia entender. Fiquei interessado, eram jovens que discutiam, riam e se abraçavam. Eram jovens, e contagiavam. Via-se que elevavam o tom, falavam rápido e firme com todos os pontos e vírgulas que eu conseguia captar. Atropelavam-se na conversa, falavam ao mesmo tempo, passavam à frente do outro, punham ponto final fazendo valer a sua posição, o diálogo retomava calmo e eu hipnotizado ia seguindo cada gesto, cada sinal, tentando decifrar o significado daqueles códigos.

Estação São Judas. Estava tão envolvido, tão absorvido que não vi a Conceição passar, não ouvi a voz de mulher anunciar “próxima estação” e “next station”, esqueci o livro que estava lendo e com ele os meus gritos internos, minha letargia, meus murmúrios sussurrados... A minha angústia não era mais a “Angústia” de Graciliano Ramos. Agora eu queria entender, decodificar tudo com um olhar mais aguçado, vivo, era uma angústia curiosa, boa, invejosa daqueles que escreviam no vento uma linguagem que eu não entendia.

Estação Saúde. Pulei para um banco mais próximo do grupo, agora não queria apenas entender; queria me envolver, decifrar, conhecer, traduzir. As expressões, os olhares, as mãos eram códigos muito precisos... E eu não conseguia lembrar o nome daquela linguagem. Não é linguagem, é língua! Minha memória alertou. O pessoal continuava alegre e envolvido em seu assunto ou assuntos, para mim eram vários: coisas de jovens. Lembra o nome de um signo... nome de um signo?! A voz feminina anunciou...

Estação Praça da Árvore. Eu não descí, nem queria, estava hipnotizado... Estava bem, queria saber o final daquela conversa que eu não entendia. As expressões faciais eu conseguia alcançar (acho) e ficava feliz comigo, mas por mais que eu tentasse ler as ágeis mãos e acompanhar o ritmo... ficava sempre em reticências. Essa linguagem... Não é linguagem, é língua! Eu sei!!

A voz anunciou em Português e em Inglês, o grupo se movimentou e todos foram para a porta.

Estação Santa Cruz. Eles desceram, provavelmente iam ao shopping. Shopping, Inglês, pensei... “Próxima estação” em Português – “next station” em Inglês e em sinais?! Poderia ter um aviso em Libras. A língua é essa! Libras, o nome da língua!

Estação Vila Mariana. Desci para voltar à Praça da Árvore e voltar à leitura do meu “Angústia” de Graciliano Ramos.

SME - COPED

EDUCADOR

BRAZ GOMES DA SILVA FILHO

Creia, cresci!

Sentou-se à mesa longa. As coisas estavam postas: cavalos em pastos alimentam-se, pássaros gritam a liberdade do ar, a vida corre e para. E para! E brisa.

Enquanto esperava sentado a janta ficar pronta, assistia à televisão que estava ligada no cômodo ao lado da sala de jantar. Conseguia ver algumas manchetes espetacularizadas por lá. E as propagandas entre a programação das emissoras que tornam tudo mais consumo, mais venda, mais mercado.

Era hora de jantar. A família preza por isso! E reza!!!

Ele só queria brincar. Não tinha muito tempo para essas coisas adultas que a família lhe inseria. Não tinha tempo para esses aborrecimentos que nunca deveriam nos aborrecer. Ele precisava sair dali correndo, cheio de coragem e atitude de gente que não teme o risco. Ele não temia, jamais.

A janta foi posta. Ele comeu a massa com voracidade e rapidez de menino que não está habituado a esse tipo de momento, mas ele estava, era coisa mesmo de criança que participa de um momento pensando no próximo, querendo o outro, pois aquele já está se esgotando, as coisas não se bastam e sempre o próximo pode ser mais divertido. Ele arrisca. Lança-se para o próximo sem apegos, sem problemas com ele e com o outro; afinal, se algo der errado ele pode voltar, ele pode retroceder, se alguém perder com isso será ele mesmo e ele não se importará, ganhar nem sempre é ser vitorioso. A criança aguenta as consequências dos seus atos. E sabe que as terá.

Juquinha, esse menino-sorriso, correu saindo da mesa ainda com molho sujando o canto de sua boca. Bebeu aqueles refrigerantes que as crianças adoram e saiu aos pinotes arrumando a camisetinha que estava por dentro da bermuda-calça. Já estavam livres os pés dos calçados e isso o deixava em êxtase.

Alguns meninos gostam de brincar de bola, de carro, de aviões que voam e atravessam paredes como seres invisíveis e alienígenas... Alguns gostam de subir em balões e ver tudo lá de cima confundindo o céu com o oceano e transformando o mar em sua própria bacia de banho, com animais aquáticos que podem conversar só com eles debaixo d'água ensaboada. O nosso Juquinha não era diferente nesse aspecto, era um menino-criança que adorava fabricar seus sonhos e realizá-los ali, no tapete da sala, na grama mal aparada do quintal com seu *boxer* adulto e terrivelmente encantador. Ele era pretencioso quanto à bondade de todos os seres – os que ele criava e os que realmente existiam – e se doava a eles por inteiro; crianças não sabem dosar e por isso são intensas, distribuindo energia até para os fios de cabelo que ainda não nasceram. Juquinha sabia que ia crescer e não se preocupava com isso. Ele não se preocupava com nada, de forma que não tinha rugas, ou cara amarrada, ou medos, ou angústias, ou ansiedade... Se seus brinquedos e seu cachorro estiverem sempre no mesmo lugar, tudo estará em perfeita sintonia.

Naquele dia, ele brincou com a cesta de basquete que tinha ganhado em seu último dia de crescer bastante: seu aniversário. Juquinha achava que o dia do seu aniversário era dia de crescer notoriamente, dia em que todos, inclusive ele, saberiam que ele tinha passado por aquela data e que ela o tinha modificado. Ele já tinha cinco anos e não tinha crescido ainda o que, para ele, representava a altura de um menino já com toda essa idade que ele alcançara sem esforços.

Jogava a bola na cesta. A cada acerto, um gesto de alegria acompanhado de um grito de inacreditável conquista. Acertar o aro da cesta era realmente uma atividade difícil, que exige muita prática e técnica dos jogadores. E Juquinha não tinha prática nem técnica, mas tinha muita esperança, e esperava a bola ultrapassar a cesta acompanhando o seu percurso com amor. É quando seu coração não aguenta e corre para os olhos e escorre em estado líquido para se libertar do corpo e conseguir respirar um pouco lá fora. E quando lhe perguntam com repressão: – ‘Por que você está chorando?’, a resposta é rápida e interna, ouvida apenas por ouvidos sensíveis: – ‘Me deixa chorar! Eu posso chorar um pouco pra tudo isso passar mais rápido?’.

Juquinha foi crescendo, ou melhor, foi fazendo aniversários e suas manias e pensamentos eram traça-dos fortemente com a expressão de sua personalidade.

Ele acreditava fielmente em coisas com que as crianças de sua idade já haviam se desiludido: ele acreditava na família dele, acreditava que seu pai poderia lhe salvar a qualquer custo, que sua mãe era a melhor mulher do mundo, que seu cachorro sempre vai estar com ele lambendo-o quando ele estiver de cabeça baixa, que o balanço do parque é uma simulação do que seria a vida de um marinheiro – que é o que ele quer ser quando realmente crescer –, que a lua é feita de queijo e é a melhor amiga do sol, que a casa em que mora é o melhor lugar do mundo, que os aviões são coisas inacreditáveis de tão belos quando voam e que as bexigas nas festas de aniversário guardam segredos dentro delas que nunca poderão ser descobertos.

Juquinha se fazia presente até nos lugares em que não estava. Esse menino-criança-lua, menino-avião-mundo, menino-fantasia-rosa, menino-balão-alegria era, na verdade, o menino-poesia mais alto que já se conheceu na vida.

Acriançaremos.

Porquanto é estado. Portanto é fração.

Enfim: o menino continua crescendo e, num segundo de descuido, ou de desatenção, ele irá perceber isso, e esse dia será o mais cruel de toda a sua vida.

(que pecados fazem com as crianças para que cresçam?!)

DRE Freguesia / Brasilândia
EMEF Prof.ª Lilian Maso

EDUCADOR

BRUNO DA SILVA CANABARRO

Exemplo é tudo

Na segunda-feira, após um dia cansativo de trabalho, Reinaldo chega em casa, pensando apenas em tomar banho e descansar. Quando, resmungando, chega o filho, que retornava da escola. Ele foi direto ao assunto:

– Pai, o senhor terá que ir à escola amanhã.

– O que você aprontou dessa vez?

– Nada! A professora chamou a minha atenção, só porque eu estava usando o celular...

– Eu já te disse que não é para usar o celular durante as aulas. Por que você desobedece? – perguntou Reinaldo, estressado.

– Mas eu estava começando um jogo novo...

– Então, quer dizer que você estava jogando? A professora está certíssima em me chamar para conversar. Vamos começar a resolver esse problema agora mesmo. Pegue seu caderno e seu estojo. Faremos a atividade que a professora passou na aula de hoje e que você não fez porque estava no celular. Aliás, pode me entregar o aparelho! Somente após realizar suas tarefas e eu conversar com sua professora é que vou devolvê-lo.

O garoto entregou o aparelho, reclamando:

– Ah, pai, eu só queria brincar com o jogo novo...

– Mas, tem que estudar, para se preparar para o futuro. E outra, de repente, você aprende algumas coisas e descobre que aprender é necessário.

O menino, mesmo contra a vontade, sentou-se à mesa, abriu o caderno e começou a fazer a tarefa sob o olhar do pai. Alguns minutos depois, sentiu dificuldade em realizar uma conta e perguntou para Reinaldo:

– O senhor sabe subtrair cento e um de trezentos?

Sem obter resposta, ele repetiu:

– Ei, pai, o senhor sabe subtrair cento e um de trezentos?

Mais uma vez, não obteve resposta... Então, se virou questionando:

– Pai, o senhor não está me ouvindo?

Foi aí que ele percebeu que o pai estava distraído usando o celular, provavelmente, conversando com alguém e foi logo dizendo:

– O senhor fala de mim, porém está usando o celular assim como eu. Não íamos fazer a atividade juntos?

O pai, voltando a prestar atenção na fala do filho, respondeu:

– Não, não, só estava respondendo algumas mensagens...

– Sei... - disse o filho - eu não disse que brincar com o celular é divertido?

DRE Itaquera
CEU EMEF Prof.ª Conceição Aparecida de Jesus
EDUCADORA

CELINA RODRIGUES LOUZADA

Uma folha de papel sulfite

Ele perseguia o cotidiano como quem nunca conseguiria atingir o ápice dos dias, o êxtase das horas e o ardor dos momentos. Acordava cedo, dormia tarde. Tudo ao sabor da rotina. Todo dia era assim: e-mails, mensagens, posts, enviar, responder, *Control-C*, *Control-V*... Almoçar e jantar. Raras vezes: brindar, papear, namorar. Passavam-se os dias, passava a vida e para quê sonhar?

Até que um dia se fez especial: DIFERENTE!!! Ocorreu um colapso na rede elétrica do bairro. Computadores se desligaram, conexões o abandonaram, as luzes se apagaram. Tudo ficou mais iluminado com a claridade da luz natural do sol. As janelas se abriram, as cortinas bailavam ao sabor do vento e a luz solar fez moradia na sala do escritório. Cruzar os braços? Não! O olhar do chefe não desfalece... O que fazer então?

Paulatinamente, todos começaram a cruzar os olhares. Como lanternas a iluminar o ambiente, os olhos se observavam e uma voz no ouvido dele acendeu o diálogo entre duas pessoas que se sentavam lado a lado, mas não se conheciam, não se olhavam, não se amavam.

– Oi! – disse ela com voz tímida.

Ele queria responder, mas a fala não saía, a respiração lhe faltava, o medo o consumia aos poucos... Enfim, um “olá!” saltou de sua voz...

– Qual é o seu nome? – ela perguntou sem pestanejar.

– Luiz. Luiz Felipe – respondeu quase sem se importar.

Continuou o trabalho com um ritmo frenético, organizando e desorganizando papéis, abrindo e tampando canetas, fechando pastas e olhando cegamente correspondências. A moça olhava-o sem entender. Afinal, para que tanta aflição se tudo havia parado?

Ouvia-se ao longe um burburinho de vozes. Tudo paralisado. A rotina do escritório se perdeu em meio a risos, descanso forçado e cafezinhos. Menos Luiz Felipe. Parecia que o trabalho dele havia dobrado. Irrequieto, fugia da luz dos olhos dela que o invadiam em sua privacidade, em seu segredo.

Ela desistiu de fazer perguntas ou de traçar algum plano de comunicação. Pegou um cafezinho com ar de quem havia feito algo errado. É, só tem gente louca e mal educada neste mundo, pensou consigo mesma. Voltou para o seu lugar e ficou na sua. Ele a olhou de soslaio, limpou os óculos e deixou cair uma folha de papel sulfite nos pés de Ana Júlia. Logo abaixou para pegar a folha, ao mesmo tempo em que Ana também fazia o mesmo. No resgate da folha, ambos se encontraram no chão e, pela primeira vez, seus olhos se aproximaram de verdade. E a luz voltou. Luiz Felipe desculpou-se por nada, Ana Júlia deu um sorrisinho ainda tímido. E os dois voltaram para os afazeres diários.

Ele sentia-se um pouco diferente. Era como se o olhar daquela mulher que sempre sentara ao seu lado tivesse acendido nele alguns sentimentos desligados. Ligou o computador e, até que a tela se incendiasse com dados e janelas, pôs-se a desenhar na folha de papel caída no chão. Eram rabiscos de uns círculos, uns glóbulos, uns... olhos! Foi desperto pelo sinal do computador e prosseguiu em sua rotina de trabalho.

No dia seguinte, tudo estava calculado, o dia estava metrificado, as etapas de realização do trabalho estavam delineadas na órbita do andar, do digitar, do pensar. Porém, algo o incomodava. Havia uma ausência. Ela ainda não havia chegado ao escritório. Era um vazio imenso que se avolumava a cada minuto. Tentava se concentrar, piscava os olhos sem pensar. Olhava para a tela do computador e acessava a internet do seu coração que batia devagar pela dor de uma ausência. Pensou nos cafezinhos que deixou de beber, nos olás que deixou de dizer, nos encontros que deixou de fazer, nos papéis sulfites que deixou de pegar e desenhar. Até que ela chegou e o sol no ambiente se fez.

Ele pensava sobre o poder de preencher espaços que ela possuía. Tudo estava opaco, sem cores e, de repente, tudo se transformava em vida, em cores brilhantes. O dia era mais ameno, mais tranquilo, mais bonito. Em um dia, um olá; no outro, um café; depois de amanhã, um almoço, outro cafezinho da tarde, um...

Luís Felipe já não era mais o mesmo. Ia para o trabalho com sorrisos nos lábios, roupas bem passadas, cabelos bem alinhados. Fazia pausas. Respirava em desenhos rascunhados. Sonhava com encontros que seriam marcados. Ouvia música no som do teclado do computador.

Tomou coragem. Só faltava ela chegar. Convidaria ela para sair. Um cinema às seis, depois um jantar. Conversaria mais. Falaria mais de si. Compartilharia mais os sonhos que ainda tinha. Mas a luz se apagou e Ana Júlia não chegou.

Ouviu falar que ela havia mudado de seção e fora transferida para o escritório lá da Zona Sul. Abaixou a cabeça, fechou os olhos e fez a escuridão. Deixou uma nova folha de papel sulfite cair no chão e não teve coragem de abaixar para pegá-la.

DRE Penha
EMEF Prof. Henrique Pegado
EDUCADORA

GLAUCIANE MARIA DE ALMEIDA CATANHO

Chico Buarque

Chico Buarque era a pessoa com quem eu sempre sonhei em me casar e viver feliz para sempre. Sim, ele era a coisa mais importante da minha vida. Eu adorava todas as suas composições, suas óperas, seus escritos e seus lindos olhos azuis. Por isso, me tornei sua eterna fã, quase doentia.

Tinha tudo dele: fotos, álbuns de figurinhas, chaveiros, ioiôs, bonés, bandeiras, discos, vídeos, revistas, reportagens, pôsteres, enfim, tudo. O fanatismo era tanto que se estivesse num confessionário e de longe tocasse uma música dele, largava o padre e os meus pecados falando sozinho e ia correndo ver a banda passar.

Quando ele aparecia na TV, eu gritava, puxava os cabelos e, em prantos, urrava: Case-se comigo, corra para os meus braços... Como isso não era possível, corria eu então pelas pistas de *cooper* de São Paulo.

Confesso que houve momentos da minha vida que pensei em parar de correr, mas mesmo que eu quisesse, não poderia! Minha Tia Dilcinha, que morava comigo, jamais permitiria.

Todo fim de semana era sempre igual. Tia Dilcinha me sacodia às seis horas da manhã e sorria com sorriso pontual:

– Levanta, minha filha, vai correr. Vai!

– Eu ia. Por duas razões: primeira, me fazia bem; segunda, ficava mais tempo fora de casa, sobretudo das bagunças e dos maus hábitos de higiene de Tia Dilcinha. Qualquer coisa que ela resolvesse fazer, até mesmo ferver água, punha a casa de pernas para o ar e deixava tudo uma tremenda sujeira.

Ela sempre foi assim! Não muda mais. Todos os que a conheciam desde moça declararam. Até minha saudosa mãe.

Acho que comecei a correr por causa de Tia Dilcinha, mas como fora ela quem me apresentara à obra de Chico Buarque, então não poderia ser tão ingrata assim, haja vista ser tão fã do artista.

Num domingo de sol, resolvi correr logo cedo, estava disposta e, por causa disso, quis mudar o local do meu treino. Fui então ao Parque Villa-Lobos. Não conhecia lá. Alguns amigos comentaram que a pista era bem lisinha, portanto, menos impacto.

Cheguei lá, amarrei bem os tênis, alonguei os braços, as pernas e inclinei o tronco até os pés. Respirei bem fundo e, quando me levantei, vi parado na minha frente: Chico Buarque de Hollanda! Sim, era ele sim, ele mesmo! Quase tive uma síncope, não conseguia dar um passo, fiquei petrificada e, no último volume da minha voz, gritei: CHICO, É VOCÊ!

Ele se virou calmamente e falou:

– Sim, sou eu...

Eu estava enlouquecida e queria em poucos minutos falar tudo o que eu sentia por ele há anos, mas ele parecia não estar muito disposto a ouvir, queria mesmo era caminhar em paz.

- Um autógrafo, por favor!!!
- Tudo bem, qual seu nome?
- Eu? Ah! Marli, mas pode me chamar de Geni se quiser!
- Eu tenho caneta, mas não tenho nenhum papel aqui.
- Assine na minha camiseta, escreva com a letra bem grande o seu nome e o meu. Isso vai matar todo mundo de inveja. Meu Deus!!! Chico Buarque aqui ao meu lado, acho que vou desmaiar!
- Espere! Deixe-me assinar, depois você desmaia, já estou no fim. Pronto.
- Nossa, que letra linda, nem acredito! Obrigada, obrigada, obrigada!
- Nada. Acalme-se! Olha, vou indo, tá? Boa sorte.
- Obrigada, desculpe-me por qualquer coisa, obrigada! Obrigada!

Ele sorriu e foi embora, e eu nem quis correr, a não ser atrás dele. Estava tão atordoada que voltei imediatamente para casa. Fiquei horas abraçando a camiseta e beijando. Mal podia acreditar. Segunda-feira seria o dia mais importante da minha vida. Todos iriam ver a camiseta com o nome do gênio!

Entrei em casa transtornada. Mal conseguia falar. Decidi não comentar com a minha tia. Nem sei ao certo se ela acreditaria.

- O que foi, minha filha? Perguntou tia.
- Nada, tia! Nada! Vou dormir um pouco, acordei muito cedo e tive muitas emoções esta manhã. Vou tomar um banho e, se alguém ligar, diga que não estou.

– Tá.

Dormi profundamente e sonhei com o Chico, naturalmente.

Eram quase quatro horas da tarde, quando Tia Dilcinha me acordou:

- Tenho uma surpresa *pro* cê ! Você vai se orgulhar de mim, vem cá vê! Veja como eu mudei totalmente.
- Vê o que tia?

– Olha como a casa está toda arrumada e limpinha. Até aquela camiseta que você voltou do parque e que estava toda rabiscada eu lavei, esfreguei e deixei branquinha, sem nenhum rabisco. Viu? Tá orgulhosa da tia? Responde! Por que está deitada no chão?

Ônibus lotado

Ela acordou mais tarde que de costume, precisava se apressar para não perder o ônibus. Atrasada, não conseguiria voltar três pontos e pegar a condução no ponto final, como fazia diariamente, para viajar sentada. Ainda bem que se habituara a deixar a roupa que usaria no dia seguinte sobre o encosto de uma cadeira, os sapatos debaixo dela e a pasta de dentes já na escova, dormia tão pouco que não dava tempo de o creme dental ressecar. Com tudo no jeito bastava o relógio apitar, abrir os olhos que insistiam em se manter fechados e iniciar a rotina. Naquele dia, seus movimentos estavam um pouco mais frenéticos. Não poderia de jeito nenhum perder o ônibus das 4h30, caso contrário não conseguiria bater o ponto no horário. Vestiu-se rapidamente, enfiou os sapatos nos pés observando as solas que estavam bastante gastas e não durariam muito tempo. Dobrou alguns jornais, enfiou no calçado para reforçá-lo e pensou que, talvez, com o próximo salário pudesse comprar um novo. Passou o pente pelos cabelos, escovou os dentes rapidamente e saiu. Estava escuro e ainda havia muitas estrelas no céu, as poucas pessoas que circulavam pelas ruas tinham como destino a mesma parada de ônibus. Já era possível vê-lo chegando, e a garota correu para não perder esse ônibus. Tinha apenas 16 anos, mas era arrimo de família. Ganhava mais que o pai que era operário. Trabalhava como costureira em uma confecção e o salário era bom. As despesas com a alimentação da família ficavam por sua conta, pagava o curso de magistério que teve que transferir para a noite quando começou a trabalhar, e as horas extras contribuía com algumas regalias, uma pizza com a família ou um calçado novo. O ônibus encostou, estava lotado, não havia outro jeito, tinha de entrar naquele mesmo. Segurou nas alças da porta e se deixou levar pelo bolo de gente que estava no ponto e que teimava em entrar. Baixinha, miúda, com braços curtos que não alcançavam na barra de mão no teto do ônibus, era espremida pela multidão que tentava se ajeitar o melhor que podia para que a viagem fosse um pouco menos penosa. Alcançou as alças de um banco, garantindo sua segurança diante das freadas do veículo. Começou a observar os rostos sonolentos e cansados dos passageiros invejando os que estavam sentados. Se não tivesse acordado atrasada, também estaria numa daquelas poltronas e dormiria o caminho todo, garantindo mais uma hora de sono. Dormia sempre tão pouco. Depois do trabalho ia direto para a escola, saía de lá às 23h. A volta para casa durava quase quarenta minutos. Chegava exausta, tomava um banho desejando que a água levasse embora todo seu cansaço e frustrações e preparava o ritual do dia seguinte. A comida ficava sobre o fogão, mas não lhe despertava o apetite, talvez recém-preparada a couve e os ovos mexidos estivessem deliciosos, mas fria daquele jeito não lhe aguçava o paladar. Aqueceu a comida, comeu poucas colheradas e com o restante preparou a marmita para o almoço do dia seguinte. Há algum tempo sentia uma dorzinha no estômago, uma gastrite talvez, precisava ir ao médico, mas faltar ao trabalho não estava em seus planos. Desejava receber o prêmio de assiduidade no final do ano, era um 14º salário,

com o dinheiro planejava pagar a formatura do magistério. De tanto sonhar acordada, mesmo em pé, acabou cochilando. O cochilo ajudava a encurtar a viagem. Desceu no ponto final, mas ainda precisava andar algumas quadras até a empresa. Com medo de seguir pelas ruas ainda escuras, acompanhava grupos que iam pelo mesmo caminho. O relógio de ponto marcava 5h40 em seu cartão, subia dois lances de escadas. No vestiário, mulheres e meninas se despiam para colocar o uniforme da empresa: calças e camisas azuis, sapatos fechados e lenços engomados que mantinham os cabelos presos. Observava o relógio, ainda faltavam 10 minutos, subia mais dois lances de escadas até o refeitório da empresa, enfrentava uma pequena fila que lhe garantia um pão com manteiga e um copo de chá mate. Comia, bebia e rapidamente retornava para a sessão de trabalho. A sirene da fábrica apitava pontualmente 6 horas. Não! Era o sinal de troca de aula. O insistente aviso sonoro despertou a professora Carmem de suas lembranças que iniciara ao observar a aluna que dormia sobre os cadernos na carteira à frente de sua mesa. Encaixou o apagador no suporte de giz, juntou os livros e diários de classe, dirigem-se para a porta quando uma voz sonolenta a chamou:

– Professora! Professora! Amanhã lhe entrego a lição, desculpe, dormi a aula toda, mas é que hoje o ônibus estava lotado.

DRE Guaianases
EMEF Antônio Pereira Ignácio
EDUCADORA

CREUSA APARECIDA DE LIMA RUIZ

Disputa canina

Tarde de inverno! Porém regateira... o sol dava o ar de sua graça, iluminando as grandes janelas da sala. Então, a brincadeira mais tarde no parque era certa, segunda coisa mais importante para as crianças; a primeira é respirar. Contagem regressiva. Aproximava-se o grande momento da liberdade: abraçá-los lá fora longe das frias paredes limitadoras de sonhos, o calorzinho gostoso lhes acariciava os rostinhos risonhos, pólenes de esperança...

Mas, lentamente, o tempo mudou o tom da cor. A tarde as traiu, trazendo pé ante pé a névoa que esfriou suas expectativas, não mais certeza do parque, mas sim da mudança de clima. Pedi que fossem vestir as blusas e, então, com a urgência de quem se apronta pra uma guerra, as crianças correram até as bolsas dispostas perto das janelas.

Mas eis que, pela vidraça, uma cena lhes chamou a atenção, causando grande frenesi. Lá fora, três cães ladinos e estrambelhados, numa felicidade débil e despreocupada, rolavam na grama encenando uma luta no morrinho do lado de fora da janela, fazendo brilhar os olhos das crianças, que começavam a se organizar em torcidas, como na semifinal de campeonato de Corinthians, Palmeiras e São Paulo, apostando qual cão ganharia a luta, numa gritaria digna de Itaquero: Vai, vaiiii, vai! O meu vai ganhar... esgoelou Brayam. A torcida foi ao delírio quando o cão preto saltou como equilibrista circense no ar, levando vantagem sobre o cão malhado de marrom e branco.

Como a cumprir uma sagrada missão lúdica, permaneceram ali...velando num breve, mas eterno tempo pela felicidade dos pequenos. E como tudo que é bom...

A disputa chegou ao final. Com a mesma alegria que os cães saltitantes chegaram, foram aquecendo a tarde da meninada dentro da sala, como um prêmio para compensar as crianças pela ausência do sol, do calor e da esperança de brincar naquele dia no parque.

DRE São Mateus
EMEI Prof.ª Paula Cristina Rodrigues
EDUCADORA

CRISTIANA DE PAULA PENA REIS

Crônica de uma árvore de natal

Era uma véspera de Natal como outra qualquer, ou pelo menos deveria ser. Por volta do meio dia, eu preparava a ceia noturna; em meio às travessas com farofa, batatas, peru e companhia limitada eis que escuto uma voz:

– Crêêêê, Crêêêê... – calma, não era nenhuma assombração pedindo para que eu cresse no nascimento de Jesus, era a minha mãe chamando, não estranhem, é assim que ela me chama, coisas de mãe – hoje é véspera de Natal e ainda não montamos a árvore.

– Mãe, procurei essa árvore em tudo quanto foi metro quadrado (se duvidar até nos cúbicos) desta casa e nada. Sumiu. Acho que este ano vamos ficar sem árvore mesmo.

– Crê, mas não pode, prometi montar a árvore por sete anos seguidos, o ano passado foi o primeiro, não pode quebrar a promessa!

– Mas mãeee..., o que você quer que eu faça! Estou fazendo a ceia... (e nem que eu tivesse o poder da transmutação acho que conseguiria me transformar em uma árvore).

– Filha, mas... e a promessa?

– Está bem..., vou ver o que posso fazer, dou um jeito (o velho jeitinho brasileiro).

Como eu não encontrei a árvore e não tinha como me transformar em uma, o jeito era sair em busca de uma nova árvore... Uma e pouco da tarde, eis que largo a preparação da ceia pela metade e parto em busca da tão solicitada árvore. A minha esperança era encontrar alguma loja do bairro aberta... É, lojistas de bairro também preparam ceias de Natal, tudo fechado. Veio o insigth: shopping!!! E parto eu ao shopping mais próximo. Ao contrário de anos anteriores, não havia o tumulto de última hora, pelo contrário, o ritmo estava devagar quase parando, desanimado, destoante da alegria do Natal. E lá vou eu desbravando os corredores em busca do objeto cobiçado por minha mãe; vou em uma, duas, três lojas e... nada de árvore! Como é possível? Todas as árvores de Natal do shopping foram abduzidas pelos car-

tões de créditos alheios? E o mantra “árvore, eu preciso de uma árvore” em minha mente. Havia ainda uma última loja que eu não havia visitado; era a última tentativa para que a minha mãe não quebrasse sua “bendita” promessa. Adentro à loja... Aleluia ! Tem árvore! Amém! Só que a gratidão foi interrompida por um pequeno detalhe: as árvores tinham 1,80 m... “Xi... e agora?!!” Enquanto isso, o tempo passava e nada de árvore e nada de ceia. Aí... eis que vi, à mostra, a ÁRVORE, do tamanho e do jeito que eu precisava.

– Ei, moça! Vocês vendem essa árvore que está aqui à mostra? – chamei a vendedora.

– Vendemos sim, mas você já olhou se não tem do mesmo modelo, embalada nas caixas?

– Olhei, não há.

– “Pera!” que vou ver pra você (Ai, moça, pra quê? Não precisa, já olhei...). É, não tem mesmo (eu já sabia...). Vamos ter que desmontar essa que está à mostra. Ah! Como não há caixa para ela, vamos ter de colocá-la em sacolas (É, né, fazer o quê?)...

E lá vou eu andando feito um mamute com duas sacolas enormes até o carro. Lá pelas quatro e tantas, chego a casa e delicadamente monto a árvore, enfeitado com bolas, estrelas e pisca-piscas... Ao terminar de montá-la, pude ver o brilho daquela árvore refletida nos olhos da minha mãe. Mas o que justifica uma pessoa largar o que estava fazendo e atender a um pedido quase impossível? Minha mãe, naquela oportunidade, estava gravemente doente...

Aquele poderia ter sido o último Natal ao seu lado, mas Deus permitiu que não... Hoje agradeço e valorizo cada minuto no qual posso estar junto... meu presente de Natal e de minha mãe chegou, com um pouco de atraso, mas foi o melhor que poderia ter acontecido. Acho que ainda faltou alguma coisa... Vixe, me deixa terminar a ceia antes que o peru se transforme em abóbora de Natal...

DRE São Mateus
EMEF Prof. Felício Pagliuso

EDUCADORA

CRISTINA ALBANO RIBEIRO

24 de junho

decidi escrever poesia assim como uma criança solta um balão. acendi a tocha poética, fui a um céu aberto e lá escrevi um verso.

soltei (me).

nem era preciso ser noite de são joão. meu lápis é deus. e a noite será da forma que a criança imaginar. na verdade, está frio e chuvoso, mas desenho outra noite e coloco mais estrelas do que vejo nesse céu poluído da cidade grande. pinto ainda meu balão da cor do canto de um pássaro se preciso for.

rabisco se quiser um balão maior que a página. não há limites no céu da palavra, assim como não há trajeto certo para o balão que caminha entre as nuvens. não há volta pra casa ou nova morada quando não há destino. não há chegada quando o importante é só partir.

superei os engenheiros da torre de babel. mais alto, beijei os lábios da lua e pude ainda saber se o gosto de uma nuvem é igual ao de um algodão doce. não era. mas eu quis que fosse. e foi.

mas poesia não é somente voo, é também queda. não há apenas céu aberto, há também dilúvio. se em babel diversos idiomas causaram confusão, meu caos foi viver só de metáforas, meu erro foi compor metas pesadas demais ao balão.

de que vale agora o poeta ganhar a página inteira e perder a sua alma? de que vale o balão preencher o céu e esvaziar-se dentro de si?

eu, como pássaro, quis viver de voos e despropósitos, quis voar acima dos signos de ar, mas perdi de vista o ninho; quis pousar, mas construí aeroportos nas nuvens.

o balão perdeu-se no céu. resta-me torcer para que ele não caia na gaveta. poesia não cai num móvel velho, nem na lista do vestibular, isso é só literatura. poesia é diferente; quando cai, o fogo chega e a chama alastra corações.

o balão se perdeu na imensidão da página, nem pertence mais ao menino. o verso também não pertence mais ao poeta, que se perdeu na imensidão da vida.

o menino vai ser poeta quando crescer, mas não vai saber fazer poesia. na infância, vai soltar balões e bombinhas nas noites de são joão, para depois de alguns anos soltar versos num sarau. a não ser que ele consiga ser o próprio balão e não se incomode em ser voo e queda no mesmo céu-página.

Poesia é arriscar-se num voo para dentro do labirinto de si.

Cabeças duras

Caminhamos diariamente por nossa cidade sem muitas vezes observar a pessoa ao nosso lado. Como motoristas então, a situação é pior ainda, só notamos o outro quando nos incomoda, nos fecha, aí a coisa pega fogo! Xingamos, gritamos, buzinaamos, muitas vezes sem perceber que fazem o mesmo conosco. E não precisamos ir muito longe para ver tudo isso acontecer, no nosso bairro, na nossa rua, já vemos esse quadro diariamente.

Durante o último ano, transitei muito por São Paulo, não a trabalho nem a passeio, mas acompanhando ou visitando meu pai em hospitais. A situação não era das mais alegres, mas ele tinha o dom de torná-la divertida ou aproveitava para me dar lições de direção, regras de trânsito ou coisas do tipo.

Durante dez dias úteis fomos de Osasco a um hospital na região da Av. Paulista. Íamos conversando e ele sempre querendo ditar o melhor caminho (por que é tão difícil para alguns homens ter uma mulher ao volante?), e o pior, pegando no meu pé:

- Não dirija com sandálias ou chinelos que não sejam presos; não pode, você pode ser multada!
- Cuidado com o limite de velocidade, só pode andar a 50km por hora nessa avenida!
- Calma! Sei que é seu rodízio, mas chegaremos antes das cinco.
- O farol estava amarelo, precisa ter mais cuidado.

Mas o que mais o incomodava era o celular! Sim, condenamos a pessoa ao lado por estar ao celular, mas quando o farol fecha ou há trânsito, lá estamos nós com o pequeno aparelho na mão, olhando mensagens, atendendo ligação, vendo a hora, enfim, as desculpas são as mais variadas possíveis, e meu pai ficava muito irritado! Lembro-me dele falando:

- Você ainda vai bater o carro!
- Abriu o sinal!

E as desculpas continuavam. Mas não achem que ele era a perfeição! Muito pelo contrário, “o senhor regras de trânsito”, ao passar pela Cerro Corá, ou outra avenida de uma faixa apenas, dizia:

- Pegue o corredor de ônibus!
- Ligue a seta para a direita!

Aí era a minha vez de dar a lição de moral:

- Não, vou levar multa!

Sim, minha preocupação era a multa. Que vergonha! E assim é boa parte da população brasileira, não é à toa que existam tantas regras de trânsito, tanta fiscalização, tantos radares, tantas multas... Seria ótimo se houvesse mais consciência. Se duas pessoas próximas se cobram tanto e não dão exemplo umas às outras, imagine em grande proporção. Mas um dia chegaremos lá!

E quando a situação invertia? Quando em suas interações eu passava a ser pedestre, indo ao hospital, na Liberdade, de metrô. A cada dia utilizava uma linha diferente, descia em um local diferente e admirava a cidade, andando com o celular na mão, querendo atravessar em qualquer lugar, ignorando a faixa de pedestre ou o semáforo. A situação invertia e eu agia justamente como todos aqueles pedestres que me incomodavam quando dirigia, sem prestar atenção ao redor. Mas, felizmente, nesses momentos não tinha meu pai junto para me corrigir.

É doido, mas sinto falta disso tudo, falta das broncas dele, tanto que, toda vez que vou colocar a mão no celular enquanto estou ao volante, ouço sua voz me corrigindo, pena que é só no pensamento. Sinto falta de andar pela Paulista com ele admirando essa bela avenida, falando da história de São Paulo e ouvindo suas histórias de quando era *office-boy* na década de 70, como tudo mudou. Sinto falta das suas ligações e mensagens agradecendo por estar com ele e feliz por ter chegado bem em casa.

Valeu cada bronca, cada orientação, cada ordem para violar uma lei de trânsito, porque significa cada dia mais que o tive ao meu lado. Aprendi muito: não só a respeitar as regras de trânsito, mas a curtir cada minuto ao lado de quem amamos, porque não sabemos até quando estarão conosco.

DRE Butantã
EMEF General Euclides de Oliveira Figueiredo
EDUCADORA
DÉBORA DE ALMEIDA AZEVEDO

Universo paralelo

Alguns seres, ou objetos, como a maioria das pessoas insistem em classificar, têm o poder de viver no planeta Terra e num outro mundo que eu chamo de ‘Universo Paralelo’. São seres que – quando você mais precisa – somem...

A primeira categoria, e eu diria que a mais rápida, é a das tarrachinhas de brinco. Essas sempre vão para o outro plano. O bom delas é que poucas são rebeldes... Uma ou outra foge. Elas são rápidas e a cada ano que passa se aprimoram. Quando eu era criança, o comum era caírem no chão e desaparecerem. Hoje não! Hoje existem táticas tarrachianas, e é preciso estar preparado! Se o brinco cai, você precisa imediatamente colocar a mão na orelha, pois elas ficam lá, na miúda, à espera da desmaterialização para a ida ao outro plano. E são terríveis essas tarrachinhas... sempre se vão quando a gente mais precisa delas. Ou você ainda não percebeu que nunca perdeu uma tarrachinha chegando a casa de uma festa?

Depois vem a categoria isqueiro. Esses são intragáveis... todos vão, inevitavelmente. Outro dia, o vermelhinho de uma amiga chegou ao ponto de vir parar comigo, pra dois dias depois se desmaterializar cara de pau.

E, em terceiro lugar, estão as canetas. As azuis. As verdes e as pretas sempre aparecem. As canetas são perigosas, pois se rebelam em grupos. Você pode comprar uma caixa com cinquenta, vão-se todas. Alguns estabelecimentos, como os bancos, aderiram a colocação de coleiras, mas sabemos que fica muito desagradável escrever com elas presas dessa forma... Piores então, são os comerciantes que escolhem adornos variados para as “pobres” fujonas: de plástico, de pano, estampadas, e as famosas coleirinhas dos bancos e lotéricas, de correntinha!

É, meu amigo... é preciso estar muito atento para não perder tantas coisas. E preocupado, pois nunca se sabe o que esses seres estão tramando...

DRE Ipiranga
EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges

EDUCADORA

DÉBORA OCSEMBERG CHIRUMBOLO

Cinturinha

No bairro em que eu resido, perambula por suas ruas um personagem icônico, Crispim, ou mais conhecido por Cinturinha. Recebeu esse apelido dos moradores e conhecidos do bairro por se tratar de uma pessoa franzina e ter a cintura um tanto fina. Ele sobrevive fazendo pequenos serviços para os moradores do bairro, como limpar jardins, recolher entulhos e sucatas nas residências.

Conheci essa personalidade por intermédio de minha mãe, que sempre solicitava seus serviços para auxiliá-la, principalmente em seu jardim, pois este era o seu xodó. Ela dispensava várias horas de seu dia cultivando suas plantinhas.

Ficaram gravadas em minha memória as divergências que ocorriam entre minha mãe e o Crispim (vou chamá-lo assim porque é a forma que prefiro chamá-lo) quando o assunto era o jardim. Lembro-me de uma ocasião em que os dois divergiram pela posição de uma pedra. Minha mãe queria colocar em um lugar e Crispim em outro e os dois não queriam ceder, até que minha mãe ficou nervosa:

– O jardim é meu! Faça do jeito que eu estou falando.

Porém, Crispim não se deu por vencido, veio se queixar para mim:

– Sua mãe é muito teimosa, ela não vê que naquele lugar fica melhor.

Na ocasião respondi para ele:

– Não quero saber da encrenca dos dois, resolvam.

E lá foi ele de cabeça baixa, sabendo que tinha sido derrotado e que nada mais poderia fazer além de obedecer.

E foi assim, entre divergências, que Crispim sempre estava prestando serviços para minha mãe. Até que, em determinada ocasião, ele resolveu viver com uma moça na cidade de Suzano. E, por alguns anos, não tivemos notícias dele. Nesse intervalo, mamãe morreu e a vida no bairro continuou.

Até que em 2015, dois meses após a morte de mamãe, Crispim retornou ao bairro e nos procurou. Ficou muito triste ao saber da morte de minha mãe e também nos contou a história que viveu durante aqueles anos.

Ele estava fugindo de sua mulher, que tentou matá-lo, com uma facada em seu braço. Conhecendo-o bem, logo falei para ele:

– Você aprontou alguma.

Ele logo se defendeu:

– Ela é muito nervosa.

Crispim voltou a perambular pelas ruas do bairro, mora onde dá para morar, continua fazendo pequenos serviços e a maioria dos moradores do bairro o auxilia, porque, apesar de todas as suas dificuldades, ele está sempre de bem com a vida. Gosta de óculos escuros e sempre está pedindo – Me dá uns óculos escuros, quero ficar parecido com Raul Seixas. – E, na verdade, ele fica mesmo parecido com o Raul.

No Natal do ano passado, minha filha deu uma bermuda e uma camiseta para ele. Quando ele viu as roupas, foi logo falando:

– Eu sou mesmo bonitinho e vou ficar mais bonitinho ainda.

Minha filha deu muita risada e ficou muito admirada com sua autoestima.

Algumas vezes, na madrugada, ouço Crispim brigando com seus fantasmas e digladiando com seus monstros noite adentro. Ninguém é capaz de saber quais são as aflições que percorre o seu coração e sua mente, tudo o que podemos fazer é ouvi-lo e propiciar a ele alguns momentos de aconchego.

Nosso personagem segue a sua vida ajudando e sendo ajudado pelos moradores do bairro.

No momento em que escrevo essa crônica, Crispim veio me chamar para mais uma conversa.

Você aí em cima sabe o cheiro que a cidade tem?

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

As pessoas o olham com estranheza, mas ele parece estar isento de qualquer julgamento. E segue repetindo a passagem incessantemente, puxando o seu carrinho de mão.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

As pessoas o olham e sentem medo de enxergá-lo. Elas não reparam na sua calvície, nas suas olheiras, nas suas roupas sujas, no seu sapato sem par, mas sentem seu odor e escutam sua voz.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Talvez as pessoas o olhem porque são atentadas por suas frases soltas, livres, que eu, daqui de cima, julgo ser a esmo. Ou talvez pelo odor que exala a um raio de uns cinco metros, formando um certo campo de proteção ou barreira; atravessando essa barreira, as pessoas o ouvem, olham e desviam.

Será que é somente isso? Quem vive por aqui conhece esse comportamento perturbado, desajustado, eu mesmo até o repito, em voz baixa, em meio à solidão dos transeuntes barulhentos que se cruzam sem se olharem. Outra coisa, todo mundo aqui já se acostumou com o odor ácido da exclusão que impregna todo o Centro. Então, por que diabos as pessoas o olham tanto? Ninguém passa isento. Por que será que ele incomoda mais que os outros?

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

E eu, por que o olho? Por que ele chama a minha atenção? Entre tantos outros, ele, vasculhando o lixo, atrás de qualquer coisa. Eu não vou sossegar. Por que ele? Eu, daqui de cima, que nem cruzei a barreira. Por quê?

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Desisto de respostas! Volto ao computador, mas a voz, as palavras ficam ressoando em meu ouvido. Um mantra, uma oração, um padê.

Volto à janela da minha sela 303, no 3º andar desse espigão de trinta andares, que se vê imponente de qualquer canto do Centro. Eu o observo e me surpreendo com o pensamento de que aqui estou protegido. Protegido do quê? Da realidade? É isso: ele esfrega o mundo real na minha cara e na de todo mundo. É isso! Deixo de lado, meus senhores, meu sacrossanto trabalho chato e burocrático. Deixo de lado a frieza dos papéis, o conforto da minha poltrona de couro e o observo em pé à janela. Ele é igual a todos, com seu cachorro amarrado ao carro de mão, compartilhando da mesma imundice, da mesma miséria, dividindo com ele qualquer resto de comida, latindo para qualquer um que se aproxime da propriedade do seu amigo, do seu fiel amigo, que segue a repetir:

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Eu não vou conseguir parar. Suas preces não me deixam. Essas palavras são para mim, que estava aqui me sentindo tão confortável nas alturas, brincando de Deus. Aguço meu olhar, eles se multiplicam, são vários, uma massa que se confunde com o cinza, com o fedor e a loucura dessa cidade. São vários, são iguais, invisíveis em meio à barbárie excludente das grandes metrópoles, que enlouquecem como todos e reproduzem suas preces, ouvidas em algum canto, para pessoas imaginárias para não se tombar de uma vez. E eu, com quem falo? Se alguém me escutasse agora falando sozinho...

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Ele segue. Mexe no lixo do símbolo maior da boa ventura, do lucro certo, do consumo feliz. Ele mexe no lixo do símbolo maior do “nada me faltará e muito me sobrar”. Sacos pretos sujos se confundem com ele, quase o perco de vista. O cachorro late. Não há ninguém próximo à propriedade, mas o cachorro late nervoso.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Ele repete com maior fervor.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Ele abre um grande saco e começa a espalhar o lixo furiosamente pela rua. Algumas pessoas o xingam e chamam a atenção do vagabundo. Vagabundo? É, foi o que alguém disse. Os seus trejeitos rústicos, sua postura primitiva, os sons guturais que produzia evidenciavam um ato quase instintivo. E, a cada porção de sons ininteligíveis, uma sentença:

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Ele enuncia cada vez mais grave e mais intenso que já nem preciso me esforçar para ouvir no meio do burburinho que me chega à janela. Sua sentença reina soberana, paira em minha janela e me hipnotiza.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

De dentro do saco ele tira uma caixinha, leva até a sua propriedade, onde se encontrava também o cachorro. Abre. Um pedaço de alguma coisa. Ele divide a mínima sobra em dois pedaços iguais: metade para ele, metade para o cão. Ergue o seu pedaço para os céus, na minha direção, e sentencia satisfeito em agradecimento:

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!

Dona Sofia

Esses dias, meu namorado me contava sobre seu tio que estava doente.

– Amor, meu tio-avô está doente, sabe, já com 95 anos e eu vou visitá-lo, porque pode ser a última vez que o verei. Mas, amore, a “velhinha” dele tem 96 anos e está ótima, troca “mó” ideia!!!

No mesmo instante, fiquei pensando na velhinha japonesa trocando ideias e quantas ideias!!! Pensei nas experiências vividas através da imigração, das mudanças de costumes de tempos em tempos, da convivência com diferentes povos e até mesmo da experiência de vida, relações pessoais e afetivas, trocas sociais e muito mais. Pensei também em todas as velhinhas que trocam ideias, estas velhinhas essenciais para nós, os desatentos, embora vividos e experientes. Velhinhas que talvez sejam o remédio para o imenso número de jovens que não encontram alguém disposto a conversar, dialogar, enfim, trocar ideias. Imaginei que o tempo não perdoa e que estas velhinhas, muitas vezes, vão embora, sem que prestemos atenção no bálsamo que é uma hora de conversa com alguma delas. Sem nos atentarmos aos seus feitos capazes de despertar em nós alguma ideia.

É o caso da nadadora brasileira Laura de Oliveira, de 100 anos, que é a nova recordista mundial na modalidade 50 metros peito, na categoria de 100-104 anos. Ela conseguiu completar os cinquenta metros em 2 minutos, 49 segundos e 41 décimos. Feito grandiosíssimo! E o que isso significa no campo das ideias? Significa que, ao ver a vitalidade da senhora Laura, nos inspiramos em viver com mais qualidade.

Mas a história da dona Sofia é uma das mais instigantes. Ela realmente é uma “velhinha que troca ideia”. Conheci a dona Sofia em uma biblioteca e logo descobri que ela é dessas senhoras que têm sempre alguma história para contar. Sentei ao seu lado, enquanto aguardávamos o início de um sarau. Começamos a conversar e descobrimos o quanto gostávamos de poesia e dos mesmos autores. Falamos sobre Manoel Bandeira, Cora Coralina, Carlos Drummond e cada uma de nós tinha um verso para citar. Falei da Dona Edith, outra trocadora de ideias e poesias da periferia. Detalhe, dona Edith é cega e há anos participa do Sarau da Cooperifa, guardando poesias como “O navio Negroiro” de Castro Alves, dentre outras, em sua memória. As poesias de Sérgio Vaz, inteirinhas, de dentro da cabeça da dona Edith para serem expressas por sua voz. Dona Sofia conhecia dona Edith e também era impressionada pela sua história. Foi então que contei que sou professora. Pronto, dona Sofia também, já aposentada! Ela me contou que abriu na garagem de casa um espaço para ajudar jovens e adolescentes a melhorarem suas notas na escola. Ela ajuda a fazer trabalhos, ler os livros e ainda dá uma forcinha para aqueles com maiores dificuldades na escrita. E, assim,

os adolescentes fazem trabalho, convivem, aprendem e desabafam para dona Sofia. Ela contou, inclusive, sobre uma jovem que chegou muito triste em sua casa e se sentia só e sem amigos. Encontrou amizade em dona Sofia e nos inúmeros autores apresentados por ela. O caso é que a moça passava por uma situação na qual a relação com o pai estava difícil; embora este a amasse e quisesse o seu bem, estava se tornando possessivo e violento. Certo dia, o pai foi à casa de dona Sofia buscar a moça. Ele gritava no portão violentamente. Ela foi atender, mas, ao chegar, reconheceu seu jeito, sua voz e disse:

- Espera aí, eu conheço esta voz, este jeito. Maurício Ferreira, é você?
- Dona Sofia, sou eu!!! A senhora foi minha professora!!! Sempre me tratou com carinho!
- Entre, Maurício, precisamos conversar – disse dona Sofia.

E assim, conversaram por horas, lembraram-se das dificuldades enfrentadas por Maurício e sobre a necessidade de mudança em relação à filha. Maurício criou a filha sozinho e tinha muito medo de falhar em sua missão. Dona Sofia apresentou as poesias, Maurício gostou e tornou-se um leitor inveterado. Qual não foi minha surpresa quando descobri que Maurício Ferreira era o nome do poeta, convidado especial para o Sarau onde estávamos. Fiquei muito emocionada!

Maurício Ferreira se emocionou como uma criança ao ver dona Sofia na plateia e falou, em versos, as seguintes palavras:

Teu olhar de luz mostrou-me os caminhos,
Tua sabedoria se encontrou com a minha
Seguindo teus passos aprendi que o amor
Não é nenhum laço, é sentimento vivo que acolhe e inspira.

É... trocar ideias com a dona Sofia me ensinou a ser mais atenta às pessoas mais velhas, mais experientes e que trocam mais que ideias com cada um de nós.

Quanto à velhinha que me inspirou em começar esta crônica, a tia-avó de meu namorado, ah, ela é independente, vai ao cabeleireiro e se alimenta de maneira bem saudável. Seu esposo voou como um passarinho e a deixou viúva. E ainda no velório, ela disse a cada uma das pessoas:

– Obrigada por terem vindo. Espero vocês em minha casa para tomarmos um café e conversarmos um pouquinho.

Beijo platônico

Era jovem. Estava no Ginásio. Tinha talentos artísticos, mas era tímida de dar dó. No palco, me soltava. Fiz o teste. Fui escolhida para ser a estrela da peça de teatro do grupo estudantil.

Ensaios começaram e eu me saindo extremamente bem. Elogiada, contracenava com o galã do colégio. Todas as garotas querendo estar no meu lugar. A certa altura da peça existia um beijo de amor entre nós dois. Que beijo desejado!!!!

Nos ensaios, Antônio, era este o nome dele, dava o beijo de selinho. Eu fechava os lábios e os olhos, querendo abri-los e senti-los.

Foram meses de ensaio. Enfim, a peça pronta seria presenteada ao público. O beijo teria que ser pra valer! Era o que eu mais desejava, mas que não ousava declarar. Não conseguia dizer, muito menos realizar.

O diretor da peça ordenou. Próximo ensaio é o último. Todos deverão cumprir seus papéis com louvor.

Fui pra casa, fiquei doente. Da cama não saí mais. Meu papel foi dado à outra, que o beijou na boca, sem igual. Meu beijo platônico, tão desejado, morreu na calçada dos sonhos.

DRE Pirituba / Jaraguá
EMEF Estação do Jaraguá
EDUCADORA

ELISABETE RABELLO MACHADO BRANDÃO

Recorte cotidiano

Joaquim acordou às seis horas da manhã, levantou-se e foi direto para o banho, que durou mais ou menos dez minutos; saiu do aconchego do banheiro quente, trocou de roupa, tomou um café preto para terminar o despertar e saiu para o seu trabalho. Caminhou em direção ao ponto de ônibus e apreciou o amanhecer, as pessoas, as flores e as árvores pelo caminho. Chegou ao ponto e se deparou com um casal e seus dois filhos. O pai aparentava ter uns quarenta e poucos anos, vestia uma calça *jeans*, sapatos e uma camisa amarela, parecia ser um profissional liberal. A mãe usava sapatos de salto baixo, uma saia cinza que combinava com sua blusa amarela, aparentava uns quarenta anos. As crianças, ele com dez anos e ela com oito, aparentemente, usavam uma espécie de uniforme escolar, ele de azul e ela de rosa.

Os pais estavam discutindo com um homem barbudo que fazia parte da mesma geração de ambos. Ele trajava um tênis de grife, uma calça *jeans* surrada e uma camiseta vermelha.

O nosso até então andarilho Joaquim até se assustou conforme foi chegando cada vez mais perto do ponto. Até o momento, a sua rotina estava igual à de todas as manhãs, e aqueles gritos que vinham dos dois lados fez com que se abrisse uma rodinha de pessoas ao redor das cinco figuras paradas ali no ponto de ônibus lotado, em um dia de serviço, às sete horas da manhã. Joaquim resolveu encostar-se ao poste e apenas observou a discussão enquanto o seu coletivo não chegava.

Ambos os lados bradavam que tinham razão em suas colocações e, em alguns momentos, parecia que iriam chegar às vias de fato. Joaquim refletia.

Refletia que, o que resolve definitivamente a vida de cada um é estudar, trabalhar, pagar suas contas e, principalmente, respeitar a opinião alheia. Joaquim observou as flores e as árvores ao redor e concluiu que todas são belas justamente pela diferença que existe entre elas, e o mesmo servia para os animais, e se questionava por que somente para o ser humano é que não valia essa simples regra da natureza.

Para que se indispor com outro ser humano?

Joaquim sabia que, como em tudo na vida, exceções existem, mas não é daquela maneira que a discussão será encerrada, uma pena. As coisas na vida não se resolvem assim.

O ônibus chegou, Joaquim adentrou o coletivo e viu, cada vez mais longe, desaparecendo, aquela multidão que se formava no ponto de ônibus em plena segunda-feira pela manhã.

DRE Guaianases
EMEF Dias Gomes
EDUCADOR

FELIPE FERREIRA DE OLIVEIRA

Ixii, deu *match*!

Carolina acordou naquela manhã de sábado ensolarado, continuava triste. “Hoje faz três meses que o Léo terminou comigo!”, pensou.

Foi ao banheiro, lavou o rosto e olhou no espelho, estava com olheiras.

– Três longos meses! Até hoje não entendo o motivo do término. Ele colocou um ponto final na relação por uma chamada de vídeo! Esta modernidade! E ainda me disse que o problema não era comigo e sim com ele! Olhando no espelho vejo que o problema está nesta olheira enorme! Meu Deus!!!

Era hora de mudar o rumo da sua vida, mas o que fazer? Queria sair para dançar, mas suas amigas estavam todas casadas. Lembrou que uma colega de trabalho falou sobre um aplicativo de relacionamentos, será que ainda se lembrava como era a vida de paquera?

– Vou baixar aquele aplicativo! Vou usar só hoje, uma única vez! Depois desinstalo!

Foi até a cozinha, fez um chá quentinho, ligou a televisão e sentou no sofá. Precisava escolher uma foto e fazer uma descrição.

“Uma foto? Melhor começar a vasculhar no computador!”

Tudo pronto! O aplicativo que ela baixou era uma espécie de vitrine, precisava olhar a foto e uma breve descrição da pessoa. Se ambas se gostassem, no aplicativo apareceria “*match*” e eles poderiam conversar. Do contrário, não seria possível se comunicar e também tinha a possibilidade de apagar a pessoa.

– Meu Deus! Como é difícil escolher uma pessoa! Era mais fácil encontrar e conhecer alguém ao acaso. Era o que tinha para hoje! Esse não, esse não, esse sim...

Uma foto lhe chamou atenção e a descrição do rapaz ainda mais!

“Olá, sou um rapaz carinhoso, atencioso e trabalhador. Procuro moças que queiram uma aventura ”.

– Hahaha isto está parecendo um anúncio de jornal! Céus! O que será isso? Melhor desistir deste aplicativo.

De repente uma imagem a fez parar. Era a foto de um rapaz muito bonito, parecia daqueles de revista. Cabelos pretos lisos, pele branca e olhos verdes e, em uma outra foto, era possível ver o corpo dele, atlético. Não tinha muitas descrições, apenas uma frase daquelas tipo clichê.

– Aí! Bem que poderia dar *match*. Seria uma super volta por cima!

Alguns segundos depois, o aplicativo mostrava “*match*”, eles poderiam começar a conversar. Uma mensagem chegou – “Olá! Tudo bem, mocinha?”

– Mocinha? É assim que se começa uma conversa? Melhor entrar no clima!

A conversa começou e eles ficaram por horas trocando mensagens até que resolveram se encontrar. Que tal jantar?

Acho ótimo!

Marcaram o local e Carol começou a se arrumar. Escolheu o seu melhor vestido, chamou um táxi e foi ao encontro. Chegando ao local, avistou o rapaz. Ele não parecia nada com a foto do aplicativo e era bem mais baixo do que a descrição. No rosto de Carol era nítida a decepção, a sensação de tristeza tomava conta dela e nessa hora ela não viu o degrau, tropeçou e como um “doce de Maria Mole” caiu. Seu rosto bateu no chão e ela quebrou o dente.

– Está tudo bem?

Sentia sangue na boca e saiu correndo. Quando chegou em casa, viu o estrago! Seu dente havia quebrado e ela só chorava. Lavou a boca e foi dormir, ou melhor, tentou! Ficou pensando naquele encontro e não tinha coragem de sair daquela cama.

– Onde estava com a cabeça quando pensei em usar um aplicativo para marcar um encontro? Era melhor continuar no modo tradicional! Onde está o telefone do dentista, mesmo?

Orgulho endurece um coração

Sempre agi com honestidade, e me acho merecedora da felicidade, mas minha realidade está sendo dura e cruel, meu coração fala mais alto e sofro pela impulsividade. A pessoa que amo me ignora, troca o certo pelo incerto, o órgão que guarda meus sentimentos está congelado, me afasto de mim e me dou o isolamento. Solidão. O espírito do amor se perdeu. Mais lágrimas. A carta que escrevi não foi lida.

Quando desisti de ser criança e parti para o mundo dos adultos, não achava que seria tão difícil, me fiz adulta antes do tempo, perdoei traições, broncas, amei como uma desesperada...

Mas, naquele Natal, na hora de estourar o champanhe da realidade, as taças estavam quebradas e eu parti, sem saber se meus familiares me aceitariam de volta.

Ao chegar ao meu antigo quarto, que já não era o mesmo, me olhei no espelho: era outra criatura que voltava para lá, para aquele ninho estranho. Todo o amor que um dia me cegou tinha desaparecido.

A vida nos reserva algumas surpresas. Assistindo a um programa de TV, eu me vi na tela daquela realidade virtual, como se fosse projetado o filme da minha própria vida.

Sem ter o meu espaço respeitado, agredida, me senti uma Maria da Penha. O pior momento é quando a gente não quer acreditar que é verdade, mas se aprendemos a falar “Não”, a realidade muda.

Sou mulher, sou guerreira, sou professora.

Meu despertador está me chamando, vou me maquiar, dar a volta por cima, pois a Vila do Sol me espera.

Bom dia! Eu sou a minha melhor companhia!

DRE Campo Limpo
CEU EMEF Vila do Sol
EDUCADORA

GENI ALVES CAETANO

A indesejada

Em um daqueles domingos bem preguiçosos, comecei a brigar com a cama, com uma voz lá no fundo invadindo meu sono:

– Maneco, meu filho, acorda! Tá na hora!

Do sonho, saltei para a aspereza da realidade.

– Que é, mãe? Me deixa dormir, pô!

– Levanta, é dia de feira, menino!

Quando mãe ordena, não tem conversa: depressa, tirei o pijama furado e botei a roupa surrada para encarar o dia. Café no caminho e pé na estrada. Chegando à feira, no cantinho do ganha pão “domingueiro”, era a vez do meu pai, curto e grosso, exercer sua autoridade:

– Monte a barraca, arrume as frutas! As “vistasas” por cima para atrair a freguesia.

– Tá bom, pai, tô indo!

Tudo no jeito como ele pediu. Enquanto a desejada não chegava, matava o tempo conversando com Seu Jeremias, o senhor das batatas. Não demorou e o povo começou a circular e a orquestra de gritos iniciava energicamente sua função:

– Ô freguesa, chega mais!

– Ô meu senhor, ô minha senhora, vem que verdura está fresquinha.

– Bom dia, dona Maria, pode chegar! Aqui o produto é de primeira!

E a clientela a desfilar pela passarela entre cores, diversos tamanhos e cheiros. Escolhe daqui, examina ali, dá uma provadinha e nada de levar. Do lado de cá, impaciência e irritação. (Afinal, teria levantado cedinho por nada?) Resolvi fazer graça também:

– “Hoje é dia de mamão, leve um para o seu irmão! Coma muita melancia, para você ganhar o dia”.

Mas eis que, de repente, não mais que de repente, naquele vendaval de palavras, surge a menina mais linda da feira, vindo na minha direção. E, a cada passo que ela dava, sentia uma bateria de escola de samba no peito. Em fração de segundos, tinha de encontrar as palavras perfeitas para impressionar a garota. De que jeito? Seu compasso já me engolia, de modo que só saiu um arremedo de frase:

– Mulher bonita não paga...

– Mas também não leva – retrucou “na lata” e completou – Quanta originalidade!

Aquilo acabou com qualquer resquício de esperança de conquista. Como se não bastasse a humilhação pública, sabia que o tormento continuaria, pois ainda restava um corredor e meio de feira. Precisava remendar o meu quase soneto. Seu Jeremias, testemunha quase perversa do meu intento – posto que não continha o riso solto – se compadeceu da minha desventura juvenil e ajudou na prosa:

– “Ô madame, escuta essa, aqui tem poeta feirante,

Rima que não tem pressa, verso muito elegante
coração está em festa, por beleza cativante”.

Ela escutou, deu meia-volta e a bateria de samba voltou a tocar também. Já não sabia em que compasso, mas tocava. Preparado, com um sortido de frutas, reunido ali na hora para agradar a desejada. Estendi o braço, como quem oferece as flores mais cobiçadas de um jardim. Ela caminhou lentamente, atravessou o meu olhar; abriu um sorriso escancarado, seguido de braços de quem abraça e disse:

– Ah, Seu Jeremias, o poeta mais criativo e querido dessa feira e seus arredores!

Ali ela morou no abraço de seu pai – para minha surpresa, seu Jeremias! – e eu me resignei aos braços da indesejada e amarga rejeição.

DRE Butantã
EMEF Teófilo Benedito Ottoni

EDUCADORA

GISLAINE ROSA DOS SANTOS

Nós

Tenho para mim que o tempo sempre esteve a meu favor. Ele não parou, o tempo, o tempo todo... regulou a minha vida. Tenho para mim que a razão me adotou e nela encontrei uma aliada, porém, antes dessa eminente presença, eu vivia em completa ausência de mim.

Sábado, 20 de agosto. Pôr do sol. Costurava. Costuravam. Torturavam. Costuraram. O vestido estava pronto. Branco. Alvo. Perfeito.

– Maia, venha! Chegou nosso grande dia! – diziam vozes.

Maia obedeceu. Caminhou serena. Avançou em silêncio, escondendo um lívido sorriso, vestida de um branco frio que contrastava com sua pele negra e quente. Ainda viva e consciente, mas sangrando e sentindo toda a dor do momento. Um passo após outro, um sentimento de atordoamento, luzes à sua frente, que ofuscavam o ambiente. Algumas fortes e intermitentes, numa visão branca e confusa de fios emendados e ideias costuradas.

– Vamos! Alegre-se. Todos em festa e você em outro lugar?

– Lugar? Qual é o meu? Seguramente não é esse que me é imposto.

– Festa? Pra quem? Isso não é uma festa.

Patuscada, nada mais. Dentre todos os lugares em que poderia estar, estava ali. Angústia era o que sentia. Seria o vestido justo apertando seu peito? Seriam os nós e tramas na seda? Seriam os corpos ziguezagueando diante da valsa? Tudo era tão pesado, um fardo, abafado!

“Um... sete... um...”. Anos se passaram e o enganador se mantinha.

– Cadê a Maia?

– Está em casa. Deixe-a lá.

– Aonde você vai? Está mais arrumada do que eu. E esse vermelho? Que contraste estranho diante de uma boca apagada...

Na verdade, ela conseguiria responder, mas é claro que não tentou. Gosto é gosto e nada daquilo tinha a ver com sua essência. Ela deu de ombros.

Maia, cansada de bestice, fechou-se em seu casulo. Anos presa em pensamentos. Já não sabia quanto tempo conseguiria viver aquela vida, mas lutava para resgatar o tempo fugidio. Sabia que ninguém poderia tirá-la de lá, além dela. O vestido, a trama, a incapacidade de compreender como desatar aqueles nós. A tristeza, a dor, a opressão de uma mulher.

A resiliência. Uma noite, enquanto dormiam, no silêncio, a razão e a visão se apropriaram dela. A tolerância ultrapassou a linha da costura.

– Negra, que é negra, é.

Um prenúncio de guerra se estabelecia para o alcance da paz. Ela acontece, recobre a consciência e sai do casulo. Gatuna e sorradeira, levanta, olha em direção ao espelho e grita ao sentir sua pele rasgando pelo peso do instante.

- Em qual espelho ficou minha face perdida?
- O que fiz do meu cabelo?
- O que faço com essas linhas que marcam meu corpo?
- E meus olhos semicerrados?
- Será que envelhecerei e morrerei sem tirar férias dessa vida?
- Eu nunca fui o que queria ser.
- A dor da mulher negra faz com que ela seja o quê?

Maia corre com o tempo, pega o vestido, anda em direção à chama branca da vela que iluminava a noite. Mexe, remexe e estremece.

– Ai que dor!

O dedo furou, o sangue escorreu pelo branco e frio tecido. As forças lhe faltaram e desfaleceu por cima da seda. Ali ficou.

Pela manhã, quando acordou, percebeu que o nó do vestido estava desatado, a vela branca apagada e restara somente uma fumaça escura na parede. Espantada, descobriu que embaixo dele havia outro, todo rasgado e marcado pelo sangue. Seus olhos pararam. Como não tinha visto antes?

A suspeita de outrora se transformara em certeza. Uma trama perfeita para encobrir uma seda esgarçada. Uma vida por um trocadilho.

– Eu não quero mais essa roupa. Eu entendi o que é ser. Aquela vida sem liberdade, turva e caída. Agora é.

Pela manhã, deixou os vestidos com as linhas desatadas na cama. Pegou os filhos da cama. Passeou pelo céu.

- Maia, como você está?
 - Ferida pelas pontadas da agulha.
 - É?
 - É. Feliz e orgulhosa por ter desatado o nó imperfeito do vestido branco. Alvo perfeito.
- Domingo, 21 de agosto. Nascer do sol.

Dia de acordar sem despertador

Cerca de um ano atrás, segundo me lembrou o a rede social, tive uma rara noite. Tão rara que achei digna de uma postagem na rede social. Lia-se “Hoje é dia de dormir como o ser humano deveria dormir sempre: sem despertador”, e um *emoticon* para marcar o tom bem-humorado.

Ora, de fato é raridade o privilégio do descompromisso com qualquer tarefa urgente por um dia inteiro, tanto que, em retrospecto, não voltou a acontecer no decorrer deste ano. Se bem me lembro, aliás, eu estava doente naquela ocasião, de licença médica.

Nestes dias, inclusive, tive a epifania de que, meu deus, meus fins de semana conseguem ser até mais atribulados do que das segundas às sextas, e minhas férias são desenhadas com meses de antecedência. Claro, atribulados com atividades de lazer mais do que de trabalho, mas compromissos são compromissos, sejam com a carreira e estudos, sejam com os amigos e família, ou mesmo com nossas próprias vontades e planos.

Falo de meu microcosmo e do que quer que seja que eu talvez represente, mas ousar pensar que não sou exceção, que distância intransponível separa o tal ócio produtivo dos filósofos gregos do nosso tempo produtivo do mundo industrial! *Time is Money*, sabemos intrinsecamente, e mais ganha quem menos para, certo? Bem, acho que o adágio não dá mais conta, o capital hoje é mais complicado. Tempo é o capital dinheiro, mas também o capital intelectual dos cursos e estudos que fazemos, o capital cultural dos espetáculos que assistimos, o capital social de nossos encontros com amigos, e tantos outros mais. E nunca dá tempo pra tudo.

Essas ocupações podem nos dar satisfação e prazer imensos, mas se nos escandaliza a criança que, por escolha dos pais, faz cursos e mais cursos de noite e de dia depois da escola e não tem uma horinha diária pra brincar, chego a me perguntar se não é um tanto insano que o Dia de Dormir Sem Despertador seja um evento anual, que essas datas de apenas jogar os pés pro ar e se permitir uma solene inutilidade sejam uma espécie em extinção. Digna até de *post* na internet e crônica, vejam só.

Talvez seja isso, afinal, que me atraia para as montanhas. Muitos montanhistas falam de desafio, superação, conquista etc... e claro, isso é parte também, mas não há nada que se compare a se sentar numa rocha ao fim do dia e só observar a paisagem, e então as estrelas, e despertar com os primeiros raios de luz do sol. Sem pressa, pois o caminho é longo, mas o dia também, quando o tempo é da natureza e não do relógio.

Ah, só de imaginar! Infelizmente não é sempre que se pode acampar a quilômetros e quilômetros da civilização: envolve preparos, custos, deslocamentos, compromissos. Tudo tem seu preço.

Em todo modo, essa solução não deixa de ser uma trapaça, é fácil se isentar de outras preocupações se você se coloca numa situação em que é geograficamente impossível fazer qualquer coisa sobre elas, até mesmo se informar.

O ideal, imagino, seria levar à prática o que já me disseram num centro budista, “Se você tem tempo para respirar, tem tempo para meditar”, porque acho que é disso, afinal, que estou falando, meditação, parar um pouco, limpar a mente. É difícil, parece completa perda de tempo, mas mesmo quem não pense que esse é o caminho para findar o sofrimento e elevar espiritualmente o ser humano há de concordar que nossa perpétua ansiedade por fazer tudo com o máximo de eficiência possível é uma preocupação mais de máquinas e computadores do que de seres vivos, os animais que às vezes esquecemos que somos.

E que ninguém diga que aqueles que chamamos de irracionais não têm sua sabedoria acerca disso. Acho que tenho a agradecer a meus gatos por cada vez que, durante a redação deste breve texto, subiram no teclado exigindo atenção. Se eles não podem me dar o lendário Dia de Acordar Sem Despertador, ao menos, me impõem frequentemente os Minutos de Parar um Pouco Com esse *Tec Tec Tec* e Fazer Carinho Aqui, Ó. Talvez já seja bom o bastante.

E agora, enquanto eles dormem amontoados um no outro em cima da cama, depois de fazerem suas estripulias por toda a casa, acho que entendo o que o grande artista Paul Klee quis dizer quando falou que, se não fosse humano, gostaria de ser um de seus gatos. Quão estranho eles não devem achar nosso hábito de acordar com uma musiquinha chata todo dia e sair de casa antes do sol nascer!

DRE Freguesia / Brasília
EMEF Sebastião Nogueira de Lima

EDUCADOR

IGOR MARTIN PEREIRA

Sorte ou azar – que rolem os dados

Curioso seria a poética do acaso se algumas vezes ela não fosse assim tão trágica. Um verdadeiro balé contemporâneo de movimentos brutos e acidentais. De caso com o acaso, seguimos dia após dia entre a maré de boa e má sorte.

Mas quem define esses dados? O que nos faz pessoas de boa sorte ou azarados?

Tenho uma amiga, muito incrível por sinal, que costuma dizer que vive em uma maré de má sorte. Sim, é verdade que ela é um tanto quanto estabanada com seus longos braços e corpo esguio. Da última vez que a acompanhei ao shopping, implorou-me para não entrarmos em uma loja de bibelôs e artigos para a casa. – Que é isso? Deixe de bobagem, menina, vamos logo e resolvemos o presente de casamento que irá dar para tua prima. Não deu outra, no segundo corredor, escuto o som tinido de um cristal batendo ao chão; a quebra daquela linda taça foi inevitável. Mas, não bastando isso, minha amiga, em um gesto heroico, na tentativa de recuperar aquela taça, esbarrou seu joelho pontiagudo em uma prateleira e lá se foram uma série de jarros, taças e bombonieres ao chão. Na sala de segurança, chorava aos prantos pela sua má sorte, enquanto assistíamos aos vídeos gravados. Confesso que, para não agravar a situação, mordida a ponta da minha língua, cada vez que o segurança e a gerente voltavam a fita.

Não sei se pelo choro agudo ou se pelo medo de que minha azarada amiga cometesse mais infortúnios, fomos dispensados sem precisar pagar absolutamente nada do prejuízo acusado.

Na minha opinião, isso que é sorte!

Esses dias, a caminho do trabalho com minha velha motocicleta 125 cilindradas ia agradecendo a sorte de não ter trânsito nenhum em plena segunda-feira pós-feriado. Maravilha não haveria maior se não fosse por um pequeno barulho metálico vindo da direção da corrente. Acaso corriqueiro, imprevisto de uma correia frouxa, que aprendi a lidar desde meus seis anos de idade, quando ganhei minha primeira bicicleta que, igualmente velha como a moto, me deu muito trabalho até os meus dezesseis. Encostei a moto no meio-fio, questão de segundos estaria de volta ao meu percurso se tamanho azar não existisse. Quando olho na direção da corrente, vejo ali embaralhada entre nós, laços e voltas, a minha aranha que havia esquecido de guardar na noite anterior. Para aqueles que não são amantes do motociclismo, não há motivo para pânico ou aracnofobia, eu explico – utilizados por muitos motociclistas e por quase todos os “motoboys-vida-loka”, a aranha nada mais é do que uma rede trançada de elástico com alguns ganchos, utilizada para prender objetos e bagagens extras ao corpo da moto. Pois bem, estava a aranha ali toda espatifada, moída e sugada pelas engrenagens e rolamento, exatamente do jeitinho que o Dr. Óctupos sempre desejou, ele e qualquer outro super-vilão do Homem-Aranha, sim, mas não eu... não ali, não naquele momento... Via os carros passando, enquanto me engajava em uma luta sem fim para arrancar aqueles restos mortais de elástico das engrenagens. Pude até acompanhar o

sorriso maldito de alguns motoristas por imaginar a má sorte que estava tendo. E eu, que nunca ficava preso em congestionamento, era obrigado a aceitar que chegaria atrasado, com desconto no salário, por causa de um breve momento de má sorte. – Que azar, raios e mil vezes raios... Bravejava na esperança de que isso tornaria a situação, ao menos, mais amena.

Dez minutos depois e muita graxa na mão, braço, rosto e camiseta, sigo o meu caminho. Mas não por muito tempo. Alguns metros à frente, vejo alguns carros parados no meio da rua e uma moto estilhaçada, seu condutor largado no chão, junto a uma camiseta manchada de sangue. Reduzo a velocidade, tendo o meu momento egoísta e, mesmo desejando que tudo estivesse bem com ele, imaginando “antes ele do que eu”, um rapaz me faz um gesto de mão para seguir e grita: –Vamos, vamos... Não tem por que se preocupar, o rapaz está bem, teve sorte...

Sorte, nessa vida louca de caso e acaso, são dados jogados onde os únicos responsáveis somos nós mesmos.

DRE Freguesia / Brasília
EMEF Tenente Aviador Frederico Gustavo dos Santos

EDUCADOR

ISAAC KASSARDJIAN JUNIOR

Dona Florinda

Rubinho precisava dormir mais, depois daquela ressaca, após o fim do seu casamento de 16 anos, porém o falatório e barulhos de pratos e panelas não permitiam. Sua mãe falava alto, com voz forte.

Levantou depressa, com os poucos cabelos arrepiados que lhe restava, um olho aberto e outro fechado; os chinelos não encontrando e saindo apenas com um. Não conseguiu localizar o interruptor depois de tanto tempo.

Avistou sua mãe na cozinha, sozinha com balde e panos de chão. Buscava sua atenção, com as mãos na cintura:

– Rubinho, acredita que pedi para Valentina tirar o pó do teto, ela se jogou no chão e se quebrou todinha?

Continuava:

– Ingrata aquela Valentina!

Rubinho, paralisado, e olhos estatelados, permaneceu em silêncio, apenas com os seus pensamentos:

– Será que minha mãe pirou?

– Quem é Valentina?

– Sou filho único. Meu pai, já falecido há muito tempo...

Entrou, decidida, em direção ao banheiro, trombando em sua pança. Apenas recuou.

Logo retornou, falando rapidamente, elétrica:

– Que bom, Romeu, que você vai me ajudar, vou chamar Pandora.

Buscava-lhe com os olhos, ele desviava; não estava sabendo lidar com aquela situação.

Perplexo, sentou na ponta da cadeira, próximo à mesa, pegou a xícara que estava em cima, posicionou-a embaixo da garrafa térmica e apertou a tampa para liberar o café e acordar daquele pesadelo.

Café quente, colocou-o na boca, queimando-a; não esperava estar tão quente, deixou cair e molhar o calção e, queimar parte de sua perna; puxou rapidamente o pano que estava embaixo do vaso de flores, quando o silêncio foi interrompido pelo som do vaso encontrando o chão.

Sua mãe correu a recolher os cacos, com voz frágil, melancólica:

–Dona Florinda!

DRE Penha
CEU EMEI Braz Jaime Romano

EDUCADORA

ISIS SANTANA DE FREITAS

Comunidade

Sabemos que, mesmo os ambientes que se pretendem requintados, carregam, muitas vezes, mescla de glamour e crueldade, sucesso e lamúria, e sobretudo, a desesperança dos relacionamentos que povoam nossos sentimentos, com os quais nos encontramos no final do dia, invariavelmente.

Ora, há o obrigatório, mas há também o gosto. E o que gosto é povo. Penso que o melhor lugar pra estar é no aconchego da comunidade.

Nisso eu pensava, sentada, esperando a vez, no salão de Dona Berenice. Jamais trocaria aquela cadeira por um grande salão de beleza.

Lá, temos muito mais que unhas ou cabelos. Temos calor de toda gente, entrando a todo momento, pelos mais diversos motivos: o vendeiro de chinelos, o de bolo, um lembrete do aniversário do Tiagão, a revista de bijuterias que chega, uns edredons que se oferecem na porta, o grito da macaxeira; cachorro que quer carinho, pode ser um bom dia, – na comunidade se dá bom dia aos cachorros sim – um manear de cabeça ou de rabos. Às vezes, a pressa faz os pescoços deixarem os corpos pra fora, e entrarem sozinhos perguntando do tal do café que Dona Berê “passa” como ninguém, “já tô passando e chamo”.

No cabeleireiro de comunidade você pode cochilar, chorar e até passar a noite. Sempre alguém oferecendo um salgadinho de graça, mas tem à venda doces; sim, dona Berê é bomboniere também. Almofadas que nunca combinam com nada, e televisão que nunca se desliga. Tem sofá para se encostar na papeação, tem papo pra cochilar, histórias pra sofrer e sorrir. A gente fica lá por ficar. Por convivência, conveniência, conviência, por saliência, as horas se vão e a gente não.

A freguesa traz o bebê pro meio do salão e qualquer outro freguês pode ser um pouco babá. Às vezes, fica com o bebê na porta, de pé, o pai com o filho chacoalhado. Freguês também põe cadeira na calçada, se o cheiro da química lá dentro estiver muito forte. Embaixo do sofá, retalhos. Precisando, dona Berê também costura.

Entre um cabelo e outro, Dona Berê dá um pulo no Brás e traz uns pertences pra feijoada da porta ao lado. Dona Marisa chegou agora de outro estado. Não saberia pagar barato em São Paulo, e se não fosse o apoio de Dona Berê, ficaria sem lucro nenhum.

Nos fundos, tem um reservado, depois de uma placa de gesso que dona Berê usa como divisória, onde uma moça se enfiou chorando, uma vez. Sem ensaio, todos, em solidariedade, compartilharam seus sofrimentos. Mazelas que não acabavam mais. Foi lindo. A moça de lá, ouvia. Não saiu com o problema resolvido, mas saiu abraçada e pertencente a uma turma de persistentes. Problemas comunitários de gente misturada segunda a segunda, sem repetir assunto. Há quem diga que são “fofoca” as conversas que acontecem. Eu digo que é como uma clínica terapêutica. Contam praticamente a vida inteira, sem pudor nenhum. Mundo sem vergonha. Mais compreensão, menos julgamentos. E de graça. Na comunidade, a graça é comum. O barco é o mesmo.

Tem as alegrias também. Contações do último bebê nascido, a viagem para o litoral, enfim imóvel alugado, trocado, comprado, e toda coisa acontecida é motivo de celebração. Eita povo festeiro é comunidade! E festa estilo judaico, varando os dias. Ninguém convida ninguém. É pra todos. Só é preciso saber o “na casa de quem”.

Noutra pausa, Dona Berê corre nos fundos, faz o café. Corre pra frente, cabeça para fora e grita; “passei o café!”. E, valha-me! Estouro pra dentro do salão numa avidez de fazer quem entrou solteiro sair casado! É lindo. É comunidade.

DRE Penha
CEI Jardim Popular
EDUCADORA

IVONE MARQUES UMBELINO TEIXEIRA

Cada nome uma identidade

- Clark!!! Não fique voando!! Terá que ter muita força para vencer!!
- Tony!!! Deixa de lado esse treco tecnológico e olhe para mim!!
- Diana!!! Eu não minto!! Pra que você trouxe essa corda, princesa?
- Bruce!!! Desfaça essa cara enigmática!! Me entrega esse coringa, já!!
- Kara!!! Volta pra Terra!! Você está voando que nem seu primo!!
- Steve!!! Pare de discurso!! Não há escudo que me segure se eu for até aí!!
- Peter!!! Desce daí!! Para de se pendurar por aí se não te pego!!

Essas falas enraivecidas poderiam ser de Thanos ou Darkseid, Lex Luthor ou Loki, Arlequina ou Hela lutando contra heróis que tiveram suas identidades secretas reveladas para o prazer e vingança dos vilões. Porém, não era um embate épico entre grandes vilões e super-heróis que estava acontecendo. Não, era simplesmente, a professora Selina tentando controlar seus pupilos dentro da sua sala de aula. A turma dela seria normal como tantas outras se não fosse por um curioso detalhe; estava recheada de heróis homenageados.

O sucesso de super-heróis nas telas e nas histórias em quadrinhos causou uma epidemia de identidades secretas famosas sendo registradas nos cartórios tupiniquins. Registrar filhos com nomes de famosos é uma mania humana, mas bem enraizada, principalmente, nessa terra de Cabral. Muitos pais ainda buscam inspiração bíblica para registrar rebentos, talvez na esperança de que seus filhos sejam os mais próximos possíveis dos santos e da perfeição. Só que, ainda hoje, encontramos muitos Moisés mal-educados abrindo passagens com suas buzinas ensurdecedoras no trânsito da cidade e suspeitas Rutes maltratando suas sogras. Judas? Os pais não querem por medo de descobrirem em casa um traidor desde as fraldas. Há aqueles que buscam na realeza os nomes para seus filhos. Vá que um nome real traga dividendo e a família deixe de ser plebeia. E entre “reis” e “rainhas” surgiram alguns Ricardos sem corações, Elizabethes levadas da breca, Luízes carecas e Vitóriaas sem vitórias. Com as famílias presas a televisores, apareceram muitas Malús donas de casa, Tarcísios e Glórias infieis, Anysios e Renatos sem graça, Hebes tímidas e Sílvios pobretões distantes da Roda da Fortuna. A música sempre inspiradora trouxe alguns Cazuzas conformados, algumas Elises desengajadas, Robertos sem emoções, Miltons sem amigos e Ivetes desanimadas. Hoje, nascem muitas Anitas e Luans que ainda não sabemos no que vão dar. Do nosso rico futebol apareceram diversos Ronaldos pernas de pau e Rogérios frangueiros. Algumas vezes, os sucessos na TV mataram alguns nomes e seus donos de vergonha; que o digam os Bráulios e as Nazarés.

A professora Selina mais do que ninguém sabia que nem sempre nomes inspirados ocasionam filhos inspiradores, mas sentia-se reconfortada sabendo que dificilmente trombaria por aí com Vaderzinhos ou Hannibalzinhos em listas de chamadas.

Anos atrás, Selina teve um aluno chamado Logan que no refeitório adorava brincar com garfos, facas e coisas pontiagudas. De vez em quando alguns estudantes apareciam arranhados. O temor de acontecer algo mais grave só parou quando, finalmente, Wolverine...Ops! Logan foi transferido de escola.

Ano passado, a professora se deparou com uma Susan que apareceu do nada quase no meio do ano. A aluna, durante as aulas, parecia invisível. Não atendia a chamadas, não respondia às questões quando perguntadas e entregava provas em branco. E assim como apareceu, Susan desapareceu da escola, antes do final do ano. Foi um caso exemplar de invisibilidade dentro da escola.

O que os alunos da professora Selina não sabiam, e ela se esforçava para nunca saberem, é que seu nome também é inspirado em personagem dos quadrinhos. O pai da professora era fã da Mulher-Gato. Quando criança, Selina já vestiu a fantasia da anti-heroína em festas da escola. Escola em que ela, hoje, dá aulas. Por isso, algumas fotos de festas antigas realizadas na escola, que ainda estão expostas nas paredes, possuem pequenos rasgos que impossibilitam descobrir quem era a pessoa ali retratada no meio de tantos outros alunos. Selina sorrateiramente e com muita malícia soube rasgar as partes em que aparecia nas fotos e eliminar qualquer prova de que ela já tivesse se fantasiado de Mulher-Gato. Não seriam o Bruce ou o Steve desse ano que descobririam o seu enorme segredo.

Enquanto não era descoberta, o dia a dia da professora Selina na escola com seus “heróis” com “nomes secretos” não era fácil. Tinha dia que dava vontade de pular pela janela tal qual uma gata acuada. Mas com muita dedicação, passava aulas inteiras repondo os lápis de cores quebrados tão facilmente por Clark, tentava responder a todos os questionamentos de Tony sobre tecnologia, procurava falar para a Diana as verdades possíveis sobre a humanidade, ajudava Bruce a resolver os mistérios dos livros, mostrava as belezas da Terra para a Kara, apresentava os encantos da ciência para Peter, ensinava valores humanos para Steve e explicava para Barry...

– Cadê o Barry meninos?????

Antes que alguém respondesse, Selina viu Barry entrando na sala bem devagarinho e de fininho na ponta dos pés para não chamar a atenção da professora.

A professora Selina não teve dúvidas e gritou:

– Barry!!! Você está atrasado de novo!! Seja um pouco mais *The Flash* para chegar no horário!!

DRE Freguesia / Brasilândia
EMEF Tenente Aviador Frederico Gustavo dos Santos
EDUCADOR

JEAN RICHARD MACIEL DA COSTA

Pai

Quarta-feira. Dia normal na escola. Horário de reunião, no meio da manhã. Um burburinho em frente à secretaria – chamem a professora. A mãe de alguém. Alguém morreu. Chamem a menina.

A mãe chegou com um dos filhos, que estuda à tarde – os dois em prantos. Vieram buscar a irmã dele, que estava na aula. O pai das crianças faleceu. Hoje. Agora.

– Fui ao supermercado comprar comida para ele, quando voltei estava morto na cama. Morto. Agora.

O menino chora. Chora. A mãe soluça. Chora.

– Mas ele não tinha algum problema de saúde?

– Mas ele estava vivo! Pediu comida. E morreu.

A ambulância levou.

Tiveram misericórdia – levaram o corpo. A família chorou, inconsolável.

A professora buscou a menina, que ainda não sabe. Ela está vindo pelo corredor. Ela vai receber a notícia. Agora. Ela é um amor de menina – excelente aluna, excelente... inteligente, generosa. Encantadora. E mesmo se não fosse, a dor seria a mesma.

Ela encontra a mãe, em lágrimas. Elas se abraçam. Elas choram. Choram. O que mais se pode fazer?

– Nós vamos precisar muito de você. Você precisa ser forte. E você vai precisar muito de nós. Estamos juntos. Somos fortes.

Ao redor delas, olhos marejados. Diversos. Do outro lado da janela do pátio, olhares curiosos das crianças. Está na hora do intervalo. Espiam instigados. Vem ver o que está acontecendo. Quem está aí? Volte para o pátio, volte para o seu intervalo. Não adianta. Estão curiosos. O que dizer?

Um copo d'água para a menina. Ela senta. Em prantos. Uma professora mais sábia conversa com ela. O que dizer nessa hora? Ela sabe.

– Você é uma menina incrível, inteligente, generosa, linda. Saiba que ele tem muito orgulho de você. Você só trouxe alegrias para ele. Nada além de alegrias, viu? Saiba disso.

Os três se reúnem, chorando – a mãe, o menino e a menina. Se abraçam, chorando. E saem, chorando.

Ele tinha um problema de saúde, estava mal, envelhecido. Toda manhã, quando trazia a menina pela mão até o portão da escola, vinha mancando.

O sinal toca. Acabou o intervalo.

DRE Freguesia / Brasilândia
EMEF Paulo Nogueira Filho

EDUCADORA

JÉSSICA ROESLER PAES

Caderno verde

Comprei um caderno verde. Desconsidere o preço, nem me dei conta da cor. As expectativas e planos levantavam a bandeira deste caderno. Sim, comprei o caderno verde, nem me dei conta do alto preço que era escrever. Quis ser poeta, mas o inverno da vida moderna obrigou-me a utilizar muitos cobertores.

Emaranhado de mensagens, números, perfis e publicações de fotos sem legendas, sem poemas, tentavam me aquecer. Mas as palavras objetivas são frias. Esta *cybervida* ainda carece de poeta.

Agora longe do estéril turbilhão das redes, tornei-me Beneditino. Tenho escrito e vivido. Entendi que o caderno verde não é ponto de partida, mas de chegada. Cada folha deste caderno verde tem me desfolhado. Cada verso mal escrito e bem vivido é importante passo.

Enfim, tornei-me o caderno verde. Agora tenho preço e apreço pela palavra e a vida ganhou cor. Edifiquei-me em versos cujas palavras e imagens me distanciaram do inverno e inferno da vida moderna.

DRE Guaianases
EMEF Claudia Bartolomazi
EDUCADOR

JOÃO BOSCO JERONIMO DE FREITAS JUNIOR

A pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra no meio do caminho, mas eu não sabia exatamente por que motivo ela estava ali. Inclusive, nem sabia que ela estava ali. Só fui me dar conta de tal fato quando já era tarde demais. O que devia ser feito não foi e agora eu não podia voltar atrás.

Todos nós temos dias em que parece que nada vai dar certo, e há aqueles em que tudo começa maravilhoso e depois desanda. Pois esse era o meu dia.

Algumas semanas antes, senti que algo de errado me aconteceria e que as medidas necessárias para se evitar o pior já não eram mais possíveis. Não podia deixar os compromissos de lado nem voltar atrás nas minhas decisões. Decidi enfrentá-las como faria qualquer homem honrado e com a minha idade.

Saí às cinco e quarenta e cinco da manhã, como era rotina numa quinta-feira, e fui para a aula do 8º ano A. O dia estava bonito e cheguei à escola quando faltavam cinco minutos para o início da aula. Encontrei estudantes no caminho até a escola que, diferentemente dos outros dias, me cumprimentaram e sorriram, mesmo com a certeza de que eu estava chegando para dar duas aulas seguidas para eles. Parecia que a impressão de desagrado que as últimas semanas me tinham dado não era verdadeira. Parecia que eu tinha estudantes queridos e que me queriam bem.

Entrei na escola feliz e fui à sala dos professores pegar meu livro e o apagador e achei que havia esquecido de mais alguma coisa, mas não me lembrava do quê. Fui à sala e, como nos outros dias, tive um pouco de trabalho para conseguir silêncio, até que o assunto foi empolgando os estudantes e, enfim, eu parecia estar dando uma aula de verdade, para estudantes interessados em aprender. O assunto era um poema do Drummond: No meio do caminho.

Que coisa fascinante foi ver aqueles estudantes tirando conclusões incríveis sobre as pedras que eles encontram no caminho da vida, seus traumas, decepções. A mãe que impede de sair, o irmão que impede de ver TV ou olhar vídeos na internet. Aquele amor não correspondido, e a pessoa amada que já está comprometida com outro alguém. Eu fui também me empolgando com toda aquela discussão que mal vi o tempo passar. Quando tocou o sinal, as crianças vieram me cumprimentar dizendo que a aula tinha sido muito boa e que eu devia fazê-la assim mais vezes. Eu aceitei a ideia. Estava mais certo de que aquela ali era a profissão que pedi a Deus. Me senti reconhecido.

Saindo da sala, eu me lembrei dos meus empecilhos, das minhas pedras.

Peguei meu material, fiz a primeira reunião já pensando na segunda e fiz a segunda pensando no projeto. Tivemos um dos melhores encontros. Os estudantes brigando por quem leria o melhor poema do Drummond que encontrassem na Antologia (isso mesmo, o poeta parece que me perseguia naquele dia). Eram seis grupos que deviam encontrar poemas que tocassem em pontos da vida do Itabirano a fim de fazermos uma peça, contando sua história, em um evento da Secretaria Municipal de Educação.

Lemos poemas belíssimos, os estudantes estavam envolvidíssimos. Eu esperando o grande poema até que, enfim, veio a pedra.

Não era o poema “No meio do caminho” nem nenhuma confidência especial do Itabirano. Era algo muito mais grave, que me fez lembrar do que tinha esquecido logo cedo. Uma sede me veio à boca, fui ficando pálido e cansado. Uma dor batendo forte nas entranhas, algo muito diferente de tudo que eu havia vivido até aquela hora do dia.

- Preciso beber água.
- O que você tem, professor?
- Nada, preciso tomar água.
- João, sabe o que aconteceu na última reunião?
- Imagino até o que seja, dona Andrea, mas preciso muito tomar água.
- O que você tem? Cê tá pálido!
- Uma dor, mas se eu tomar água passa.

Uma colega oferece o carro. Após idas e vindas de um hospital para o outro, a constatação: tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. Uma pedra de 0,9 cm, bem no meio do caminho, entre o rim e a bexiga.

E como dói essa pedra.

Que marmota é essa?

Mas rapaz! Que marmota é essa? Bem que eu achei estranho esse tal aplicativo de relacionamento, que localiza pessoas geograficamente, cruzando informações e coisa e tal... Mas só me interessei mesmo quando ouvi que quem usa tem muito “match”.

Desconheço os termos técnicos, nem sei falar inglês, mas diante da minha necessidade, pareceu interessante. Também não conheço muito essas tecnologias, então pedi pra um amigo instalar o aplicativo no meu celular: “Oh Daniel! Me ajuda aqui!”

Daniel, sempre prestativo, me ajudou a instalar no celular e a me cadastrar, criando o meu perfil. Falei pra ele escrever só o básico: moreno, alto, porte atlético, inteligente, elegante... Ele falou pra colocar uma foto minha, mas eu não quis não. Se não, ia ter que reescrever tudo de novo. E nem precisou mesmo. Menos de vinte minutos depois já iniciei uma conversa e marcamos de sair. Estava tudo indo bem, até o dia seguinte.

Meu carro não funcionou e agora não tinha como ir ao encontro. Foi aí que Daniel, solícito como sempre, me ajudou de novo. Baixou outro aplicativo no meu celular e me explicou que era só digitar o endereço de onde eu queria ir que o motorista me buscava na porta de casa. Funcionou direitinho. Entrei no carro e já comecei a conversar com o motorista. Conversa vai, conversa vem, falei que estava indo para um encontro com uma mulher que conheci pelo aplicativo. Ele ficou muito interessado e pediu que eu instalasse o aplicativo no celular dele também. Eu tinha prestado atenção quando Daniel instalou pra mim, então não vi problema em fazer o mesmo. Até que o problema apareceu.

De repente o celular travou e eu não consegui mexer mais no aparelho. Então, ele encostou o carro e reiniciou o aparelho. Aí que veio a má notícia. Ele disse que eu cancelei a corrida no aplicativo. Tive que fazer outro chamado no meu celular. Só que, nesse meio tempo, ele aceitou outra corrida. Não teve jeito, tive que descer e esperar por outro carro. Esperei quase dez minutos e, pra minha surpresa, quando o carro apareceu era o mesmo motorista. Parece que dessa vez eu tinha solicitado uma tal corrida compartilhada. Agora no carro, com duas senhoras, um menino e um gato, que tinham embarcado a duas quadras dali. Ao lado do motorista sentou uma das mulheres, então fui atrás com os demais. Ali começou meu drama.

O gato até estava quietinho, mas o moleque não parava quieto. Ficava em pé no banco com a mulher puxando ele pelo braço, mandando ficar sentado. Pisava na minha perna sujando minha calça. Mas o pior veio depois quando ele, tentando se livrar da mulher ao lado, puxou o rabo do gato que aquela senhora carregava, fazendo o bicho dar um grito e morder o braço da mulher. De repente, pulou na minha cabeça, arranhou minha careca e, como o vidro da janela estava aberto, fugiu pulando para fora do carro. O motorista encostou pouco depois e a mulher que estava na frente desceu correndo atrás do gato, seguida pela outra senhora que puxava o menino pela orelha. Deixamos as duas na caça ao gato e seguimos viagem.

Com alguns arranhões e muito atraso, lá estava eu no restaurante onde tínhamos combinado de nos encontrar. Procurei pelas mesas, mas não encontrei nenhuma mulher que se parecesse com a descrição do aplicativo. Perguntei para o garçom se alguma mulher tinha vindo mais cedo e ficou esperando alguém, e a descrevi do jeitinho que estava escrito no perfil do aplicativo. Mas ele falou que a única que apareceu era uma senhora, e apontou para a mesa onde ela estava. Até cheguei mais perto para ver melhor, mas não era quem eu esperava. Já que estava por ali, resolvi tomar uma cerveja e me sentei à mesa ao lado daquela vovozinha. Peguei o celular e mandei mensagem me desculpando pelo atraso e tentando marcar outro encontro. Achei que ia ficar sem resposta, mas alguns minutos depois ela respondeu. Pessoalmente.

Aquela senhora de cabelos brancos que lembrava minha finada vozinha levantou-se da mesa ao lado e disse que estava me esperando. Não se parecia em nada com a descrição do perfil dela. E até questionei-a sobre isso. “A senhora não disse que era uma morena alta, lábios carnudos, seios fartos, quadris largos, coxas grossas e ótima cútis”? Antes de me responder ela fez um malabarismo com a dentadura, girando-a 360°. Deu uma piscadinha e disse: “Sim, eu ERA tudo isso”.

O “bacieiro”

Aquela peça artesanal, rústica, esculpida na madeira “nobre” ficava no canto da varanda da minha casa, encaixava perfeitamente a bacia esmaltada, branca. Não sei qual a origem deste móvel que marcou minhas primeiras lembranças, imagino que tenha sido herança de minha bisavó.

A região abrigava escassez de água e só podíamos ter água cristalina com sacrifício; ajudava minha mãe a buscar água de longe...

Na pequena bacia branca, por vezes, aparecia água cristalina, como uma “magia”. Era para acolher um ou outro hóspede que pedia “pouso” por ali.

– Entre, sintá-se em casa, descanse da longa viagem... Vou pegar uma água para o senhor lavar o rosto... (dizia minha mãe).

– Dê água para seu animal beber e coloque-o para pastar junto com o gado... (dizia meu pai).

Após encher a bacia começavam as diligências da minha mãe e da vovó. Corriam atrás do galo... “Ata-lha o galo... pega... ajuda menina...”. O estoque de penas coloridas estava garantido para minhas próximas brincadeiras e logo dava para sentir o cheirinho de comida “gostosa” feita no fogão a lenha. O quarto de hóspedes era arrumado, afofavam o colchão de palha e tiravam os lençóis de algodão do armário, tudo para garantir o conforto e descanso do viajante.

A noite era longa, os candeeiros de querosene e lampiões a gás iluminavam a varanda... A “prosa” era boa... Histórias e mais histórias trazidas de longe...

Pela manhã, na maioria das vezes, o sol mal tinha nascido, eu acordava, ia direto à varanda e, sob o “bacieiro”, a pequena bacia guardava a água já esbranquiçada...

– Joga a água do “bacieiro” fora, minha filha...

– Já vou “mãinha”...

DRE Penha
EMEF Prof.ª Wanny Salgado Rocha

EDUCADORA

JURANEIDE LIMA DOS SANTOS

A professora que aprendeu a cantar

Era a escola dos sonhos, destas renomadas em que todos querem trabalhar. O processo seletivo foi cansativo e estressante, mas ela conseguiu. Estava ansiosa e passou o final de semana inteiro preparando suas aulas. Era o sexto ano, série de que particularmente gostava muito. Dizia que nesta faixa etária havia uma predisposição maior das crianças a ter afeto aos professores. Afeto desses que afetam mesmo. Podendo ser para o bem ou para o mal. Mas ela gostava da transparência no sentimento delas.

Como seria sua primeira aula na turma, uma atividade diagnóstica lhe daria um norte para prosseguir em seu trabalho. Tinha o frescor do início da profissão, o coração batendo forte e um sorriso que não cessava. Tinha um sonho. O sonho de poder fazer a diferença na Educação.

Ela escolhera a profissão por amor. Sempre quis ser professora e quando menina amava o quadro que a mãe dera a ela e os gizos que trazia em secreto da escola. Ficava feliz quando sobrava um colorido no suporte da lousa da sua sala de aula e, ao recolhê-lo, quando todos já haviam saído, pensava na tarde que teria, enfeitando o quadro negro com cores alegres, nos exercícios que prepararia para suas bonecas.

Nunca teve muitos amigos. Os livros eram, na maioria das vezes, toda a companhia que lhe bastava. Muitas vezes se negava a brincar com os irmãos para ficar entre os cadernos. E suas aulas na sala de estar, para a suas bonecas, eram silenciosas. Não falava. Todas as falas, interlocuções, diálogos, ficavam dentro da sua cabeça. A mãe observava apenas as expressões, sorrisos e tinha a verdadeira impressão de que assim ela era feliz.

E era.

Levantou-se cedo e foi trabalhar.

Ao chegar à sala de aula, estava encantada. Havia uma gratidão por, depois de tanto tempo aguardando, voltar àquele que era um ambiente tão aprazível, tão familiar, tão aconchegante. Apresentou-se e conversou um pouco com a turminha, ouviu com atenção alguns que pareciam ansiosos em falar e respeitou o silêncio dos demais.

Sua proposta de atividade era uma apreciação auditiva. Dessas tão comuns nas aulas de Português. Uma sequência didática em que havia uma letra de música, de uma dupla que fazia muito sucesso com a faixa etária, com palavras omitidas, em que as crianças deveriam completar a letra ao ouvir a canção e classificar morfológicamente as palavras.

– Uau! Que ideia! Parecia perfeito. Estimulante. Havia nela uma certeza de que daria tudo certo. As crianças certamente se empolgariam ao ver a escolha da música e fariam a atividade animadas e felizes.

Instalou o som e, passeando por entre as fileiras, entregou as folhas impressas. Estava inebriada... Não se sabe se por falta de experiência, ela jamais cogitou que naquela sala, a primeira na tal escola dos sonhos, o ideal poderia não estar presente. Com pouca prática, pouca idade, queria apenas causar uma boa impressão. Unir o gosto dos estudantes a uma atividade de Português.

Pensou nas aulas que levava para a Universidade, à professora de Didática, e nas inúmeras vezes em que a elogiaram. Sempre diziam que tinha ótimas ideias.

Mas faltava-lhe a generosidade da experiência.

Ali, naquela sala, ela iria aprender algo que jamais havia sonhado, mesmo debruçada nos livros, empenhada nas aulas, dedicando-se academicamente. A experiência é um cimento necessário. Ergue. Estrutura. Ensina. E o melhor de tudo: a experiência é individual. Cada qual reage de um modo ímpar a cada experiência vivida.

Ao dar *play* na música, notou um desconforto na sala. Não estavam realizando a atividade. Foi quando Carlinhos pediu a palavra:

– Dá licença, professora! Antes de a senhora começar a aula, eu preciso te falar..

Imediatamente, ela desligou o rádio:

– Pois não, pode falar, querido.

– Meu nome é Carlos, a turma e os professores me chamam de Carlinhos. Então professora, este estudante que está sentado aqui na minha frente é o Du. Eduardo. Chamamos ele de Du. Ele senta aqui na fileira do meio porque precisa. Eu sento aqui atrás dele porque sou o melhor amigo dele. Eu o ajudo quando ele precisa. E ele sempre precisa. Sabe, professora, ele é superinteligente, mas tem algumas dificuldades...

– Sim, querido. Do que ele precisa?

– Ele é surdo!

A professora ficou perplexa. Ninguém jamais havia mencionado tal informação durante o processo seletivo, ou quando da sua contratação. E agora? E a música? E a aula?

Estava só, apavorada e sem saber lidar com a necessidade especial do estudante. Por que ninguém havia dito? Por que não havia perguntado? Por que nunca passou pela sua cabeça que houvesse um aluno em inclusão? Que profissional era ela, que não previu tal situação? E todos os textos que lera? Toda teoria fixa na memória para reproduzir nas provas solicitadas pela universidade? Ficou arrasada!

Aluno aplicado, Du estudava ali desde a educação infantil. Sua mãe contraiu rubéola na gestação, ocasionando sua surdez. Tinha duas irmãs gêmeas, ouvintes. Não sabia Libras. Era oralizado. Sua mãe acreditava que os sinais de Libras fariam com que todos o identificassem, de longe, como surdo. Não queria. Não aceitava. Temia o preconceito, então optou pela oralização. Ele pronunciava muitas palavras e fazia a leitura labial.

A professora não fora informada de nada, em nenhum momento. Ninguém deu a ela essas informações. Estava ali, pela primeira vez sem nada saber da turma. Achou que a atividade proposta, que lhe tomou todo o final de semana anterior para ser construída, lhe daria todas as informações de que precisava. Além de todo o constrangimento, não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo.

Du notou a tristeza, a preocupação e a vergonha estampada no rosto da professora. Aquela professora nova na escola, tão constrangida parecia não mais ser a mesma que havia entrado minutos antes naquela sala.

Ele começou a falar. Tinha a oralidade comprometida pela falta da audição, mas se fazia entender. Disse que conseguiria fazer a atividade, mas necessitava de ajuda, o que era cotidiano em sua rotina escolar.

Quando tudo parecia estar esclarecido, a turma pediu para que a professora desse *play* na música, para que todos voltassem a realizar a atividade.

A professora, ainda bastante perturbada, não conseguia entender de que maneira conseguiria conduzir a aula. Como tocar a música diante da surdez do estudante? Como prosseguir? Como adaptar sua atividade? O que fazer?

Du, então, reiterou. Disse para a professora que ele iria fazer exatamente a mesma atividade.

Ele estava ali, diante dela, na fileira do meio, olhando em seus olhos e sorrindo. Parecia querer tranquilizá-la. Ela, olhando para ele, suplicava por seu perdão e pensava em sair correndo dali.

O sorriso daquele estudante jamais seria esquecido. Havia um significado diferente nele. Empatia. Humildade. Disposição. Vontade de vencer...

Foi então que ela respirou fundo, olhou nos olhos do estudante e disse:

– Du, como você vai fazer a atividade, meu querido? É uma música. Você não vai conseguir...

Ele respondeu:

– Vou sim!

– Como?

Sem nunca ter ouvido nada, aquele estudante acabou com a surdez que havia nela. A surdez que a impedia de ouvir o coração e as necessidades de seus estudantes... A surdez que a impedia de ouvir a si mesma. A surdez que a impedia de ouvir sua intuição...

E se lembrou do silêncio das aulas que dava para suas bonecas, quando criança e de como, no silêncio, era capaz de ouvir.

E o estudante respondeu:

– Você canta pra mim!

Ela cantou e nunca mais deixou de ouvir...

DRE Ipiranga
EMEF Prof.^a Sylvia Martin Pires
EDUCADORA

KÁTIA SILVA ROCHA VILELA

O corpo

“Tá lá o corpo estendido no chão”... Mas se acalme! Este corpo não está morto, está apenas adormecido. O corpo cansado que só quer e precisa dormir.

Este corpo adormecido está ali na esquina da sua casa, na praça do seu bairro, no viaduto... Sabe a obra abandonada? Ele está ali também!

Você nem percebe que o corpo está ali, pois você se acostumou a ver este corpo largado, isso é normal... NÃO! Isso não pode e nem deve parecer normal! Aquele corpo não é apenas um corpo, é um ser humano que tem uma identidade, registro em cartório e toda bagagem. Ele já foi filho, irmão, amigo, talvez pai ou marido, mas para muitos hoje ele é um indigente, mais um esquecido por aí...

Agora me diga, amigo, você que todo dia sai de manhã, trabalha, estuda, tem um prato de comida quente todos os dias, que quando o dia acaba tem um teto para o abrigar, tem uma cama macia e um cobertor quente, teria a força e a coragem de dormir na obra abandonada, no viaduto ou no banco da praça?

Se no susto você disser que sim, será que conseguiria acordar diariamente e dizer bom dia para as pessoas, mesmo sabendo que muitos não se importam e nem lhe responderão? Mas tudo bem, talvez você nem se importe e lá, essa noite, isso não importa, pois hoje à noite, na mesma esquina, estará aquele corpo estendido no chão.

DRE Santo Amaro
EMEF Prof. Paulo Gonçalo dos Santos
EDUCADORA

LARISSA AMÉLIA ALVES DA COSTA

Encontro

Eu estava entrando na recepção de um consultório médico quando me deparei com uma amiga de trabalho com quem havia trabalhado há doze anos. Cumprimentamo-nos e cada uma foi para seu lado.

Na sala de espera do consultório, eu tentava ler uma revista e não conseguia concentração. A fisionomia da tal amiga, a todo o momento, vinha a minha mente. Então pensei nas situações em que, muitas vezes, vemos e não enxergamos; em outras vezes, estamos presentes e, ao mesmo tempo, ausentes. Fiquei pensando, ainda, por que uma pessoa, que nem era tão minha amiga assim, ficara na minha lembrança?

Percebi que aquele encontro me fez refletir sobre o fato de, às vezes, um encontro poder significar mais que isso, poder significar um novo encontro consigo mesmo...

Era engraçado, eu comigo mesma ia fazendo as minhas definições: voltar ao passado é confirmar sua supremacia diante daquele ser tão frágil de outrora, porém é também sentir saudades, lembrar daquele papo amigo que tinha. O amigo ainda existe, mas virou colega, e o papo, esse não existe mais, ou melhor, se perdeu, porque é difícil parar para falar de nós mesmos. Voltar ao passado é tudo isso, mas também é confirmar nossa perseverança diante dos desafios, dos obstáculos; é tecer a teia até o centro e depois abandoná-la e observá-la do lado de fora, para perceber que sempre estamos aprendendo, errando, ensinando, observando, criando, tentando.

Nunca somos completos, estamos sempre nos construindo. Acredito que eu não tenha dito nenhuma novidade, mas até disso, às vezes, nos esquecemos. Para mim foi estranho e, ao mesmo tempo, maravilhoso perceber como um simples momento revira nossa vida; organiza “nossas gavetas” ou as atrapalha, bastando apenas, para que isso ocorra, uma chance ao “mergulho”.

DRE Santo Amaro
EMEF Antenor Nascentes
EDUCADORA

LAURA APARECIDA GUIMARÃES CORRÊA

Compartilhamento

Compactuando convencionalmente, pego-me à pena, e não a digitar, visto que a proposta da autoria é autorizar o discurso de mim para outrem sem qualquer repúdio, e com tamanho vilipêndio ponho-me a endireitar-me a fala dentro do uso vulgar do gênero tal para que se faça o ato comunicativo, se é que realmente isso se valora em nossa relação.

O meu papel de estar aqui a produzir, e o teu papel de estar aí, a ler-me, que tal é? Neste momento incomoda-me, sabia? Ah, mas, é claro que não, como saberia, se eu não o enunciasse, não é mesmo? Incomoda-te? Ponho a perguntar-me de que tipo és, do que só lê ou do que se põe a publicar, a ponto de, quem sabe, escrever um livro pomposo, lustroso, todo culto, cheio de ordem, e ensinando-nos em como ser e pensar... ou só compartilhas na rede social e *status*? Hum... então, tens *status*, não é mesmo?

Palavra *gringa*, infla o ego, dá até pra ver quem viu, saber quem é fã... ou *stalkear*! Já pensaste nisso? Como um mico de circo? Ah, não sabes o que é isso? Tipo, se o que já não é politicamente correto, eu mesma sou vegetariana, pensemos noutra termo! Que tal VIGIADO? Mas, se foste tu que postaste...

Que seja...

Só estou pegando no teu pé, já que, neste caso, esperamos que teu eu seja autônomo e empoderado, único. Eu mesma...o que estou fazendo, senão, sendo autora, escrevendo pra ti, postando, criticando... sabes... tenho um *nude* aqui, mas... não sei se eu posso confiar em ti, afinal, quem és tu?

Ah, mas é só um *nude*, sem rosto, meio seio, meio eu, meia palavra, ordem de fala, compartilhado, queres ver? Estás lendo aí? Ô, volta aqui, tem vídeo e áudio, se quiseres.

DRE São Mateus
CEU EMEF Alto Alegre
EDUCADORA

LAURA LUCY DIAS

Visão angelical

Estavam, desde o início daquela tarde de quarta-feira, acomodados na saleta à espera do momento tão oportuno.

Há um mês, aproximadamente, Renata e Carlos recebiam algumas queixas do filho em relação à visão. Pedro, sentado ao lado de sua mãe, folheava, descontraidamente, uma revistinha da turma da Mônica e perguntava:

– Mamãe, quem é este menininho com asas, cabelo enrolado e com um anel em cima da cabeça?!

– Querido, esse é o Anjinho, amigo das crianças, que você já conhece.

– E ele voa de verdade?

– Ele mora numa nuvem e sempre desce de lá, voando, para brincar com o Cebolinha, a Mônica, o Cascão, a Magali e outras crianças.

– E por que ele tem este círculo em cima da cabeça? É pra ajudar a levantar voo?

– Não, meu filho! Este círculo é uma auréola e mostra que ele é um menino muito bom e só quer ajudar a todos. É um anjinho!

– Que legal! – exclamou Pedro, com o brilho de mais uma descoberta nos olhos.

– Vamos, Pedro, a médica já nos chamou!

– Aréola... aurela... que difícil falar isso!!!

A oftalmologista fez algumas perguntas à mãe de Pedro e, depois de vários testes visuais e exames minuciosos, constatou a miopia do menino.

– Dona Renata, seu filho tem miopia e precisa usar óculos. Aqui está a receita e alguns endereços de óticas. Assim que as lentes ficarem prontas, traga os óculos para eu conferir o grau.

– Está certo! Obrigada e boa tarde, doutora!

No dia seguinte, mãe e filho foram à ótica. Várias armações foram experimentadas, analisadas, apalpadas. Pedro, a cada armação colocada, afirmava que continuava enxergando do mesmo jeito. Sua mãe ria e explicava que ainda faltavam as lentes para que ele enxergasse melhor. Assim, até a decisão final, passou-se pouco mais de meia hora. Uma era grande; outra, pequena. Uma era muito quadrada; outra redonda e feia. Uma era muito colorida; outra, séria demais.

Então... era só esperar por oito dias e os óculos estariam prontos.

E a adaptação? Qual será a reação de Igor, Artur, Bruno e outros colegas de classe? Sentirá vertigem ou dor de cabeça? Será chamado de “quatro olhos”? O mais importante para Pedro, com certeza, era perceber tudo aquilo que, anteriormente, não podia ser identificado com clareza.

Por fim, os óculos ficaram prontos e Renata, decidida, foi apanhá-los.

Pedro esperava tranquilamente a chegada de suas mágicas e benéficas lentes.

Ao colocar os óculos em Pedro, Renata, que estava muito mais ansiosa e agitada que o filho, indagou:

– Então, meu filho, o que você está enxergando agora????!!

– Noooossa, mamãe!!!! Que coisa linda... estou enxergando aquele círculo em cima da sua cabeça!!!!

Você também é um anjo??!!

DRE Butantã
EMEF Eda Terezinha Chica Medeiros

EDUCADORA

LEILA NIGRO

19h15

Ele era apenas mais um no meio de muitos, sempre passava despercebido no meio da multidão. Não chamava atenção nem tinha uma beleza que se destacava.

Na época da escola, era um aluno mediano, daqueles que os professores nunca memorizam o nome e também era um dos últimos a ser escolhido para os times ou para os grupos de atividades coletivas.

O tempo passou para ele sem muita pressa, mas também não demorou tanto para transformar-se de criança mediana em adolescente qualquer e, finalmente, em um adulto comum.

Acreditava em dias melhores, mas não possuía grandes sonhos nem anseios ou sequer expectativas, levava sua vida em tons de cinza.

Sua rotina era sempre regrada, baseada em números e manias.

Acordava pontualmente às 06h06 da manhã, pois tinha essa estranha mania numérica de combinação para despertar e marcar compromissos. Banhava-se, pegava a sua bolsa previamente, tomava um café preto com algumas bolachas de água e sal, e saía correndo para o trabalho.

Às 07h07 apertava-se em uma fila para conseguir pegar o transporte coletivo, já com o pensamento na hora do retorno às 18h, mas, como seu estranho costume o forçava, enrolava sua saída até o relógio marcar 18h18.

Em um desses retornos, encostado ao lado esquerdo do vagão (como de costume), ele notou algo que mudou sua rotina, exatamente às 19h15: um par de olhos castanhos, diferentes, um rosto delicado, lábios fartos e cabelos escuros, grossos e sedosos que caíam sobre os ombros. Não era uma passageira de todos os dias, ele nunca a havia visto no vagão.

Sim, ele sempre notava cada pessoa que entrava e saía do trem em cada estação e marcava o horário, com precisão: 18h34 – a senhora com roupas puídas e olhar inquieto, como se escondesse algum segredo ou um pequeno tesouro dentro da bolsa xadrez, sempre seguida por um homem alto, calvo e olhar de poucos amigos, nariz prolongado com um fino bigode em sua base. Assim acontecia com tantos outros passageiros, que ele observava diariamente e sabia descrever com detalhes, mas aquela moça era diferente, ele nunca a tinha visto antes.

Foi então que seus olhares se cruzaram, ela sorriu gentilmente, provocando nele um turbilhão de emoções, até então desconhecidas. Uma gota de suor escorria por sua testa e, repentinamente, a vida ganhou cor, tudo isso em um átimo de tempo, não esboçou reação alguma, além de um sorriso fraco, que mais parecia resquício de uma cólica intestinal.

O sinal tocou, avisando a próxima parada, enquanto o trem perdia velocidade. A moça virou-se, desceu na estação, mas de fora ainda olhou para dentro, bem fundo nos olhos dele e sorriu.

As portas fecharam e cada um seguiu o seu caminho.

É, existem paixões que duram apenas uma estação.

DRE Penha
EMEF Luis Washington Vita
EDUCADOR

LEON PIRES DA CONCEIÇÃO DE BARROS CORDEIRO

Larga que o cachorro é meu!

Era um sábado como outro qualquer, estávamos todos em casa, então, resolvemos pôr um carvão na churrasqueira. Todos, que eu digo, eu, meu marido, meu filho e minha filha. Ah! E minha cadelinha Lupa.

A Lupa era um poodle de estimação! O cachorro poodle possui muitas particularidades, dentre essas, sua inteligência: a raça está em segundo lugar no *ranking*; somado esse talento à sua tradicional pelagem encaracolada e marrom, difícil de encontrar, geralmente são brancos, pretos, ou da cor champanhe. Outra característica dos peludos é possuírem quatro portes: grande, médio, anão e *Toy*.

Lupa, no entanto, era de porte médio e por sinal, muito obediente, aspectos que a tornaram muito querida entre nós. Talvez estejam se perguntando o porquê da relevância em especificar a cadela.

Bom, a história da Lupa começou assim... é bom seguirmos o fio da meada! Meus filhos eram pequenos, e estudavam em escolas diferentes. Como eu e o pai trabalhávamos fora, o meu filho, que era o mais velho, saía da sua escola às onze e meia e ia direto buscar a irmã na escola na qual estudava, às doze horas.

Os dois, na volta da escola, passavam em frente a um portão, e viram uma cadelinha, que acabara de dar cria. Ficaram encantados! Desde então, tornou-se uma constância os dois pararem em frente ao mesmo portão, para brincar com a cadelinha e seus filhotes. Até que, certo dia, apareceu uma senhora, segundo eles já com uma certa idade, e perguntou se eles queriam ficar com algum filhote, pois, já estava cansada para cuidar dos animais. Creio que imaginam o acontecido! Prontamente os dois resolveram trazer um cachorrinho, para casa. O único detalhe era que não haviam falado nem com o pai nem com a mãe, e precisavam resolver isso! Telefonaram para mim, no trabalho, perguntando se poderiam ficar com a cadelinha. Justo naquele momento, eu estava atarantada com os afazeres e disse:

– Quando chegar, conversamos!

Foi amor à primeira vista, quando cheguei e olhei para a cadelinha. Meus olhos brilharam, mas não queria demonstrar:

– Vocês podem ficar com ela, mas com algumas condições: cuidar dela, tirar os cocôs que ela fizer, dar comida e banho – e acrescentei - parte da mesada será, de agora em diante, para a ração, repartindo entre vocês dois as despesas. Prontamente, as crianças concordaram com as exigências para que a Lupa ficasse em casa. Outra curiosidade era seu nome, que por sinal, já havia sido o nome de três cachorros que já haviam passado pela nossa casa antes. A primeira a que demos o nome de Lupa, tinha esse nome, por conta de uma mancha em um dos olhos, que parecia uma lupa mesmo, aquele instrumento que contém lente de aumento.

Mas voltemos à nova Lupa, a da história que estávamos relatando.

Em um sábado, sentimos, de repente, a falta da cadela, no ambiente da casa. Saímos procurando por todo lado e nada. Deduzimos que alguém poderia ter deixado o portão aberto e ela, aproveitado a oportunidade para fugir. Perguntamos a todos se a haviam visto, e nada, para o nosso desespero.

Um vizinho, no entanto, alertou-nos de que um moleque estava passando pela rua com a Lupa no colo, naquele exato momento. Meu marido não resistiu: tomou a cadela da mão do menino e entrou em casa gritando:

– Achei, Achei!

O rapaz, sem entender, arregalou os olhos e nada indagou.

Estávamos naquele alvoroço, quando apareceu no portão, nada mais nada menos que a Lupa, a nossa! Todos se entreolharam e, como não havia nada a dizer, meu marido, desconcertado, devolveu o animal para os braços do menino e, colocando o rabinho entre as pernas, entrou sem dizer nenhuma palavra.

DRE Penha
CEU EMEF Rosângela Rodrigues Vieira
EDUCADORA

LEONOR MODESTO DA SILVA DANTAS

O homem da bicicleta

Toca o celular, pulo da cama, corro para a cozinha para preparar um cafezinho tradicional. Levo a chaleira ao fogão, pego o pó de café, coador e açúcar, tudo num ritual silencioso. Ao ferver, despejo a água que, imediatamente, faz com que aquele aroma maravilhoso invada o ar, e logo pego minha xícara... respiro, relaxo, sento-me no sofá da sala e saboreio aquele delicioso café. São alguns momentos de silêncio sagrado, nos quais me permito não pensar em nada, somente curtir o amanhecer. É certo que este momento não passa de dez minutos...

Logo a correria começa: preparo o lanche, o leite com achocolatado, dou ração ao gato, 'bom dia' para o papagaio e grito na escada: 'Vamos, estamos atrasadas!'. Lá vem ela como um furacão, toma correndo seu leite e voa para seu lugar no carro e vamos nós para mais um dia.

No trajeto até a escola, tem dias que vamos conversando como mãe e filha, outros dias, como amigas e, em outros, como gato e rato.

Há alguns anos atrás, estávamos no meio do caminho e ela gritou: – Olha o homem da bicicleta! – respondi: – 'Ah! Tá bom'. Vou perdida em meus pensamentos, tantas tarefas a cumprir naquele dia e nos próximos também. Assim vão se passando dias, meses e anos, e nós sempre na mesma rotina matinal, até que um dia ela disse:

– Estamos atrasadas, olha! O moço da bicicleta já até abriu a loja!!!

Fiquei sem entender a relação que tinha o moço da bicicleta com loja e com estarmos atrasadas. Porém, como sempre, perdida entre meus pensamentos e nossas conversas, mais uma vez não dei importância "ao homem da bicicleta".

Foi então que um dia, quando ela precisava imprimir um trabalho e nossa impressora estava quebrada, veio com "essa":

– Não tem problema, mãe. Amanhã cedo, atrasamos um pouquinho e passamos na loja do homem da bicicleta. Ele abre às 6h45, porque os estudantes da escola em frente à loja entram às 7h00, e você sabe como são as coisas: às vezes, precisamos de um lápis, outras, de uma cartolina e até mesmo, outras vezes, precisamos imprimir um trabalho.

Percebi que sorria enquanto me convencia a passar na loja, que era algo que ela queria fazer, só não entendia ainda o porquê.

No dia seguinte, lá estávamos nós na loja "do homem da bicicleta". Entramos. Era um senhor de sessenta e poucos anos, de barba branca e sorriso largo. Percebi em minha filha uma alegria indecifrável. Cumprimentamos o homem, e ele dirigiu-se a ela, dizendo:

– Bom dia minha amiguinha de todas as manhãs.

Nesse momento, percebi que, na correria dos nossos dias, não nos damos conta de tudo e de todos à nossa volta. Minha filha, nestes anos todos (cerca de oito ou nove anos), ao mesmo tempo em que conversava comigo, observava tudo ao seu redor com os olhos do amor, da preocupação com as pessoas. Ela me explicou que, em dias de chuva, “o homem da bicicleta” vinha a pé com seu guarda-chuva preto, e que todos os dias ele estava sempre no mesmo lugar, à mesma hora e com o mesmo sorriso. Só então me dei conta que, com o passar dos anos, paramos de nos preocupar com o que acontece ao nosso redor e nos preocupamos somente com os nossos próprios problemas.

O meu pensamento foi, mais uma vez, interrompido pela cordialidade daquele senhor: “Vejo vocês todas as manhãs e retribuo com um sorriso o seu olhar de bom dia, você é muito bonita, me lembra muito minhas netinhas que moram no interior”.

Naquele momento, olhei para minha filha e pude sentir sua satisfação por estar ali comigo.

Agradeceu pelo elogio e seguiu-se o silêncio. Tomei a frente e pedi para imprimir o trabalho. Agradecemos e fomos embora.

No caminho da escola, não falamos nada. Ela me beijou, desceu do carro e disse: – Agora você sabe quem é o homem da bicicleta!

Pane no sistema

Tem sido muito comum, hoje em dia, e até certo modismo, associar a tecnologia à falta de humanismo. A tecnologia, que consegue encurtar longas distâncias, de diversas formas, também, ao contrário, teima em distanciar aqueles que estão muito próximos. Culpa da tecnologia? Ou teria a humanidade se tornado ainda mais alheia e fria?

A tecnologia, obviamente, não funciona sozinha para tanto realizar: utilizando-a, errônea e inoportunamente, o ser humano segue em direção a um caminho do qual, talvez, não consiga mais voltar.

Desde os primórdios, de diferentes formas e em diferentes níveis, a tecnologia sempre existiu, visto que não foi em nossa geração que ela surgiu. A tecnologia apenas foi e tem sido aprimorada e reinventada pela horda humana que a esta diz estar adaptada. Porém, em muitos casos, quando necessita dar mostras de sua humanização, a mesma horda humana, tão tecnologicamente avançada, não consegue mostrar o mesmo desempenho, pois por viver a mesma adaptação, por viver em constante e intensa competição, pensa desta maneira, estar apresentando o apogeu de sua “evolução”!

Somente as pessoas de nosso tempo são assim? Certamente, não! Nossa história já presenciou alguns, como inquisidores que se utilizaram das tecnologias presentes e disponíveis, para os mais variados e, por não raras vezes, nefastos fins.

Como resultado de pertinente e necessária reflexão, seria sensato ou insano concluir que o erro seja uma falha de instalação no sistema... Humano!?

DRE São Mateus
EMEF Martin Lucher King Jr.

EDUCADOR

LUIZ CARLOS PISSAMIGLIO DIAS BARREIRA

À mestra, com carinho

Parece que, em alguns momentos, o universo conspira contra nós... Era domingo, meu filho mais novo me indagou sobre qual professora havia marcado a minha vida. Sem pestanejar, respondi: Nilcéia, minha professora da primeira série. Ele não perguntou o porquê nem quis saber mais... era só um questionário para um trabalho de Inglês. Mas, na segunda-feira, não tive como fugir.

Era uma aula normal, em um dia qualquer (assim pensava eu), página 93 do livro, uma crônica para ler. Tarefa aparentemente fácil, mas não era.

O texto “A Visita”, de Walcyr Carrasco, história de um narrador e a visita que fez à sua professora do ginásio depois de 40 anos sem vê-la, fez secar a garganta e rolar lágrimas que eu insistia em reter. Respirei fundo, contei até três e prossegui... Quando o personagem começou a se questionar sobre o “valor” do presente que levaria para ela, não consegui mais me conter: permiti que os sentimentos mansamente viessem à tona e escorressem pelo meu rosto.

Ao término da leitura, alguns estudantes choravam baixinho, flechados pela minha dor. Tive de contar a história toda.

Nilcéia fora a professora da primeira série, eu era a aluna nova, em uma escola nova, em uma turma nova... Não tinha problemas em aprender, já sabia ler e escrever, o meu desafio era outro: fazer novas amizades. Não consigo descrever que mágica ela fez, mas, pouco a pouco, ela trabalhou com os medos de cada um de nós, ela nos mostrou o quanto erámos especiais e nos fez ver a escola como um lugar de acolhimento e amor. O primeiro semestre ao seu lado foi incrível, ela era o nosso bote salva-vidas, que nos fazia flutuar. E quando contava histórias... ela nos transportava para dentro de cada página, nos levava para lugares mágicos e desconhecidos...

Mas tudo o que é bom dura pouco... (é assim que diz o ditado?).

No último dia de férias, eu estava eufórica, não via a hora de voltar para a escola, uniforme separado, mochila arrumada, eu quase não me continha de tanta ansiedade... Antes de dormir, minha mãe me chamou para conversar, disse que não era para eu ficar triste, que nem sempre as coisas são como queremos que sejam, e todo aquele *blá-blá-blá* que os adultos dizem quando querem convencer uma criança de que uma coisa ruim é boa. Depois de muito rodeio, ela disse que a professora Nilcéia tinha ido embora para o interior e que teríamos uma nova professora.

Tal notícia me feriu como a adaga de Romeu à Julieta; chorei muito, mal dormi à noite, tamanha era a minha tristeza... Na manhã seguinte, não queria ir à escola, mas com seu jeito meigo e a chinela na mão, minha mãe logo me convenceu de que eu não tinha escolha, teria que enfrentar toda a turma com os meus olhos vermelhos e minha cara inchada.

E qual não foi a minha surpresa, meus amigos estavam como eu... morrendo por dentro. Abraçamo-nos e choramos juntos, na expectativa de dividir aquela dor e torná-la tão pequena a ponto que pudéssemos suportá-la... Não conseguimos. A cada minuto que passava, a ausência da nossa professora aumentava o vazio em nossa alma. Foi um dia triste, uma semana triste, um mês triste, um semestre triste, um ano triste, permeados por aquela ausência. Às vezes, esquecíamos-nos dela e vivíamos nossa vidinha de criança, mas, de repente, não mais que de repente, aquela dor vinha lancinante e nos carregava como um furacão para um mar de lágrimas e de saudade...

O tempo passou, eu cresci... mas, mesmo que eu não pense nela todos os dias, ela está comigo, como se cada vez que eu contasse essa história eu fosse novamente arremessada para o ano de 1985...

Fui para a outra escola, abatida. Walcyr tinha conseguido agradecer à sua amada professora. Por que eu não conseguiria? A angústia ia crescendo dentro de mim, tinha que fazer algo, achar um meio de dizer a minha professora tão querida o quanto ela foi especial e como a sua presença ainda vive na minha prática docente e na minha vida... Mas não nesta hora: uma turminha de 25 estudantes esperava por mim e pela história que eu lia naquele dia.

Uma pequena pediu para escolher um livro, me trouxe “Palavra de filho”, de Jonas Ribeiro; nele, João arruma um jeito especial de falar com o pai: escrevendo cartas; porém, ele não as entregava, colocava em um envelope, passava a cola e depois segurava a carta com as duas mãos e soprava suavemente e, dessa forma, todo o escrito ia direto para o coração do pai.

Eureka! Encontrei a resposta que procurava! Vou escrever uma crônica, depois soprá-la e torcer para que o universo conspire a meu favor dessa vez, e faça esse escrito chegar até ela, onde quer que ela esteja. Que essa folhinha voadora, que acabou de se transformar em nuvem de palavras, possa levar de presente a ela todo o meu amor e o abraço de despedida (ou de reencontro) que eu não pude (posso) dar.

O sonho - entre a cruz, a espada e a estrada

Sonharam muitos poetas pela conquista do amor. Outros sonharam para que as guerras acabassem.

A palavra sonho significa, segundo o dicionário, *sequência de imagens produzidas pela mente durante o sono, forte aspiração, desejo, ilusão, utopia*. Até o doce de trigo feito pela minha tia, frito no óleo, salpicado de açúcar e recheado com goiabada, também define e nomeia esta palavra tão peculiar e repleta de sensações.

Quem sonha se denomina sonhador, e o sonhador é colocado, muitas vezes, no sentido de iludido, preguiçoso, ingênuo, acomodado. Sonhar, nesse nosso mundo atual, está intimamente ligado à própria sobrevivência. Os sonhos hoje vêm empacotados, com códigos de barra, prazos de validade e, como tudo na vida, todos têm seu preço. Resta saber se o sonhador devotado está realmente disposto a pagá-lo.

Às vezes, os sonhos de alguns podem ser a desventura de outros. Um simples sapato velho, que era sonho de um Tonho Pliniano, trouxe a morte de seu amigo e colega de quarto. Este mesmo sapato, só que de cristal, anima até hoje, os sonhos juvenis de mocinhas prendadas que, como a do Conto de Fadas, esperam pelo seu Príncipe Encantado, que realizará todos os seus sonhos e que, ao final, todos serão felizes para sempre.

Se ser feliz hoje é realizar sonhos, muitos brasileiros viverão órfãos desse desejo, pois, na nossa sociedade real, sonhar custa caro e a cara do sonho deve ser parecida com as das notas de dinheiro, nesse caso, duplamente reais, que circulam por aí, realizando sonhos alheios.

Se ser sonhador é ser cidadão, novamente o mérito de sonhar escapole das mãos sedentas ou das cabeças sonolentas dos postulantes a sonhador que, sem as condições para, no mínimo, ser gente, não podem sonhar. Dizem os especialistas que até os bichos sonham, ora, pois, por que os seres humanos não poderão sonhar?

Strinberg sonhou na sua peça teatral, Akira Kurosawa, no seu filme; até Shakespeare sonhou numa noite de verão!

Às vezes, acho que os sonhos, quando nos transportam para o seu mundo, nos enlouquecem. Talvez Morfheu não queira companhia na sua casa e nem compartilhar dos seus sonhos conosco, pobres mortais

dorminhocos. Achamos, na nossa doce ilusão de sonhador, que, um dia, eles se realizarão como mágica, que solta no ar seus encantos coloridos, dignos de um desenho de Walt Disney, caindo lentamente no solo frio da nossa credulidade.

Por sonhos, muitos morrem, ao defender o seu ideal. Sonham tanto que perdem a noção do perigo, tornando-se heróis de seu tempo, semideuses de suas causas e de sonhos que se tornam coletivos.

Sonhar por dias melhores, como diz a frase clichê, pode ser visto de duas formas:

Os pessimistas, aqueles que nunca sonham, e que colocam mal agouro nos sonhos coloridos, apresentarão gráficos de desenvolvimento na área pretendida e informarão, aos sonhadores desinformados, que as possibilidades de concreção do seu sonho são mínimas, ou melhor, inexistentes.

Já os otimistas, eternos sonhadores, apontarão alternativas criativas para contrapor com os resultados apresentados pelos amigos pessimistas, e defenderão o seu ideal, até perderem sua última gota de sangue e esperança.

Os políticos, visionários, jurídicos e afins, certamente entrarão em cena para garantir este embate, proporcionando, tanto para os pessimistas quanto para os otimistas, possibilidades de ganhos. Lamentavelmente, usarão de toda sua lábia peçonhenta para iludir ambos os lados. Afinal, vivem disso e não iriam perder esta oportunidade.

Felizmente, somente juntos, com a cabeça nos sonhos e os pés no chão, imbuídos da simplicidade, das necessidades reais de homem-cidadão, somaremos à obrigatoriedade humana, a “*Renovação e Crença no Homem*” que, por meio da fé em si mesmo, carregada com suas verdades mais profundas, lutará por sonhos de igualdade para todos.

Sonhar, nesse caso, é arriscar, estabelecer metas, correr riscos, ir em busca do que se quer, contribuindo de forma ética e honesta para a realização de cada sonho pessoal.

Tornar tudo isso crível pode ser demorado, doloroso e edificante, porém, nunca impossível.

Este é o meu sonho secreto e, certamente, com a arte, eu o concretizarei!

DRE Freguesia / Brasilândia
EMEF Paulo Nogueira Filho

EDUCADOR

MARCELO BENIGNO AMORIM E SILVA

A vida se encarrega de mudar se você não tiver coragem

Passei o cartão no ponto e fui para o meu posto de trabalho, como fazia em todas as manhãs.

Gerente de um banco renomado, com credibilidade no mercado dos negócios, como Assistente de Pessoa Jurídica, eram atributos que me faziam “importante”.

Entre um atendimento e o outro, pensei que estava vivendo mais um dia comum de trabalho, quando fui chamada à sala do Diretor, Gerente Administrador Chefe, que me demitiu.

Descendo do salto, com o coração despedaçado e 20 anos em uma caixa de papelão, com direito a um ex-amigo de trabalho me escoltando, como que para que eu não roubasse nada, saí de lá rebaixada a saldo negativo, catando moedinhas, ou caquinhos, para eu me recompor.

Anos de dedicação, anos de cursos de especialização, carro novo... com carnê a perder de vista, filha pequena, mãe solteira. Minha cabeça fervilhava, enquanto o chão se abria, diante de mim.

Passado o susto, me dei conta que era uma pessoa forte, preparada para enfrentar essa situação. Não adiantava chorar, não adiantava sofrer, então, lembrei-me que tinha um diploma guardado no fundo, de uma gaveta.

– Será?

Apreendi a ser mãe de vários filhos, ser médica, conselheira, psicóloga, faxineira, enfermeira, advogada, engenheira, arquiteta, amiga, mediadora e a enfrentar a realidade dura diante do sofrimento alheio.

Hoje, não me vejo atuando em qualquer outra profissão, parece que nunca fui bancária. Acordo todos os dias esperando ganhar sorrisos e abraços, não preciso mais vender seguros e capitalizações: aplico no amor, em vez de no *Over Night*, CDB e Poupança, vivo de emoções verdadeiras e o segredo vem dos estudantes, da sala de aula, da minha palavra e do meu coração.

Ainda bem que quando não temos coragem para mudar a vida, ela se encarrega de fazê-lo por nós.

Tirei o diploma do fundo, mas do fundo mesmo da gaveta e o transformei em um troféu.

Não preciso mais de saltos altos, diariamente; preciso de abraços.

DRE Penha
EMEF Barão de Mauá
EDUCADORA

MÁRCIA REGINA OLIVO

Borboletismo

São sintomas do borboletismo: atração irresistível por coisas belas e coloridas, como flores, plantas etc.; obstinação por dias ensolarados em detrimento das noites; sonolência e languidez noturnas; o prazer como foco de vida.

– Sra., sua filha é uma borboleta.

– Como, doutor?

A mãe ficou assustada. A afirmação lhe feria a alma.

– Minha senhora, aceite a realidade.

– O Sr. tem mesmo certeza?

– Eu tenho muita experiência. Procure esta associação. Disse isso, entregando-lhe um cartão: “Associação de mães de borboletas”.

– Meu Deus!

A mãe saiu do consultório com vontade de chorar. Rememorava a fala da professora, no dia anterior, que dizia que sua filha era diferente. Ao chegar em casa, pesquisou na internet sobre o borboletismo e confirmou: a filha tinha comportamentos de uma borboleta.

Mamãe estava muito triste. Observou a filha com compaixão: pobre, sem pai e ainda uma borboleta! “Que sina, minha filha! Mas, Deus sabe o que faz!”

As coisas deveriam ser diferentes dali para frente. Cada passo a ser dado deveria tomar como base o livro “Como conviver com o borboletismo: um método seguro em direção à normalidade”. Ser normal é o mais importante. Afastar-se do normal é sempre um mal. “Vamos seguir o conselho de quem já superou a metamorfose”, pensou.

Na “Associação de Mães de Filhos-borboleta” davam-se vários conselhos:

– Queridos pais, comecem a se acostumar com a verdade. Quanto mais conhecermos sobre o comportamento das borboletas, melhor saberemos lidar com nossos filhos.

– É verdade, doutora, estava lendo que as borboletas respiram batendo as asas e, finalmente, entendi porque meu filho não para quieto: ele faz isso para respirar melhor!!

– No meu caso, foi diferente. A palestra da semana passada explicou que as borboletas só voam quando o Sol está forte. Meu filhinho ainda não voou, mas, em um dia de Sol, ele deu um pulo de cima da cadeira, que bem parecia uma iniciação ao voo. Agradeço por poder compreender melhor o meu rebento.

– Pessoal, a borboletagem é uma realidade cada vez mais presente em nosso cotidiano. A porcentagem de pessoas com borboletismo vem aumentando significativamente. Há cem anos, era de 3% da população mundial. Esse índice subiu para 10% nos seguintes 50 anos e hoje já alcança a casa dos 26%. Quanto mais cedo aceitarmos a realidade, melhor funciona o tratamento.

A mãezinha se resignou e seguiu os tratamentos. O borboletismo, por sua vez, mais se alastrava no contexto nacional e internacional.

Ele pode se manifestar na infância, na adolescência ou na fase adulta. Pode estar na genética ou ser adquirido. Como ainda não há estudos suficientes para se afirmar se o borboletismo é uma doença ou um transtorno, elegeram o nome clínico “metamorfose”, parecendo ser o mais adequado para caracterizar a anomalia.

Novas leis surgiram beneficiando esse público. Nos coletivos, já havia cadeiras reservadas com a inscrição “Você não vai se sentar sobre uma borboleta, não é?”.

No primeiro dia da primavera, convencionou-se realizar uma paralisação em favor do borboletismo. Grandes passeatas invadiam as ruas de milhares de cidades do globo.

Grandes personalidades começavam a se revelar como borboletadas. Até o grande ator de Hollywood, Flyer Gardner fez declarações de que era borboletado desde a infância, mas só descobriu recentemente a metamorfose. O preconceito e a ignorância do povo fizeram-no abafar as descobertas. “Aguardei o momento certo para me revelar. Tive receio, mas agora percebo que minha voz pode ser importante para encorajar aqueles que têm a metamorfose, mas que se sentem desamparados.”

Inovadoras investigações ganhavam espaço nas mídias internacionais e também nos artigos científicos e teses. O tema tomou espaço no Conselho da ONU. Tratados internacionais legislavam com cuidado sobre o tema. Novos estudos previam que, em vinte anos, 90% da população mundial sofreria do grande mal.

Os anos passaram e o borboletismo passou a ser dividido em duas grandes categorias. O borboletismo *ipsis litteris* e o grilismo. Com sintomas idênticos, somente um olhar especializado poderia diferir entre uma metamorfose e outra. Um ano depois, investigadores elencaram dezoito novas categorias de borboletismo, as quais, com estudo aprofundado, desligavam-se da raiz do invertebrado, formando novas subcategorias.

Seria desnecessário mencionar que a palavra borboletismo fora esquecida com o decorrer do tempo. Era mencionada de quando em vez, com explícito desdém. Os dezoito bichinhos do jardim tomaram o seu lugar. Mas, por serem muitos, e as características tão semelhantes, somente distinguidas por especialistas, a teoria caiu em desuso. Uma inovadora tese, bem acolhida pelos meios de comunicação, resumia a teoria anterior em apenas um inseto, que passou a ser o foco da nova era: o joanismo.

DRE Campo Limpo
EMEF Cyro Albuquerque
EDUCADOR

MARCOS RODRIGO DA ROSA

Memórias estampadas

Ele havia passado despercebido, enquanto eu me alimentava, absorvida em pensamentos desconexos e embaralhados.... Eis que ele me enxerga sozinha em meio àquela horda de pescoços envergados, olhos fixados em suas pequenas telinhas luminosas, das quais eu também fazia parte, mesmo relutante...

Em voz alta, puxou prosa e, de sobressalto, parei de filtrar os ruídos a minha volta por um segundo e, no mesmo instante, curiosa, foquei a atenção naquela figura estranha e simpática ali em pé diante de mim.

Ele varria o chão, enquanto vasculhava suas memórias, adentrando o quarto de cada lembrança... Uma saia, uma simples saia comprida, estampada e rodada, fê-lo retornar para o sertão da Paraíba, onde me dizia - enquanto calorosamente varria aquele chão frio - suas irmãs não podiam, em hipótese alguma, usar saias curtas, porque seus pais não deixavam; diante disso, usavam saias longas como a minha, a maior parte do tempo, até que as inquietações de querer experimentar uma “pitada” do que poderia ser o gosto da liberdade as faziam-nas ficar atentas e, na surdina da madrugada, escapuliam, até quase amanhecer, mesmo que a estripulia lhes causasse atrito com a cinta de seu pai, manejada por sua mãe, ardendo-lhes o couro! Em seus olhos saudosos ao relatar, eu compreendia.... Para elas valia a pena!

Ele ainda comentou dum grande saco de pipoca que compravam quando crianças para enganar a fome; compartilhei histórias dos meus pais também nordestinos, baianos... E, depois de varrer minuciosamente cada pedaço daquele chão branco-gelo, despediu-se... Foi inevitável a invasão bem rápida dum raciocínio em minha mente: imagine viver num contexto e época em que não se pudesse escolher as próprias roupas? Imagine ter que enganar a fome sem ser por opção? Hoje, eu uso saias longas porque quero, porque gosto... E não por ter que esconder minhas pernas mesmo em dias de calor ardido no sertão. Hoje, eu até posso “enganar” minha fome, mas por preferir enganá-la e não por não ter opção...

Fiquei ali, mais uma vez mergulhada e envolta em meus pensamentos, agora não mais desconexos e embaralhados.

DRE Penha
CEI Jardim Popular
EDUCADORA

MARIA APARECIDA ALVES PIONÓRIO

Uma vida de trabalho

Hoje, ela ocupa lugar de destaque na sala, faz parte da decoração... mas não foi sempre assim, não!

Dentre os inúmeros presentes de casamento da jovem Josefina, aquele utensílio de cozinha lhe chamara mais a atenção, sem ao menos saber a razão. Foi assim, uma simpatia à primeira vista mesmo. Era uma chaleira azul que, por sua vez, parecia mais ansiosa que todos os demais presentes, como se quisesse sair logo daquela caixa e ir para a “lida” na cozinha nova, da casa onde Josefina iria morar com seu apaixonado esposo.

E Josefina, ao chegar de viagem de lua de mel, como se adivinhasse, realizou o sonho da chaleira, que passou a ser colocada no fogo o dia todo, nas mais diversas tarefas da jovem dona de casa: a chaleira fervia a água do café, a água que cozia o ovo, depois a água do arroz, a água do chá das três, a água para lavar a louça e até a água do “escalda-pés.”

Ah, esta chaleira trabalhava tanto e tanto, que até já ousava sonhar com uma tal de “aposentadoria”, uma espécie de descanso merecido que existia muito antigamente, conforme a chaleira ouvira Josefina falando com suas amigas, nos encontros semanais; elas dizem agora que, num novo sistema implantado, a ordem era morrer de tanto trabalhar... A chaleira ficara até assustada ao ouvir tamanho absurdo.

Depois de muitos anos, a chaleira começou a vazar e já não tão jovem, agora a chamada de Dona Josefina, pôs-se a reclamar, resmungar e esbravejar; parecia também estar cansada e querendo se aposentar, a exausta dona de casa. Sem muito pensar, Dona Josefina lançou a pobre e trabalhadeira chaleira pela janela. Jogou com tanta força que ela foi morar perto do muro, num monte de terra que há muito tempo estava empilhado no quintal. Caiu assustada e triste, como se fosse um lixo qualquer...

A chaleira, chorosa, lembrou toda a sua vida útil ao lado de Josefina, desde o dia em que saíra daquele lindo embrulho de presente, no dia do casamento de sua dona. Lembrou-se até que havia recebido um nome, como se fosse uma pessoa da família. Sim, Charalina era o nome dela, que vivia alegre naquela linda cozinha, ao lado da panela Amélia, do caldeirão Sebastião e de vários outros utensílios que tinham uma vida bem mais tranquila que a da esforçada chaleira, que, de tanto ser usada, parecia muito mais velha

e desgastada do que seus companheiros de “lida”, tanto que nenhum deles fora jogado fora como ela. Somente ela virara “lixo”, que tristeza!

Os dias se passaram, choveu, fez sol e voltou a chover. Charalina rolou e recebeu dentro de si uma grande porção de terra, já que fora arremessada sem a tampa. Ficou lá, jogada e pesada.

No final do inverno, a pobre chaleira sentiu que algo estranho lhe acontecia, como se algo se mexesse dentro dela. Ficou assustada, pensava que havia virado morada de algum bicho, só faltava esta! Sentiu medo e muito sono.

Charalina ficou assim por muitos dias. Durante todo o resto do inverno, parecia dormir, descansando como um dia ousara sonhar.

Quando a primavera chegou, Charalina estranhou tantas borboletas e pássaros felizes em sua volta, como se viessem visitá-la, para sua surpresa, Charalina percebeu que havia nascido uma planta dentro dela e havia três lindas flores abertas, além de vários outros botões prestes a abrir e alegrar ainda mais a sua vida, naquele cantinho do quintal.

Dona Josefina saiu para ver que animação era aquela no seu quintal, já que os pássaros bailavam com as borboletas em volta de lindas flores... Ao perceber aquela linda festa de primavera, Dona Josefina olhou com mais atenção e com surpresa, observou como Charalina estava linda e florida.

Arrependida e feliz com tanta beleza, a senhora não teve dúvidas, limpou a chaleira, como se pedisse desculpas e a levou para dentro, não mais para a cozinha, o seu antigo local de trabalho; passou direto para a sala, onde Charalina, toda feliz e orgulhosa, passou a ser, o mais lindo enfeite daquele ambiente tão acolhedor!

Charalina suspirou de alegria, alívio e, sobretudo, gratidão ao Criador que lhe presenteou com uma nova oportunidade de ser útil, naquele lar que ela tanto amava.

Ah, agora sim, a tão desejada “aposentadoria” de Charalina havia chegado!

“A barata diz que tem”

Ninguém conseguiria penetrar no coração e nos sentimentos de uma criança, rodopiando alegremente, em uma inocente e alegre brincadeira de roda.

Palavras e rimas enchem o ar de melodias “A barata diz que tem...”. A música se repete e seus versos se alternam sem causar preocupações maiores aos adultos que se entreolham, sonhando com seu tempo de criança, quando nenhuma preocupação com emprego, contas, trabalhos, política, poluição ou *bullying* turvavam seus pensamentos. Será que se perguntariam sobre o porquê de alguém ter inventado a música da baratinha? Será que imaginariam ser, a música, uma denúncia, uma crítica, contra quem ousara afirmar ter sete saias, como a protagonista, mas, na verdade, só tinha uma única saia, rasgada e velhinha? Imperdoável tanta ousadia!

Todas as manhãs na hora do recreio ou nos finais de semana, protegidas pelas grandes árvores que existiam na Praça da Matriz da pequena cidade, um grupo de crianças partilhava a brincadeira de roda. Com vozes estridentes levadas pelo vento, todas cantavam. Cada uma queria cantar mais alto do que a outra – “A barata diz que tem...”.

Entre elas, algumas se preparavam para uma grande comemoração, pois uma festa importante se aproximava – a Primeira Comunhão – momento que encerrava um ciclo de preparações para que cada criança assumisse, por si mesma, sua fé em Deus, presente na Eucaristia.

Na Igreja da pequena cidade, ensaios e ensaios seguiam-se dia a dia, como uma procissão, intercalados com as brincadeiras de roda. As crianças, entusiasmadas, faziam planos e planos sonhando com aquele dia em que suas roupas brancas e novinhas brilhariam aos raios do sol.

Cada uma delas, por alguns instantes, seria o centro de todas as atenções.

Entre folgedos e ensaios, cada menina descrevia com detalhes a sua roupa para a grande festa:

– A minha roupa será linda! Terá sete saias de um branco como a neve. O tecido parece cristal, provocando um barulho como cristais se quebrando, quando eu ando – dizia uma das meninas, de olhos azuis e cabelos negros ondulados.

Nossa protagonista, na sua vez, dizia com entusiasmo:

– Meu vestido será branco, banhado com raios de sol, com fitas brancas, laços e muito brilho. Ele terá várias saias e me sentirei como uma dançarina.

Entre risos e conversas, os preparativos continuavam, com intervalos festivos cheios de brincadeiras de roda.

Como sempre nesses momentos, a música mais cantada, que todas sabiam de cor, era aquela preterida – “A barata diz que tem sete saias de filó”. Todas respondiam em coro: – “É mentira da barata. Ela tem é uma só. Hah!Hah!Hah!Hah! Hoh! Hoh!”.

Coitadinha da barata!

A baratinha era ridicularizada por dizer que tinha aquilo que de fato não tinha, vangloriando-se, para não ficar por baixo das outras, para mostrar que era algo que nunca seria. Que tinha alguma coisa que nunca teria.

O dia esperado chegou. Na Igrejinha toda enfeitada, os lugares estavam marcados. Nossa Menina estava no terceiro banco, orgulhosa de seu vestido branco, feito de um lençol de algodão, já usado, que, por dias e dias, a mãe caprichosa, havia colocado em uma bacia com água ao sol para quasar, para ser alvejado pelos quentes e luminosos raios de sol, esperando que o tecido ficasse tão branco que, do lençol já usado, ninguém mais se lembrasse.

Uma das irmãs mediu, cortou, costurou, mas só deu mesmo para fazer uma única saia no vestido tão sonhado!

Na primeira prova do vestido, lágrimas tentaram se equilibrar nos olhos da menina, para não molhar a face e denunciar o seu desapontamento. Sua irmã Rosa que ajudava a terminar o vestido, ajustando aqui, soltando ali, percebendo o desapontamento da menina, diante dos sonhos compartilhados de um vestido deslumbrante avisou:

– Vamos colocar muito brilho, muitos laços de fita pequeninos, cobertos com uns brocados. Você vai ver, vai ficar encantador!

Assim, perdida em seus pensamentos, a menina se lembrava da alegria e do orgulho de, naquela manhã, ter caminhado pelas ruas, de sua casa até a Igreja, acompanhada por todos de sua casa, pai, mãe, irmãs, irmãos, para a Missa domingueira matinal. A brisa da manhã tornara leve o caminhar. Todos na rua pareciam olhar para ela. Aquele era o seu dia!

De repente, a menina volta para o momento presente. O silêncio da Igreja é rompido por barulhos de vidros se quebrando. Todos olham para trás. Era o cetim, o failete brilhando! Era sua amiga de brincadeiras chegando.

Cada passo que a menina dava pelo corredor da pequena Igreja lotada produzia sons parecidos com o de cristais se quebrando, como ela havia dito.

Seu lugar era bem ao lado da nossa menina feliz, com seu vestido de lençol, que do velho lençol nada mais lembrava. Esta teve que se encolher para que, no banco, houvesse espaço para tantas saias e brilhos.

Eram de fato sete saias e sete saias bem rodadas. A menina, então, pensou: – Ela de fato arrasou! Mas este é meu dia também assim como é o dela. Mesmo sem tantas saias, meu vestido é tão belo quanto o dela – consolou-se.

Assim a cerimônia continuou. Era difícil ignorar o belo vestido a seu lado, porém a menina se empolgou com a festa e com os detalhes da cerimônia, deixando-se envolver por seu vestido que, com tanto carinho, tinha sido preparado e confeccionado, ponto a ponto, laço a laço.

No entanto, nos anos que se seguiram, a imagem a marcou para sempre e em cada brincadeira de roda, quando a música da baratinha era cantada, a menina, olhando disfarçadamente para as coleguinhas, perguntava-se:

– Será que estão rindo de mim? Sou eu a baratinha da vez, que disse ter um vestido com tantas saias, mas era mentira e só tinha apenas uma, bem pobrezinha, muito simples e surradinha?!

Porém, sorrateiramente, olhando para o sorriso das outras garotas, felizes na brincadeira de roda, nunca percebeu nada de diferente, e os vestidos brancos nunca mais foram assunto nem motivo de preocupações.

Provavelmente, a música da baratinha seria apenas mais uma música, criada simplesmente para rimar e alegrar uma brincadeira de roda, embalando sonhos e infâncias, sem ter a pretensão de querer denunciar e humilhar, tantas e tantas “baratinhas” da vida, que sempre poderão encontrar alguém mais bem vestido que, ao olhá-las com desdém, apontando com o dedo em riste, provocarão: “A barata diz que tem...”, mas não tem.

DRE Penha
EMEF Padre Serafin Martinez Gutierrez e CEI Padre Matias Bonar Gonzalez
EDUCADORA

MARIA DA CONCEIÇÃO NUNES DOMICIANO DA SILVA

Cegueira moderna

Antes das 6 horas era o horário de sair de casa, passos apressados. Sempre tudo escuro e mudo, mesmo cheio de gente barulhenta, faróis, buzinas, conversas altas e vendedores ambulantes. Estar em uma estação de metrô era o sonho da criança. Hoje, jovem adulta, quando tudo virou rotina, ela não ouve, não enxerga e não fala. A surdez chegou avassaladora, a mudez veio gradativamente e, finalmente, a cegueira foi o último estágio, que comprovou sua total dependência do mundo digital.

Hoje, ao chegar à estação, subiu as escadas com a ajuda de um corrimão, sentou-se no segundo banco da plataforma (porque sabia que não era preferencial), mas logo a inquietação tomou conta dela diante da demora do próximo trem. Ao seu lado, sentou-se uma senhora de 74 anos, com sua visão perfeita, sem nenhum grau de miopia ou qualquer outra doença que inventam nos dias de hoje; sua audição era como a de um canino, ouvia até o bater das asas da borboleta; da mesma forma, a sua dicção era do mais formoso, coerente e preciso modo de falar.

Algum estranho, passando pela plataforma, resolveu perguntar para a jovem que horas eram, ela nada respondeu. A senhora, então, gentilmente olhou no seu relógio e respondeu ao rapaz, que lhe sorriu e agradeceu com simpatia.

A senhora percebe a jovem ao lado, analisa sua surdez, sua cegueira e sua mudez. Logo imagina quão bom seria se aquela jovem não tivesse aquelas “limitações”, se pudesse sentir como as flores do campo são lindas na primavera, se pudesse prestigiar a diversidade de pessoas ao nosso redor, se pudesse sentir a emoção de tocar alguém que se ama, a suavidade que emana da música preferida, a magia do reencontro com alguém de quem se está com muita saudade, dentre outras inúmeras coisas, situações tão corriqueiras quanto especiais, pelas quais vale a pena viver.

A senhora, pensativa, apenas imaginava quão melhor seria a vida daquela jovem se pudesse ter o mesmo privilégio de viver tão intensamente quanto ela.

Minutos depois, o trem chegou à plataforma. A jovem levantou-se, apressada, para logo sentar-se no vagão e já, com muita dificuldade, erguer-se do banco e seguir até à porta. Dentro do vagão, viu a senhora idosa, com dificuldades para entrar, solidarizou-se, tirou seus fones, respirou fundo e aproximou-se dela, perguntando se queria ajuda, e ela aceitou.

Havia ali uma situação rotineira: uma jovem que possuía todos os seus sentidos funcionando perfeitamente – embora, não desse esta impressão a quem a observasse – e, entretanto, fazendo parte da juventude desse século, diante do uso exacerbado da tecnologia, acabou por desconectar-se do mundo real, tantas vezes. Bastava colocar seus fones para que todo o barulho da metrópole sumisse, para que as pessoas desaparecessem, para que não se comunicasse com mais ninguém. Por outro lado, no outro banco, uma idosa de 74 anos que possuía o poder de apreciação, que substitui qualquer jovem olhar e sem vida, pois tinha em si a magia de colecionar momentos, de sentir purezas, de perceber emoções, evidenciava o contraste entre gerações, quanto à cegueira moderna que assola a juventude, diante dos atrativos do mundo virtual.

E o trem seguiu viagem, para a rotina e a forma costumeira de levar a vida, vivida da forma que se escolhe para viver.

DRE Guaianases
DIPED - Divisão Pedagógica
EDUCADORA

MARIA INÊS ALVES PEREIRA

A lagarta

A correria do dia a dia não nos possibilita pensar sobre fatos simples, mas significativos. Trabalhar e cuidar dos filhos e da casa faz com que nosso pensamento se torne acelerado e mecânico.

Acredito que fazer algo do cotidiano, que não demande “sair da caixa”, dê a oportunidade para refletir sobre a própria vida.

Hoje, enquanto preparava o almoço, percebi uma lagarta na alface que iria higienizar. Chamei meus filhos para observá-la nadando na água em que a alface estava de molho. Logo em seguida, disse: “Agora ela irá morrer, porque vou jogar o alvejante nela”.

Meu primogênito me interrompeu dizendo: “Não, vou tirá-la e colocá-la na pia”. Nesse momento respondi sem pensar: “Ela irá morrer de qualquer jeito! Não importa que esteja no alvejante ou na pia, pois, uma hora ou outra, será este o seu destino, porque está fora do seu ambiente”.

A partir dessa frase, comecei a refletir. Em pensamento eu me perguntei: que diferença faria para a lagarta? Não sei, mas para meu filho...Ele abominou a morte com o alvejante cruel, contudo, a morte mais lenta, na pia ou na água, lhe parecia mais aceitável.

Diante desse acontecimento, comecei a considerar alguns pontos de vista de forma diferente. Será que estamos nos conformando com as crueldades? Que os fins justificam os meios? Se iremos todos morrer, não faz diferença a forma? Se não vemos algo, significa que não existe?

Quando era mais jovem, acreditava que se passasse por um morador de rua e não o olhasse, pareceria que ele não estava lá, mas, mesmo assim, ainda podia sentir sua presença como uma energia nebulosa.

Esses mesmos pensamentos me ocorreram em relação ao sol. Não podemos vê-lo a olho nu, se tentarmos, o que enxergaremos será apenas uma luz muito forte, mas sua presença é inegável, pois o calor que é emitido por ele é incontestável. Podemos ver a sua luz e sentir na pele sua existência.

Por vezes, queremos esconder ou negar algo, mas... esse algo ainda está lá.

O meu pensamento em relação ao morador de rua era: “Não vejo, então não existe”. Hoje, já consigo entender que o meu sentimento real era de medo. Um medo de encarar os seus olhos e observar através deles sua alma sofrida, magoada, frustrada, pedindo socorro. Medo de constatar, naquele momento, a minha insensibilidade em relação ao próximo.

O ser humano tem uma visão muito restrita sobre o que existe, de fato, no mundo.

A lagarta iria morrer de qualquer forma, o fim não é ruim, mas a forma que deixamos acontecer é que pode nos fazer mais humanos ou simplesmente existentes.

DRE Guaianases
CEU EMEF Lajeado
EDUCADORA

MARIA LUZIENE DOS SANTOS

Olhos de sentir

– Moça, por favor, você vai descer antes ou depois da Avenida Amador Bueno da Veiga?

E ela – olhando fixamente nos meus olhos – respondeu, de maneira gentil, porém, não sem denotar certa curiosidade ou estranhamento, pela fisionomia doce, mas apreensiva:

– Vou descer depois da Avenida...

– Ah! Que bom! Você me salvou... Estou indo à casa de uma amiga querida, que há anos visito, embora não com tanta assiduidade a ponto de não me confundir quanto ao momento de dar o sinal para descer do ônibus. Quando percebo, já estou a dois ou a três pontos à frente.

Rimos e nos entreolhamos, alegres.

– Moça, você conhece a padaria... e fechei os olhos, tentando me lembrar do nome daquele estabelecimento comercial que sempre me servia de referência.

A jovem, agora, totalmente à vontade, olhou de novo, fixamente nos meus olhos, e arrematou:

– Padaria Água Viva?

– Isso mesmo! Que sorte ter me sentado ao seu lado!

De novo, a moça sorriu, olhando-me de maneira enigmática, acabando por concluir:

– Não existe mais a Padaria Água Viva. No seu lugar, existe agora um mercado, de pequeno porte, que ficou popularizado pelo diminutivo “Dinho”, entre os moradores do bairro.

– Engraçado! Você fala do mercadinho como se falasse de um animalzinho de estimação... de “pequeno porte”, repeti.

Rimos de novo as duas e, de novo, nos entreolhamos.

Arrisquei:

– Moça, já que você vai descer do ônibus depois de mim, poderia fazer o favor de me avisar quando chegarmos ao “Dinho”, para eu não perder o ponto, desta vez?

Nenhum riso.

Como num sobressalto, ou como se voltasse à realidade, endureceu o semblante de repente, e me ocultou, pela primeira vez, o olhar claro, penetrante, translúcido. Sua fala direta, sem manobras evasivas, sugeriu que eu apenas ouvisse e não lhe pedisse explicações:

– Não poderei ajudá-la porque sou deficiente visual.

Confesso que me desconcertei. Só então notei a presença de uma bengala, que repousava entre nós duas, no assento.

Constrangida, pedi desculpas e me levantei.

Fui me acomodando entre os passageiros e me aproximando da porta de saída, quando certo timbre de voz ecoou no veículo e interrompeu os meus pensamentos:

– Peça para o motorista ajudá-la! Foi um prazer conhecer você!

Consciente de que não me reconhecera com os olhos de ver, acenei de longe para ela, convicta de que responderia ao meu aceno.

Sentimentos de profunda ternura arrebataram-me, enquanto eu seguia para o meu destino, levando na lembrança e no coração mais uma história.

SME
COPEDE - NTC - AEL

MARIA SUELI FONSECA GONÇALVES

22 de outubro de um ano qualquer...

Diário de Bordo. Hoje na escola aconteceu um fato que eu preciso muito registrar, preciso colocar pra fora, como um grito; um grito de socorro! Nas primeiras aulas do dia, tive uma conversa muito profunda com uns estudantes de um 5º ano. Um deles começou a me contar o que queria ser quando crescer: astronauta ou engenheiro. Eu abri um sorriso e disse que apoiava essas ideias. Ser astronauta, com certeza, não seria fácil, mas seria fascinante! Uma menina, que também participava da conversa, disse que estava em dúvida se queria ser enfermeira ou médica e sugeriu a mim: “Nossa, prô, você poderia dar uma aula pra gente falando sobre o que a gente quer ser quando crescer, né?”. Que ótima ideia, como não havia pensado nisso antes?

Estava na sala dos professores quando bateu o sinal para a 6ª aula, a última aula da manhã. Peguei meus pertences, parei na sala da coordenação para falar sobre uns materiais e desci para buscar outro 5º ano, que estava no intervalo.

Até esse momento, a segunda-feira era apenas uma segunda-feira: sono, luta e muito trabalho.

No corredor, havia dois jovens discutindo, se falando algumas coisas que não conseguia ouvir muito bem. Outros conversando, até que surgem socos, empurrões... Tudo começou a girar lento na minha cabeça: eu gritava para que eles parassem! Claro que jamais me ouviriam, estava um ar denso, pesado, havia muito barulho, sons que não era possível identificar de onde vinham, muitos gritos, risadas. Neles havia ódio e raiva. Era visível o desejo deles de violência!

Perto de mim havia uma professora que tentou apartar; corajosa! Eu deveria ter feito isso também. (Por que não fiz? Pergunto-me até agora). No momento não consegui me mexer, fiquei paralisada, gritei e pedi ajuda ao aluno que era de um tamanho razoável para apartar a briga deles. Mas ele riu, e ficou observando a briga acontecer. A professora corajosa foi mais rápida e correu para chamar o auxiliar que logo conseguiu separá-los.

Nesse momento eu já não conseguia mais pensar como Professora Mariana, de Artes, da Prefeitura Municipal de São Paulo. As lágrimas escorriam sem que eu pudesse ter controle sobre elas, brotavam como flores na primavera enquanto eu caminhava até os alunos do 5º ano. Eles me cercaram na porta, me abraçaram e fizeram cerca de 50 perguntas por segundo, todos juntos: “O que aconteceu professora?”, “O que você tem?”, “O que a gente vai fazer na aula hoje?”, “Você tá chorando?”, “Vamos fazer slime?”, “Professora, não trouxe a cola que você pediu...”.

O sinal já havia batido há alguns minutos. Em vez da sala de aula, fui para o banheiro, fechei a porta, e rezei! (A “tia” da limpeza estava tentando secar uma molhadeira que estava ali na passagem, no meio de tudo isso).

Alguns alunos ainda não haviam percebido o que tinha acontecido, mas outros estavam curiosos: a professora chorou!

Dentro da sala do 5º ano, todos sentaram e ficaram quietos sem que eu tivesse que pedir. Isso é raro! Expliquei sobre a aula e comentei que alguns haviam me visto chorando e eu me senti na obrigação de explicar o que havia acontecido: “Vi uma cena e fiquei horrorizada: dois alunos se batendo!”. Enquanto eu falava, as lágrimas facilmente retornaram a cair. Vi-os no chão se socando – os alunos faziam caras de assustados e continuei –, o pior é que muitas vezes vocês também se batem, ficam numa brincadeira de ‘lutinha’ e depois perdem a noção e começa a ser de verdade, machuca! Acalmei-os dizendo que não estava triste com eles, mas que um professor também é ser humano; nós sentimos tristeza, principalmente, diante de um fato desses.

Não sei como, todos se levantaram e me abraçaram. Enquanto os abraçava, eu dizia: “está tudo bem!” (talvez estivesse falando mais para mim mesma, enquanto abraçava aqueles corpos pequenos e cheios de amor).

A aula seguiu, mas estava anestesiada, não estava sentindo nada. O giz que apoiei na lousa para escrever deslizava distante, as palavras só saíam da minha boca. Bateu o sinal. Acabou a manhã.

Subi as escadas sem saber como, as coisas estavam distantes... Dentro da sala dos professores, encontrei alguns que me viram após toda a cena da briga e diziam: “relaxa!”, “ah, eu não separo briga, não”, “vi alguns filmando e já tá na rede”, “já pedi pra apagar, porque você vai processar eles”.

Não, não está tudo bem, as coisas estão acontecendo a todo o momento. Que coisas?! Tudo acontece o tempo todo, o bom e o ruim; bate o sinal e você vai a caminho do desconhecido. A cada aula, programamos as falas, como motivar, os planejamentos. O corredor serve para acolher os alunos que nos abordam com suas questões. Não está tudo bem, quando você vê uma cena dessas e não pode fazer muita coisa pra ajudar. Isso não é estar bem.

Senti o gosto amargo do descaso, a vida daqueles meninos com certeza não é simples... Eu só queria poder... (gostaria de completar a frase...). Como seria se aqueles meninos tivessem o amor em vez do ódio? Como seria se estivessem se abraçando, ou mesmo se beijando, e nós tivéssemos que separá-los por estarem demonstrando seus afetos na sala de aula?

Queria ser astronauta

DRE Guaianases
CEU EMEF Água Azul
EDUCADORA

MARIANA ROSANA INGLES

Acabamento

Havia sido um dia ordinariamente cotidiano. Ela iria atravessar a cidade de uma ponta à outra novamente.

Antes de sair daquele cubículo no qual passara longas horas do seu dia, segue um ritual. Acomoda seu par de sapatos de salto alto preto em uma gaveta da sua mesa de trabalho. O prazer deste momento faz com que seus olhos brilhem tanto quanto o sonho do encontro de um amor verdadeiro.

Confortável, calçando seus velhos tênis de corrida, caminha em direção ao banheiro. Olha-se no espelho e com um sorriso desconcertado, reencontra-se ao soltar aquele coque que lhe apertava a cabeça. Ajeita os fios longos que emolduram seu rosto. O batom em tom nude dá lugar ao natural dos lábios. Já consegue ver seus poros novamente. Enquanto a água e o sabão escorrem pela pia, ela se liberta de mais um dia.

É como se seu espírito saísse do corpo no romper da aurora e só no cair do dia retornasse. Passa em sua mesa e apanha uma mochila. Vestida de si mesma está pronta para experimentar a vida vira-lata que lhe aguardava ansiosa, abanando o rabo.

DRE São Mateus
EMEF Prof. Benedito Montenegro

EDUCADORA

MIRIÃ PISSAMIGLIO MARQUES

O engano

Um belo casal de namorados entra num ônibus. Ele aparentava uns vinte e cinco anos, moreno, baixo e sorridente e ela uns vinte anos, cabelos longos, magra, pálida demais. Parecia que estavam a caminho do trabalho.

O ônibus estava lotado e os dois ficaram em pé na parte de trás, perto do cobrador. Conversavam, sorriam. Pareciam fazer planos para o futuro. Eu conseguia ouvir algumas partes da conversa e ficava com raiva quando o barulho do trânsito atrapalhava a minha audição.

Ela não sorria muito, só balançava a cabeça de forma positiva e cochichava no ouvido dele. O rapaz era mais expansivo.

Desviei o olhar para uma senhora que tentava subir para o ônibus. Os degraus eram altos para ela, que não passava de um metro e meio de estatura, cabelos grisalhos e carregava uma bengala cor de ouro. Teve que ser ajudada por uma pessoa que estava na porta.

Voltei o olhar ao casal, pois eu estava curioso para saber quem eram, quais os planos que faziam, como eram os seus nomes. Já pensava em fazer a numerologia deles. Ah! Esqueci de dizer que fiz um curso desses pela internet. Sem utilidade alguma, mas fiz.

O casal mudara um pouco de lugar, a condução estava cada vez mais cheia. Um senhor de meia idade que acabara de entrar parou bem pertinho do casal. Atrapalhava-me um pouco a visão. Fiquei com vontade de pedir para não me atrapalhar, mas a minha timidez não deixou.

O amor deles era visível. Ah! Esqueci de comentar, mas acho que vocês já imaginaram. Os dois estavam segurando naquela parte de cima do ônibus, aquele “ferro” que dá certa segurança para não cairmos quando as freadas são bruscas demais, e na maioria das vezes são.

Como disse anteriormente, estava perdendo a visão do casal e resolvi ficar em pé bem pertinho deles. Ofereci meu assento a alguém. Segurei bem firme para não cair e fiquei com o ouvido na conversa alheia.

O rapaz mudara a fisionomia, estava com cara feia, olhar raivoso, estático e não olhava mais para a moça. Puxa! Perdi o episódio da mudança radical do namorado. Pensei: “o que acontecera?”

O destino chegara e iam descer.

Descer!? Como!?

Eu não sabia nada sobre eles. E a curiosidade me matava. Resolvi descer também, e saber o que havia acontecido. Desci junto. E fui ouvindo a discussão:

– Por que você está com essa cara feia? O que aconteceu? – ela, ingenuamente, perguntava.

– Ah, você não sabe!?

– Não!

– Você veio acariciando a mão de um homem que estava ao nosso lado!

DRE Guaianases
CIEJA Rosa Kazue Inakade de Souza
EDUCADORA

NILDA APARECIDA CONRRADO DE PAULA

Next station: Plantação

Em sua primeira semana de trabalho, uma professora ansiosa por viver novas experiências, conhecer novos ambientes de aprendizagem e interagir com profissionais diferentes do seu convívio, apostou em um novo espaço, em novas pessoas e pediu a mudança para uma nova escola.

Logo no primeiro dia conheceu todos. Foi apresentada aos professores e aos espaços, que eram poucos, porém acolhedores. Preocupada com as demandas que logo viriam, quis conhecer todas as possibilidades e, ao ver que uma professora se dirigia a um espaço externo, correu e lhe ofereceu companhia.

- Posso te acompanhar com as crianças até lá embaixo?
- Lógico que pode, professora!
- E o que farão lá?
- Iremos iniciar uma plantação.

Neste momento houve uma comemoração interna por parte dela ao imaginar que fora enviada a um local com ações tão inovadoras e que coincidem com suas práticas educacionais.

Ao descer a rampa de acesso junto com a turma e sua professora, até o espaço que dava para o jardim, depararam-se com Senhor Josias (o jardineiro) que cumprimentou cordialmente todos e com um sorriso. Parecia ser conhecido das crianças, pois todas já sabiam seu nome e o chamavam conforme se aproximavam.

Ele carregava um objeto, um regador que foi solicitado pela professora da turma. Esta manteve um breve com ele, apenas informando:

– Vamos “afogar” a terra para nossa plantação, Sr. Josias, pode me emprestar seu regador e algumas pás?

Afirmando com palavras e entregando os objetos, ele continuou seu trabalho, enquanto as duas professoras e crianças dirigiam-se a outro espaço. Um espaço que favorecia a atividade de plantio. Para as

crianças era só diversão. Começaram a molhar a terra e a cavar o chão com as pás. A professora sentiu-se maravilhada com a experiência proporcionada àquelas crianças.

Num determinado momento, ela percebeu que havia uma criança concentrada em um canto, que parecia conversar com algo na terra. Era o Enzo, extrovertido e fissurado por metrô, pois todas as suas falas eram referentes a este assunto. Ele sabia o nome de todas as estações e costumava repeti-las durante suas brincadeiras. Ao aproximar-se do menino, a professora perguntou:

– Você está com quem?

– Com este tatu-bola aqui, Prô! – disse o menino, todo animado.

Neste momento ela pensou que desta vez o assunto do menino seria outro.

– Muito bem! Que legal esse tatu-bola. E o que você está dizendo a ele?

– Eu falei para ele que aqui não dá para morar mais. Ele precisa procurar outro lugar porque aqui faremos uma nova estação.

– Que estação Enzo? – perguntou a professora.

– Next station: Plantação (Próxima Estação: Plantação), desembarque pelo lado direito do trem.

– Onde ele vai morar, Enzo? – indagou a professora.

– Estação “Fradique Coutinho”, perto da estação que pegamos para ir ao parque.

– E que estação é essa?

– Nossa, professora, você é nova aqui, né? Não sabe que para ir ao parque a gente desce na Estação Paulista? Vou te falar, hein!

Sem ter alternativa, ela resolveu encaixar-se na brincadeira da criança, e concordou dizendo:

– Eh, Enzo! Sou nova aqui. Você tem razão, ainda não me apropriei do lugar.

Paulistano

Faz frio na cidade da garoa
O céu é azul de brigadeiro e eu caminho pela Avenida mais Paulista da cidade
Tenho tempo para observar e absorver, enquanto as notícias populares explodem nas manchetes
E justamente por ter tempo para olhar ao redor é que me percebo, neste momento, numa realidade incomum
O paulistano é engraçado
Ou está com pressa
Ou está atrasado
Está com pressa porque a vida corre muito
E ele não quer ficar para trás
Não quer deixar a vida passar por ele antes que ele possa correr mais
Corre porque deixou muita coisa no ar
Muita coisa pra falar
Muita gente pra amar
Está atrasado pra chegar em casa
Pra chegar no bar
Pra ir pro rolê
Pra ir trabalhar
Está atrasado porque quer tudo ao mesmo tempo agora
Porque parar para sonhar pode levar horas
Então sonha enquanto corre, caminha e chora
O paulistano é engraçado
Vive com a cabeça no tempo
Mas também esquece o relógio
É um tal de vai pra lá
Vem pra cá
Que às vezes para no meio do caminho

Atrasado, sempre
E olha pra cima, vê o por do sol
Contempla por um tempo e pensa: vou me atrasar
O paulistano é até engraçado
Mas reclama
Reclama do cinza, reclama da chuva
Reclama do sol, reclama do asfalto
Reclama da árvore que caiu em seu carro
Reclama das manifestações que o fazem atrasar mais
Reclama do metrô
Reclama porque falta amor
Reclama, mas também ama
Ama os cemitérios que parecem obras de arte
Ama os museus e as praças
Ama seus teatros e seus helicópteros
Ama seus parques e por que não, os shoppings centers
Ama seus cinemas e suas histórias
Ama até o trânsito que faz as luzes piscarem, todas de uma só cor, num ritmo lento
Ama suas baladas
Ama o pôr do sol laranja
Ama também a chuva que às vezes esquece de cair, ou de parar
Ama (e reclama) do tempo
Ama até sua periferia
Ama até o centro
Ama até os desconhecidos que passam com suas caras fechadas, sempre atrasados
Ama porque eles têm a cara de São Paulo

DRE Penha
EMEF Barão de Mauá
EDUCADORA

PATRICIA DA SILVA SANTOS

Mortes

Enquanto esperava o café chegar, Alberto observava a luxuosa lanchonete, o lugar bem arejado, acessado por portas automáticas, de vidros impecavelmente brilhantes de tão limpos.

Havia uma parede azulejada num revestimento azul clarinho, com viés mais escuro no centro de cada peça que, juntando-se à próxima, formava um singelo desenho decorativo, perto do forno e da pia do estabelecimento.

As pessoas estavam solenemente vestidas, os homens trajavam ternos sóbrios e as mulheres também não fugiam à regra: em sua maioria, ostentavam vestidos em tons pastéis, ou conjuntos com uma ou outra peça em preto.

Havia pedido um descafeinado. De todas as coisas que cortara de sua alimentação desde que recebera a notícia fatídica do câncer, o café era a única que não conseguira abandonar, ao menos por enquanto, já que o diagnóstico era recente e a doença, em estágio inicial, podia permitir-se ainda alguns abusos. Pedia dessa forma o descafeinado, julgava ser esse menos prejudicial ao estômago doentio. Também esperava um brioche que pedira como acompanhamento. Desde a noite anterior, não conseguira colocar nada na boca. Sentira há pouco uma leve vertigem, a fraqueza pela fome somada às emoções dos fatos já se manifestavam no corpo.

Do lado contrário ao seu, havia um pequeno lavabo, decidira então lavar as mãos e molhar o rosto que também já começara a dar sinais de cansaço, resultado da noite não dormida.

A pequena, mas luxuosa pia, era revestida de mármore italiano e ostentava em seu entorno, não menos luxuoso, um espelho todo trabalhado com desenhos florais ao topo.

Conseguia reconhecer em si traços da sua progenitora, embora ela apresentasse o rosto envelhecido antes do tempo, os cabelos brancos, sem viço, opacos pela falta de cuidados; ainda assim, ele se via

refletido ali, na imagem daquela mulher, que esteve durante tantos anos tão distante dele. Passara a vida toda procurando por ela, e agora, ela estava ali, tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

Oh, grande ironia do destino. No dia que sua procura chegava ao fim, também chegavam ao fim todas as esperanças de uma convivência. A vida não havia sido generosa com ele. Pelo menos não nesse quesito.

Quando retornou à mesa, a bandeja em aço escovado contendo a xícara de café e o pequeno pão de origem francesa já estava posta. O quitute era uma iguaria, de formato arredondado com pequenas tranças feitas com a própria massa, que o tornava uma verdadeira obra de arte. O café igualmente muito bem preparado, um Kopi Luwak, tinha na sua composição os melhores grãos importados dos arquipélagos da Indonésia, embora estivesse na zona sul de São Paulo. Não havia sido criado com os mimos de uma mãe zelosa, e a fortuna que fizera ao longo dos seus 42 anos permitia-lhe tais caprichos.

Tão logo terminou a pequena refeição, voltou à capela adjacente para velar o corpo da mulher que só agora conhecia por mãe, quase à hora do ato fúnebre. Encerrava e começava um ciclo. A procura findara, assim como o desejo, que o afligiu desde sua meninice, de reencontrar aquela que lhe trouxera ao mundo. Podia dizer que teve mãe, ao menos por um dia, mesmo que essa estivesse inerte, alheia, envolvida no véu da morte. Podia ao menos uma vez passar a mão na face enrugada, envelhecida pelo tempo e pela pouca sorte que tivera na vida. Fizera questão de dar-lhe em morte o que a mesma não tivera em vida, por isso escolhera a melhor urna, o melhor cemitério, a melhor lápide, as flores que nunca pôde dar a ela em vida, mesmo que ela não mais se importasse. Aliás, nenhum daqueles que ali estavam a sete palmos abaixo da terra não mais se importariam. Não mais!

DRE Ipiranga
EMEI Bem-Aventurado José Maria Escrivá
EDUCADORA

PATRÍCIA DOS SANTOS CIORFI FREITAS

Maitacas

Fim do dia. A fria garoa paulistana caía mansamente, turvando as janelas do antigo automóvel. Os limpadores mais embaçavam do que limpavam os vidros, mas ela pouco via a rua. O coração corroído pela dúvida – devia deixar o marido? Jogaria para o alto quinze anos de relacionamento? Ele realmente passara dos limites – derrubar a estante e jogar todos os livros dela no chão? Quem ele pensava que era para fazer isso?

– Você liga mais para seus livros do que para mim! – ele dissera.

Ciúmes, com certeza ciúmes. E de livros! As brigas tinham começado três meses depois do início do Mestrado – em Literatura, claro – e eles vinham lidando com isso há quase dois anos. No dia anterior, os dois filhos, de sete e dez anos, ficaram atordoados, olhando os livros no chão, ela mesma descabelada, chocada. Há muitas formas de violência, todas calam fundo na alma. Ela não tinha de aceitar isso. Não iria aceitar.

O trânsito seguia lento, como já era comum em dias de garoa.

A esta altura ele já devia estar arrependido, com o “rabo entre as pernas”, como dizem. Onde fora arrumar um canceriano tão dramático?

De repente, o susto! Freadas bruscas, gritos, uma onda barulhenta vem em direção a seu carro. Abre o vidro e procura se informar.

– É um arrastão, moça! Bandidos! Feche sua janela.

Mas é tarde, o arrastão pega os dois – ela e o motorista ao lado – sem dó. Quebram vidros, levam bolsas, carteiras e exigem celulares e relógios, com armas na mão. Meninos. Grandes, é verdade, mas não mais velhos que seus alunos. Dezesseis, no máximo, dezoito anos, olhos vidrados, sangue quente, medo nos olhos misturado ao prazer, à sensação de poder, de estar com uma arma na mão, intimidando as pessoas. Tudo muito rápido. E violento. “Viver é perigoso!” Riobaldo teria um olhar assim?

Eles passam, somem correndo pelas ruas vicinais, antes da chegada da polícia; ela sai do carro e vê as pessoas atordoadas saindo dos carros também, perguntando-se o que tinha acontecido afinal.

– Quer ajuda, moça? Está sangrando...

Finalmente percebe a si mesma. O corpo inteiro começa a tremer incontrolavelmente; percebe um fio de sangue que desce por seu pescoço, sujando sua blusa e põe a mão na cabeça. Sente o calor quente e úmido do sangue – ela tinha se machucado ao jogar o corpo para trás, fugindo das mãos do menino/homem que enfiara meio corpo pela janela, tentando lhe arrancar a corrente de ouro do pescoço. Batera a cabeça em algum lugar.

– Jorge!

– Como, dona?

– Meu marido chama-se Jorge. O telefone...está aqui.

Entrega o cartão do marido para o rapaz.

– Ninguém tem celular, moça... – sorri desajeitadamente o rapaz, que passa a olhar sua cabeça com cuidado. – Foi um corte. Está superficial, mas acho que a senhora vai levar uns pontos.

– Está bem!

Ele se afasta em direção aos policiais, que tinham acabado de chegar; ela senta-se no carro e segura o volante, sem poder sair do lugar. Subitamente, sente-se bem – está viva, quase sem machucados. Olha para as árvores além da calçada e suas folhas lhe parecem lindamente verdes. É como se nunca tivesse prestado atenção antes. Percebe os pássaros de papo amarelo pousando, voando para outros galhos, pousando novamente, agitados pelo movimento. Mesmo numa cidade como São Paulo, os pássaros parecem insistir em viver próximos aos humanos.

Lembra-se de Jorge, dos passeios ao zoológico com as crianças... das brigas iniciais; ele levando as crianças para passear aos domingos, para que ela pudesse ficar estudando e escrevendo; ele levando os filhos ao cinema em dias de Seminário; quantas vezes ele lhe levava chocolate quente, antes de ir se deitar, nas frias noites em que ela ficava escrevendo madrugada adentro? Grossas lágrimas descem por seu rosto. Talvez eles tivessem se distanciado demais. Talvez ela estivesse sentimental demais.

O rapaz se aproxima com um policial.

– A senhora está bem, moça? Ei, tem uma moça sangrando aqui! – grita para os colegas.

– Estou bem, seu guarda. Posso dirigir. Quero ir para casa.

Lembra-se de que está a uma semana de defender a tese. De repente, vem uma necessidade intensa de ver o marido e os filhos. “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Não morreria hoje, de jeito nenhum.

– Nada disso, moça. Precisa ir para um hospital.

Tinha um bom marido, afinal. Talvez houvesse tempo. Tempo de reconhecer. Tempo de recomeçar.

– Eu vou para o hospital, então. – Insiste: – Posso dirigir até lá.

– Não posso deixá-la dirigir sangrando. A senhora não tem noção de como está. Chegue para lá, moça. Eu mesmo vou levar a senhora para o Pronto Socorro. É perto.

Ela obedece e vai para o banco ao lado.

– Jorge – o policial a olha sem entender. – O nome do meu marido. É Jorge.

Entrega o cartão e fica olhando o bando de maitacas verdes, que chega fazendo barulho e ocupa a copa das árvores da praça, enquanto o carro se afasta.

DRE Pirituba/ Jaraguá
DIPED - Divisão Pedagógica
EDUCADORA

PATRÍCIA ZERINO AGUILLERA

Daqueles dias da vida da gente

Quando ele bateu a porta do quarto com força, foi como se eu recebesse um forte tapa, sei lá, uma adaga no peito, e olha que nunca fui de fazer drama.

Não chorei, ou melhor; chorei daqueles choros por dentro, que vão queimando a gente, mas não deixei transparecer.

Via, por debaixo da porta, ele andando e pegando suas coisas de qualquer jeito e, por um momento, lembrei-me de como eu era nesses quase 10 anos de casados, que sempre arrumava suas malas, que lembrava de cada detalhe de roupas e acessórios de higiene para ele se sentir em casa onde estivesse, lar que não existiria mais.

Dez anos!

Quando era menina, sempre me orgulhava em dizer que jamais me casaria.

Parece que foi ontem, como o tempo é danado de passar e a gente nem percebe, que fica até difícil de a gente entender quando nos perdemos nele, quando nós, que éramos uma dupla dinâmica, viramos dois estranhos e sem assunto, na companhia cada um do seu celular.

Talvez os filhos mudem a gente, os cabelos brancos, as decepções, uma briga sem sentido, um bom dia atravessado, uma saudade que a gente sente da gente mesmo.

Naquela hora, me arrependi das desculpas que não dei, da minha insistência, desde moça, em não perder uma briga, como me perdi nessa, como queria que voltassem os instantes que nunca voltam.

Quando ele saiu de cara amarrada do quarto, com a marca de aliança ainda presente no dedo, com aquela calça velha horrível que ele insistia em não jogar fora, no lugar de ser super-heroína, o que eu queria era colo, ou um buraco dos filmes de criança pra ir pra outro lugar.

Ele foi procurando as chaves do carro que nunca encontrava e reclamando baixinho como se ali eu não estivesse.

Achou, colocou os sapatos e, quando ia sair, levantou a cabeça e olhou pra mim.

Dei dessa deixa a minha sentença, olhei pra ele e sorri, e levantei a minha mão em sua direção como respingo de vida.

Pra meu espanto ele também sorriu, e fechou a porta.

DRE Penha
EMEF Firmino Tibúrcio da Costa
EDUCADORA

PAULA GARDENIA LUCENA GALLEGO

Super-heróis

Fim de semana, daqueles em que ficamos com nossas famílias assistindo a algo na televisão, dessa vez um filme com Super-Heróis e eis que a ficção é interrompida por uma pergunta inesperada.

Poderia ser um questionamento simples, vindo de uma criança, que ainda fantasia, imagina, distante, felizmente, dos desalentos do mundo, mas que tomou uma proporção inesperada em minha mente. Uma mente que se questiona a todo momento sobre as verdades desse mundo em que vivemos.

– Você conhece algum Super-Herói?

Por alguns segundos, penso numa resposta que o deixaria satisfeito, alegre, mas fico ali, inerte, perco-me em meus pensamentos, sentindo algo que não se explica, talvez uma angústia atrevida, que insistiu em me sufocar.

Penso em dezenas de respostas simples, mas somente uma ideia invade minha mente.

Luto contra ela, pois aquele não era o momento de me angustiar, queria estar feliz, esquecer de tudo, estava com minha família e antes que estruturasse meus pensamentos, mergulho num mar de desesperança, não conseguindo segurar minhas fatídicas conclusões.

Todos os dias, estou rodeada de super-heróis, convivo com eles, recebo-os em minha sala, envolvida por uma multidão de seres invisíveis que não percebem que nasceram com o dom, a sina, algo tão espetacular que os fazem imperceptíveis, muitas vezes diante de suas próprias famílias, passam pelas escolas, crescem e vivem inseridos em nossa sociedade como se vivessem paralelamente, num universo inexistente para o resto dos seres.

Penso que não escolheram ser invisíveis, talvez em algum momento tenham tentado mostrar descontentamento, mas esse tipo de superpoder não se escolhe, ele é garantido, quase que herdado. Invisível será para sempre invisível.

Afinal, não é isso que nos é ensinado? Aceitar de bom coração tudo que nos é dado, sem questionar, sem reclamar, somente aceitar e ir vivendo?

Será?

Temos por hábito evitar conflitos, nos acostumamos com o pouco e com o pouco vivemos. Afinal, invisíveis não precisam de muito.

Buscamos, então, mesmo que inconscientemente, fazer com que os invisíveis se aceitem, convivam com esse poder e num surto de egoísmo, próprio de todo ser humano, volto-me para a televisão, olho para meu filho, que ainda aguardava a resposta, e lhe dou a única que consigo pensar:

“Não seja um invisível!”

DRE Penha
EMEF José Bonifácio
EDUCADORA

PAULA PATRICIA SANCHES PEREIRA DE ASSIS

Reencontro

Certo dia, puxei conversa com Luma, uma aluna nova.

E, depois do papo ir e vir, ela confidenciou-me uma série de problemas que enfrenta em casa por causa da mãe, que sofre de depressão.

O pai acaba cuidando sozinho dela e da irmã. A família tem um comércio que quase faliu porque a mãe brigou com todos os fornecedores.

– Mas, Luma, onde fica mesmo o mercadinho da sua mãe?

E aí o túnel da memória me invadiu.

Eu não só sabia quem era a mãe de Luma, mas havia conhecido a própria Luma quando pequena, pois morei ali, na mesma rua, na época em que estava terminando a faculdade.

Sua mãe era uma mulher bonita, de olhos claros, estava sempre com um livro na mão e era gentil. Ainda assim, notava-se certa tristeza em seu olhar.

As meninas ficavam sempre por ali também. Luma era mirrada, branca, com sardas. Sua irmã era maior e mais morena. Ambas falantes e alegres.

Agora adolescente, Luma também enfrentava suas dores: medo de sair de casa; impulsos suicidas; total falta de concentração na maior parte das aulas.

Falei que seria importante que ela procurasse ajuda.

– Minha irmã é meu alicerce, professor. Se ela mudar, como minha mãe tá ameaçando, eu não sei o que fazer.

Pego um livro, ofereço. Luma gosta de ler – uma herança da mãe, com certeza. Às vezes, ela vem comentar. Assim eu a ajudo e sou ajudado, em meio ao caos que a rotina escolar muitas vezes nos impõe.

Reciprocidade. “Um respiro na loucura”.

Mudei de escola naquele ano e nunca mais tive notícias dela.

DRE Penha
EMEF Prof. João Franzolin Neto
EDUCADOR

RAIMUNDO JUSTINO DA SILVA

Ah, bruta flor!

A reforma do lar espírita da minha rua afetou a minha vida. Agora já não acredito que podemos viver alheios a tudo, se alguma vez acreditei.

A minha rotina não tem lá muita poesia, mas em determinados momentos do dia ou da noite, acabo me deparando com alguns lampejos. Um deles, eterno e constante, é a procura da Lua. Me atordoa atravessar o córrego ao lado do metrô, onde não há edifícios por perto, e ver que na imensidão de um céu escuro, por ventura sem nuvens, só há uma ou outra estrela ou voo de avião...

Por outro lado, antes da reforma do centro espírita, só as estações do ano, fenômenos naturais – ou uma fortuita carona até o metrô – interferiam na minha passagem. E eis que esse projeto de cimento e cinza se amurou sobre o meu cotidiano.

Lamentável...

Desde 2011, quando minha família mudou-se para o apartamento, eu me divirto subvertendo o caminho da rua de mão única do prédio, e a espera de dez, quinze minutos – interminável, diga-se de passagem, espera de dez, quinze minutos, na rua paralela; desço a pé até a estação, ou de lá subo, ignorando a lotação. A um terço do caminho há uma subidinha proeminente, que se segue de uma longa descida (ou subida) rumo à parte baixa, ou alta, do bairro. Nessa quase metade do caminho, eu me enveredava pelo lado esquerdo da via para colher, na calçada do lar espírita, uma ou duas cheirosas flores, de pétalas brancas, de que jamais saberei o nome, que eu ofertava a alguém, se estava chegando a casa, ou deixava à entrada da escada rolante, no corrimão, se saindo pela cidade; ou ainda guardava no interior de um caderninho que levo sempre comigo para rabiscos fortuitos, com a esperança de que seu perfume se alastrasse por minhas páginas, que desse algum odor sutil aos meus garranchos diários...

Pois então, é com pesar que vejo terminada a bendita reforma desse lar, convertida numa grande lixeira de concreto. Nada mais paradoxal, antitético, contraditório, incoerente – e dá-lhe você aqui outros qualificativos que tais. Onde antes eu colhia a fragrância, o perfume, agora vai se espalhar o mau cheiro dos restos.

Já não tenho esperanças, como antigamente, de me inclinar nesse trecho da calçada para apanhar a florzinha mais bonita e íntegra que, na sequência, eu traria na mão, como um adorno ou acessório, numa noite ensolarada ou num dia de Lua. No entanto, resgatei uma última, que, ainda fechada, talvez por inibida na solidão do cimento, me brindou com a dura poesia desta constatação.

DRE Penha
EMEF Octávio Mangabeira
EDUCADOR

RAUL BARBOSA DIAS DE LIMA

A escola que não sai da cabeça

Dentro de um quarto pequeno, num prédio da zona leste, uma professora acorda sobressaltada com o som do despertador.

O celular aponta: “5h30”.

No mesmo momento, a professora coloca no modo “soneca” e volta a dormir.

Logo em seguida, o celular toca novamente. Desta vez, a professora nem pensa duas vezes: levanta-se apressadamente, toma banho, arruma-se, toma um breve café e vai para a escola em que leciona.

No ponto de ônibus, fica aguardando o coletivo chegar, mas – pra variar – está atrasado. Quando chega, o motorista mal olha para ela, embora esta tenha lhe desejado “bom dia”.

No caminho, enfrenta um trânsito caótico, talvez por conta do dia chuvoso. O motorista tenta avançar, cortando alguns veículos, mas encontra vários semáforos fechados. Um percurso que duraria 20 minutos, naquele dia, durou quase 1 hora.

A professora desce rapidamente, esbarrando nas pessoas que estavam à porta do coletivo, corre para atravessar a rua e anda durante uns 15 ou 20 minutos ainda para chegar à escola.

Nisso, nem se dá conta de que está descabelada, toda ensopada, com pastas e atividades molhadas nas mãos, além do rosto todo borrado de maquiagem devido à chuva.

Quando chega ao portão da escola, nota que ele está fechado. Acha tudo muito estranho. Olha para os lados e percebe que não há movimento de alunos nem das demais pessoas que costumam circular no entorno da unidade escolar.

Bate forte no portão da escola, mas ninguém atende. Começa a ficar agitada e ansiosa. O que teria acontecido?

Pega o celular e liga para uma colega de trabalho.

– Cristina, o que aconteceu com a escola? Não tem ninguém e tudo está fechado.

Do outro lado, uma voz sonolenta atende:

– Clara, você está maluca. Hoje não tem aula. É domingo! Volte pra casa e vá dormir.

A professora estremece e fica perplexa com a situação inusitada.

Em casa, é surpreendida pelo filho caçula, que tentava acordá-la do sono “pesado”, para se divertirem no parque, no primeiro dia do recesso, como haviam combinado.

DRE São Miguel
EMEF Antonio Carlos de Andrada e Silva

EDUCADORA

REGINA DE OLIVEIRA ALVES

A Cidade é de quem?

Uma situação surreal, vivida em duas áreas verdes de São Paulo, num mesmo domingo, há alguns anos, ironicamente, no dia da “Virada Ambiental”, traz esse questionamento: “A Cidade é de quem?”

Professoras costumam ter hábitos peculiares. Como já é tradição, esta em questão organiza piqueniques, esporadicamente, com seus ex-alunos de Francês. Tudo começou há mais ou menos 20 anos, como atividade de resgate da cultura do idioma estudado, de interação social e aproveitamento da área verde do bairro onde lecionava. Hoje, mesmo depois de notas e boletins deixarem de permear sua relação com aquele grupo especial, continuamos a nos encontrar para a inocente prática.

Como é de praxe nessas ocasiões, São Pedro apronta suas fanfarrônicas, fazendo chover. Mas, com dois bebês agregados ao grupo de adultos, o tempo instável motivou que nos instalássemos, por segurança, em um espaço público privilegiado da Cidade, desses que possuem, providencialmente, um “quintal” com várias mesas de piquenique e que seria ideal para a nossa confraternização. Surpreendentemente, não fomos bem recebidos, porque apesar da área verde e das mesas tão convidativas, a prática de “piquenicar” naquele espaço já fora banida, conforme nos explicaram, ainda que com falta de argumentos consistentes. Acabamos expulsos do local, com as duas crianças. Rumamos, então, para os jardins de um certo Museu, torcendo para que não chovesse.

De fato, não choveu, mas assim que terminamos de nos instalar com cestas, toalhas, balões e demais fofurices próprias para a ocasião, começamos a ser rodeados por uma autoridade do lugar. Ele nos abordou, dizendo que poderíamos fazer o piquenique naquela área (jura?!), mas que as bexigas de bolinhas deveriam ser retiradas. Questionado sobre o motivo da repreensão, visivelmente sem graça, não soube dar-nos uma explicação convincente. Obviamente, sua ordem não foi acatada pelo grupo rebelde de piqueniqueiros, que solicitou vistas ao regimento interno, ou permissão para conversar com o responsável pela proibição aludida. Passado algum tempo, o rapaz voltou com um colega (precisava de reforços, certamente) e com o regimento, grifado onde citava a proibição de “porte de objetos perigosos para o parque”.

No entendimento da administração, os tais objetos que poriam em risco a população seriam, no caso, as bexigas de bolinhas???

Já sem paciência com tamanhas bizarrices seguidas, em uma só manhã bucólica, a professora teimosa respondeu que as bexigas permaneceriam ali. Duas estudantes de Direito, que faziam parte do grupo, seguiram para a Administração, para resolver o “imbróglio”, já que conheciam bem a velha professora e sabiam que, apesar da fala mansa e do sorriso doce, ela estava ficando furiosa.

Nesse meio tempo, um morador de rua e várias crianças foram se aproximando de mansinho, atraídos por toda aquela belezura e saíram levando balões coloridos e pirulitos, como se carregassem bandeiras de uma causa.

E a pergunta continuou no ar... Para que servem as áreas verdes da cidade se não para a fruição dos cidadãos? A quem pertencem as cidades?

O setor administrativo, questionado, enfim permitiu que as bexigas ficassem, desde que se tomasse cuidado para que nenhum passarinho as comesse. O grupo assombrou-se por nunca ter percebido que, provavelmente, houvesse avestruzes soltos no bairro do Ipiranga, capazes de engolir balões de festa!

DRE Ipiranga
EMEF Irineu Marinho
EDUCADORA

RENATA SUZANE COSTA GUERRA

A odisseia do ensinador

Supostamente relutante entre dores do corpo e amores a serem compartilhados, esforçando-se para abrir os olhos e a alma, acorda com uma vontade imensa de dormir mais cinco minutinhos. Porém, no receio desses cinco minutinhos se transformarem em três décadas, dá um sobressalto para a vida que teimava em reiniciar naquela manhã de sexta-feira.

Sem perceber realmente como chegou ao banheiro, a água morna que cai na cabeça coloca-o sobre os olhares do mundo e abre sua mente para suas obrigações e horários. A partir daquele momento, volta à consciência de seu lugar, sua importância e de todas as vidas que estão em suas duas mãos e seus dedos que parecem poucos: é professor!

Sabe que não é dele a obrigação de salvar o mundo, nem tem superpoderes. Quem dera ter a força do Hulk ou a sabedoria do Capitão América. Ficaria feliz apenas com a inteligência da Mônica do Mauricio de Souza. Sua força de vontade, seu “pé na realidade”, seu dom maravilhoso de ensinar é que o impulsiona a abrir a porta e encarar sua Odisseia.

Dois, três ou, às vezes, quatro ônibus lotados para chegar a sua escola de profissão: apertado, amassado e sentindo que sua dignidade nessa lata ficou a alguns pontos atrás. Não entende de onde vem essa força tremenda para seguir em frente. Lembra-se apenas do sorriso quente de sua mãe e dos conselhos doces de seu pai, que já não ouve há doze anos. Apenas o transporte público é sua companhia nessa manhã gelada. O sentimento de pena em compartilhar aquele transtorno com tantas pessoas no vai e vem das curvas da avenida, com vontade imensa de falar mal do motorista, embora, no fundo, saiba que ele também não acordou feliz nesse “país tropical abençoado por Deus”. E, da Zona Leste à Zona Sul, são três horas de viagem, todo dia, no planejamento de sua aula dentro desses coletivos.

Chegou à escola.

No caminho, o fio de esperança que maturou até ali foi aumentando a cada sorriso de cada um de seus pequenos, e seu “Bom dia”, que aquecia ainda mais seu coração cicatrizado. Ali, à sua frente, estavam olhos, mãos e vontades de pequenos futuros reservados às suas aulas e, em seus cadernos, mesmo que com uma caligrafia difícil, plantavam o mimo do sempre querer aprender mais, na inocência e clareza de ouvir um “adoro sua aula”.

E tudo cai por terra.

Sente-se o mais maravilhoso dos seres. Entende que não tem braços para abraçar o mundo, mas é capaz de esticá-los para que possa ascender ao espaço.

Criam-lhe asas para levar nas linhas e entrelinhas da leitura, plantando as raízes da matemática e colhendo os frutos saborosos da ciência, viajando de latitudes e longitudes, pensando se os egípcios, os gregos e os indígenas também pintavam e bordavam em diversas línguas e variadas artes.

O cansaço continua... É na consciência dessa honra em compartilhar e sentir que não mais anda, mas flutua na jornada de informar e formar novos mundos, novos campos e novas barragens.

Onde o navegar não tem volta, não tem revolta... só o retorno da felicidade em ouvir numa dessas festas juninas ou julinas que o Pedro formou-se em Medicina ou que a Carol está terminando o Ensino Médio.

Naquele prédio cheio de janelas, cinco horas por dia na sala ambiente número três, a vida passa sem perceber. Confraterniza-se mais um ano ou confraternizaram-se mais vinte ou trinta. Quiçá, apenas não queira ser esquecido, eternizado no nome da nova Sala de Leitura ou Informática. Quer que seja lembrado por ter errado algumas falas, sim, com bordões inesquecíveis de diversos personagens (cômicos, aventureiros, românticos e fantásticos), ou por ter feito seu papel nesse palco, acompanhado de imortais como Paulo Freire, Rubem Alves, Mário Sérgio Cortella, Jussara Hoffman e Carolina Maria de Jesus.

Engana-se em pensar que não é um super-herói como aqueles do cinema. Tem a força, a inteligência, a sabedoria e a persistência de todos eles juntos em seu corpo minúsculo, preenchido com a dádiva e o amor no educar.

DRE Capela do Socorro
EMEF Engenheiro José Amadei
EDUCADOR

RENATO DE PAULA SILVA

Quem somos e o que nos tornamos?

Estamos no século XXI e vivemos na era da globalização, das grandes transformações e evoluções da ciência, da tecnologia e das relações humanas. Esperava-se que grandes coisas acontecessem para o bem de todos, que a humanidade estabelecesse uma relação fraternal, igualitária e saudável; que com a evolução da tecnologia e da comunicação nos aproximássemos uns dos outros em perfeita harmonia, compreendendo que cada ser humano é protagonista da sua própria história e responsável pelo zelo aos bens naturais que recebemos, tanto na preservação da natureza como na preservação da própria vida.

Vivemos em uma era na qual os estudos estão mais avançados, as pesquisas e descobertas correm à luz dos nossos olhos, na qual a evolução pessoal, social e cultural superam os tempos em sua multiplicidade; os desafios e projetos para a educação são estabelecidos e pautados na qualidade, na diversidade, no direito de ser e estar, no ouvir as vozes dos estudantes, na inclusão. Tudo isso na perspectiva de melhores condições humanas e melhor qualidade de vida na sociedade.

Prostramo-nos por dias e noites diante de inúmeros registros, teses, discussões em laboratórios pedagógicos, sociológicos e filosóficos para definir um caminho, um Currículo educacional que atendes-se às necessidades e se configurasse numa educação em tempo, espaço e dinâmica; numa proposta de acolhida e transformação social, regada por sonhos, anseios, ideais, utopias das faces e mãos de todos os envolvidos no processo.

Mas...

Será que alcançamos o esperado?

Será que fizemos o suficiente?

Será que priorizamos a técnica, o conteúdo em relação a práticas e vivências?

Será que não nos preocupamos muito em desenvolver teorias para as mais variadas temáticas; encontrar justificativas para os diversos transtornos globais, problemas psicossomáticos e sociais, deixando de lado o mais importante que é a prevenção?

Será que nos esquecemos da consolidação da ética e do respeito às famílias, aos profissionais, às adversidades e ao ser humano em sua singularidade?

Será que não esquecemos de nos preparar e preparar nossas crianças, adolescentes e jovens para lidar com os desafios e frustrações da vida?

Da consciência de que um “presente material” no final do mês não supre para um filho a ausência familiar?

Que limites não são prisões?

Que as coisas materiais devem ser conquistadas por méritos e esforços e não recebidas de “mão beijada”?

Que a tecnologia e a mídia devem ser ferramentas para evolução e não para alienação, e por essa razão precisam ser mediadas criticamente.

Que a educação efetiva é a única “arma” capaz de desarmar a ignorância pessoal, social e cultural?

Que a vida não é feita apenas de direitos e sim, principalmente, de deveres?

Será que não nos esquecemos de nada mesmo?

Ah! São tantos os questionamentos que poderíamos parar o tempo e elencar o que fizemos, o que estamos fazendo, e o que ainda faremos com a terra mãe e o que nos tornamos diante das nossas próprias práticas e ações.

É preciso crer que ainda há tempo de mudar, de parar e repensar a humanidade em seu íntimo, em suas relações, olhar para dentro de si numa avaliação intrapessoal e reencontrar os valores, trabalhar as afetividades e emoções, a caridade e sensibilidade, a essência em sua originalidade.

É tempo de recuperar o que foi perdido e muitas vezes esquecido.

É tempo de trocar remédios controlados, terapias psicológicas e doenças psicossomáticas por afetividade, carinho, amor e atenção; por vivências prazerosas e saudáveis; por uma educação funcional, qualificada e humanizada; por viver a vida pela vida, pelo bem.

Somente desta maneira podemos renovar o homem e, assim, renovar a vida inaugurando o porvir, na consciência de que o ontem nos servirá de ensinamento, o hoje de oportunidades e o amanhã de possibilidades, de sermos diferentes, de fazermos melhor nossa parte na construção desse mundo devastado pela ignorância, pela justiça e pela falta de amor.

DRE Capela do Socorro
EMEI Jardim Gaivotas

EDUCADOR

RODRIGO DE MACEDO FRANÇA

Pão fresco e o velho

Quando um homem começa a ficar velho? A pergunta não é algo tão simples como possa parecer, pois não está diretamente relacionada à questão da idade. Há idosos que afirmam não serem velhos e há adolescentes velhos e ranzinzas, cuja autocrítica lhes permite reconhecer-se assim. Velhice é algo muito relativo e devemos estar atentos aos seus diversos sinais, independentemente de quantos anos tenhamos. Tendo em vista isso, no dia de hoje, com meus 36 anos, chego à conclusão de que estou ficando velho. Esta constatação surgiu de um modo bastante inusitado.

Acordei, vesti a camisa do Coringão, uma bermuda jeans, coloquei o chinelo e fui à padaria tomar meu café. Cinco minutos de caminhada lenta em uma fresca manhã. Até aí tudo normal; ontem, quando ainda era jovem, fazia exatamente o mesmo. Só percebi que envelheci depois de alguns minutos sentado na cadeira, aguardando o meu pão na chapa com requeijão e o pingado. Notei que o zíper de minha bermuda estava bem aberto, expondo um pouco da minha intimidade. Tudo possível para jovens e velhos, mas a velhice me tocou na sua dimensão superior, na sabedoria de achar graça e tirar proveito das adversidades.

Com minha alma tranquila, não me desesperei para fechar o zíper, possivelmente o faria de modo apatetado, ampliando o risco de ser notado ou, ainda pior, enroscar a minha pele no zíper, trazendo-me, além da imediata e latente dor física, uma igualmente dolorosa lembrança da infância – as mães que tanto nos amam e protegem talvez nunca entenderão que os pais são figuras fundamentais no que diz respeito ao fechamento do zíper das calças. Temos uma cumplicidade natural neste aspecto. Imagino que no futuro isso faça parte de um arquétipo. O arquétipo do homem moderno.

Com calma e sabedoria, após a constatação, dei um sorriso sincero. Olhei para todos na padaria, um por um, para ver se alguém presenciava a cena. Por azar, havia um casal ao lado, antenado; eu balancei a cabeça para eles e, de modo bastante cortês, disse-lhes “bom dia”. Eles retribuíram e “desantennaram”. Reconheceram que eu era um velho de bom coração e voltaram as suas atenções aos pãezinhos frescos, recém-saídos do forno, e possivelmente a algum assunto que não envolvesse a vida privada de terceiros.

Ninguém mais percebendo a situação em que me encontrava, consegui dar algumas abanadas, com rápidos movimentos dos dedos da mão direita, de modo a vir a me refrescar e restabelecer do momento vivenciado. Só então fechei o zíper, sem nenhuma desventura, e comecei a tomar o meu café, consciente de que envelheci e de que isso não me é um problema.

DRE Freguesia / Brasília
EMEF Paulo Nogueira Filho

EDUCADOR

RONALDO KIRILAUSKAS RODRIGUES DOS SANTOS

A luz de Deus

Por volta das 20h, no dia quatro de outubro de dois mil e onze, após um dia exaustivo de trabalho, estava voltando de ônibus para a minha casa e lendo o livro do autor Nicholas Sparks, quando ouvi um estrondo ao meu lado, na Avenida Jacú Pêssego, próximo ao Rodoanel; não sei ao certo se foi tiro ou pedra, mas sei que as duas janelas estilhaçaram-se e seus cacos caíram sobre a minha cabeça.

Provavelmente não era pedra, porque ela estaria dentro do ônibus e os vidros não teriam quebrado com tamanha presteza.

Levantei-me do lugar e fui sentar-me em outro banco, alertando:

– Querem assaltar o ônibus, não parem!

Cheguei a casa e disse ao meu marido que não pegaria mais aquele ônibus naquele horário e pedi que ele fizesse a gentileza de buscar-me.

Foi o que ele fez no dia seguinte.

E, no dia sete de outubro, ao chegar à página 280 do livro de Nicholas Sparks, a ficção trouxe à minha lembrança o dia fatídico, numa referência do autor sobre luzes que brilham através das janelas.

Teria sido a mão de Deus que fez com que a pedra ou o tiro atingisse o friso do vidro, e não a minha cabeça?

Hoje, de madrugada, descendo pela rua, vi o Sol clareando a mata e senti novamente a presença de Deus.

A Luz de Deus, está em todo lugar, iluminando os caminhos por onde passamos e nos protegendo de seres que não têm o mínimo respeito pela vida do próximo, matando para conseguir realizar o intento de roubar pertences alheios e destruir vidas.

DRE São Mateus
EMEF Prof.^a Thereza Maciel de Paula
EDUCADORA

ROSELI PRINCHATTI ARRUDA

O medo do “Senhor Mococa”

Vencer medos, ou, ao menos, não deixá-los em evidência. Afinal, quem gosta de anunciar em holofotes ser um contumaz covarde?

Vamos imaginar um medroso tentando impressionar sua nova namorada em um passeio. É apenas um exemplo, claro.

Pois bem, esses conflitos deram inspiração para a história de Pedroca (não me lembro muito bem do nome do tal rapaz, claramente ficcional), aspirante a namorado de Noélia.

No segundo encontro do promissor casal, o rapaz resolveu levar a amada em um desses parques de diversões no qual a morte fica por um fio, com brinquedos assassinos por todos os cantos e, nos quais, crianças de 8 aos 80 anos se acabam. Claro, privilégio daquelas pessoas que possuem um ordenado para entrar nesses suntuosos retiros de aventureiros, já que o ingresso desses clubes de morticínio é a cara da morte por natureza.

Pois bem, o tal Joca, sabendo do estilo aventureesco da garota, quis impressionar a pretendente. E foi ousado na escolha do passeio!

Ele até que estava indo bem. A roda gigante chegava quase ao céu, mas, ao menos, não tinha a velocidade daquelas máquinas mortíferas que você não sente a respiração. Depois encararam o carrinho de bate-bate. Bom, até aí tudo bem.

Mas chegou a hora do Barco Viking. Ora, um brinquedo inofensivo para jovens sem nada a perder. Porém, nosso Dondoca, (ou Pipoca?), tinha planos para o seu futuro. Ele não podia perder sua pobre vida em prol de um namoro em ascensão. Tentou tergiversar:

– Esse brinquedo não tem muita graça, fica balançando no alto, o pessoal fica gritando... Vamos ao escorregador, à gangorra ou até à balança, o que acha? Ou podemos ficar no banquinho conversando...

Talvez o rapaz ainda não conhecesse o espírito de Noélia, e teve que engolir o cutucão:

– Está com medo? Viemos aqui para viver aventuras!

O rapazote encolhido teve sua hombridade colocada à prova. Para não ficar por baixo, retrucou, sem pestanejar:

– Opa, calma lá! Eu estava tentando te preservar, achei que poderia ficar descabelada, ficaria tonta por causa da velocidade do barquinho...

– “Barquinho”? Essa é boa! Vamos encarar o tal “barquinho” então!

E lá se foram para a fila, daquelas que desanimam qualquer visitante desse tipo de passeio:

– Olha essa fila, se quiser desistir, Noelinha...

– Deixa disso, daqui a pouco será nossa vez!

O “daqui a pouco” não durou menos que uma hora, tempo o suficiente para o frio na barriga tomar conta do Piripoca.

Na fila, entre jovens à procura de adrenalina, conseguiu avistar um sujeito com seu estilo acovardado: um pobre garoto, que não devia ter mais que 11 anos, apreensivo, ao lado de seus irmãos mais velhos.

Pedroca avistou o menino se agarrando ao barco, como se fosse a única forma de segurança, a despeito das travas e mais travas do barco mostrengo.

Vendo aquela cena, que aparentemente só ele notara, o medo de Joca aumentara cada vez mais. Se estivesse sozinho já teria pulado fora do parque e denunciaria à ONU o terrorismo daquele lugar. Afinal, que culpa ele tinha de ter vertigem, medo de altura, ansiedade e... medo? Por que não? Será que era humilhante um marmanjo ter medo? Ele olhava aquele projetinho de homem, amedrontado, certamente fazendo necessidades na calça e traumatizado com a experiência. Provavelmente faria parte do clube dos covardes, por toda a vida.

Enquanto pensava em uma forma de tentar escapar daquela aventura, ouvia Noélia planejando os próximos planos:

– Depois vamos à Montanha Russa!

Mas, eis que, de repente, o moleque assustado saiu do brinquedo. Com o peito estufado, vencera o trauma, encarou o barco gigante, quase um navio. Sorrindo, descia do brinquedo e, talvez como um extinto predador (será que um medroso detecta o outro pelo frio da barriga, pelo tremular dos dentes ou olhar apreensivo?), passou com desdém pelo Joca, olhando ironicamente para o postulante ao clube dos corajosos, como se dissesse:

– Boa sorte, tiozão!

É, estava na hora de Joca encarar o medo... ou desistir do romance.

Afinal, se chamava... Bom, manteremos o nome no anonimato. “Senhor Mococa”, pura ficção...

PS: Dizem que ele sobreviveu ao brinquedo e que Noélia até hoje zomba do rapaz pela covardia ao ter que matar uma barata ou, algo mais ousado, como assistir a um filme de terror, com censura de 10 anos.

SME
COPEL - NTC - AEL

SAMIR AHMAD DOS SANTOS MUSTAPHA

Mundo escolar

Estava eu pensando no quanto a educação se desenvolve em um lugar tranquilo, sério, lúdico; no quanto o espaço escolar é livre de loucuras. Andando pelos corredores, pensando na seriedade, na ordem física, na ordem mental, no silêncio... Ah... o silêncio... Eis que surgem correrias, falas, cantos, refeições, ao mesmo tempo, corre-corre ao banheiro...

Histórias contadas, histórias lidas que são interrompidas por avisos:

– Professora, mãe mandou avisar que..., Professora, o lanche hoje vai adiantar, atrasar...

Ou por falas dos ouvintes participativos, contando histórias como: “O pintinho ruivo de raiva”, e o ouvinte interrompe, oba, penso, vai ter contribuição à história, e surgem as falas:

– Eu quero fazer cocô, eu tenho um carrinho, uma boneca, minha mãe falou para não tirar a blusa...

Em qual educação estou pensando? Na de outrora, onde tudo era rígido e não se admitia tais divagações? Ou na futurista, cheia de tecnologias voadoras? Ou, ainda, na educação libertadora?

A educação é o que nos mantém no passado, no presente e no futuro.

Livre de loucuras!

DRE Penha
EMEI Gal. Miguel Costa

EDUCADORA

SANDRA DE OLIVEIRA SANTOS COSTA

Professor nos trilhos de São Paulo

O alarme toca, as pálpebras se abrem lentamente, a sensação é a de que ainda não adormeceu. O cansaço já é uma constante em sua vida. Arruma-se, penteia os cabelos, pega os livros e a marmita, dá um beijo na filha pequena que nem a vê sair. Corre para pegar o ônibus pelas ruas ainda escuras, com o coração acelerado, pois o medo é inevitável nesse mundo de hoje.

Sua jornada diária inclui ônibus, trens, metrô e uma boa caminhada, atravessando a cidade de extremo leste a extremo sul. A distância é grande. Entre um trem e outro, come alguma coisa. A falta de tempo e a correria do dia a dia se aliam e fazem seu corpo sentir o peso de uma vida estressante e agitada em uma grande metrópole.

Seu olhar, às vezes, perde-se na mudança brusca da paisagem. Prédios vão dando espaço para margens de rios, represas, vegetação e outros climas.

As ideias para as atividades das aulas do dia vão surgindo na mente e se esvaindo com as estações. O ônibus, o balanço do ônibus juntam-se ao aperto e ao desejo de chegar logo na escola. Chove, e o trânsito torna mais longo ainda o caminho, que parece compor uma história sem fim. Os sons das buzinas misturam-se com as conversas alheias, gerando uma angústia passageira que some ao chegar ao seu destino.

Caminhando pelo território da comunidade, observa uma realidade diferente: parece outra cidade dentro da cidade de São Paulo, a característica de interior é predominante e não mais a da metrópole selva de pedras.

Finalmente, chega até a escola, e dá conta de que o seu trabalho como professora já havia se iniciado desde a sua saída de casa, e que o cansaço já se apresentava, mesmo sem ter adentrado, ainda à sala de aula.

Planeja, pesquisa e organiza. Revisita Paulo Freire: “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

O sorriso de seus estudantes diante de descobertas e aprendizagens alegres e torna o seu dia gratificante. Tem a certeza de ter escolhido a profissão certa.

O período de trabalho termina e a jornada para voltar para casa é reiniciada. Suas forças vão se renovando, como a recarga de uma bateria e quando chega em casa, abraça sua filha fortemente, aconchega-se, e sabe que no dia seguinte retomará a rotina, porém, com a intenção de fixar-se mais perto de sua casa, assim que for possível, para poder permanecer com mais tempo com sua família.

DRE Capela do Socorro
EMEI Jardim Gaivotas
EDUCADORA

SANDRA MIRANDA DE OLIVEIRA SILVA

A morte

Sócrates defendia a imortalidade da alma. Segundo ele, o ser humano é um espírito encarnado que vive por um certo tempo na matéria e depois volta às origens, para tornar a renascer fisicamente uma ou mais vezes.

Quando perdemos um ente querido, sofremos com essa subtração abrupta, questionando o porquê deste acontecimento.... No entanto, ao nascermos, nosso tempo terrestre já está estipulado, programado como um contrato empresarial; somos admitidos para cumprir uma jornada diária e, depois deste tempo, voltamos para o merecido repouso.

Estamos presos a um corpo, depois quando libertos dessa carcaça, o que sobra é a essência, o espírito, nossa alma.

Viver é um ato de coragem! E agora entendo minha experiência atual ser tão dolorosa, parecia que meu coração, meu eu físico morreria desde que minha mãe fora embora. Como se tivesse voltado a ser criança... A princípio, culpei tudo e todos, não queria ficar sem ela, sequer aceitar que seu tempo comigo havia acabado e que sua hora chegara.

Uma dor tão grande que rasgava o peito, sem ter fim. Cheguei a imaginar que explodiria. Quanta dor! Por que esperarmos passar por essa experiência para valorizar o que realmente é importante? Que é estarmos juntos, declarar nossos sentimentos abertamente, por quê?

Às vezes, morremos dia a dia, pouco a pouco, sem nos darmos conta, sem percebermos. Viverei o agora, o hoje por mim e por ela! Na vida tudo é “por enquanto” e nada é definitivo. Percebi que a morte é uma passagem, não é algo obscuro, ruim ou mal, mas sim, um vazio para os que aqui ficam, uma eterna saudade.

Afinal, o que é morrer? Perder o corpo físico, a matéria, o invólucro... Desacreditar da vida, das pessoas, de tudo.... Nunca ter amado verdadeiramente? O amor existe, acredite!

Existem outros tipos de morte:

Depressão – um manto escuro que nos envolve como uma teia silenciosa, pensamentos ameaçadores de fracasso, descontrole emocional...

Egoísmo – ninguém vive só, ama só, todos precisam de algo e de alguém; pedir ajuda não significa fraqueza.

Morrer é diferente de perder a vida... O ser humano é considerado morto quando suas atividades cerebrais falecem, cessam... Ele perde a vida quando deixa de sonhar, amar, acreditar em si, sentir prazer nas pequenas coisas.... Criamos cabrestos invisíveis, nos autossabotamos para a vida.... Não é e nunca será fácil lidar com a perda.

Viver é uma arte.... Eu dependo do futuro ou ele de mim? Viver ou morrer depende de nós.
Suas atitudes, decisões, realizações serão a base de um legado que será aproveitado positivamente por seus descendentes, parentes ou não.
Minha mãe me ensinou tudo, menos viver sem ela.

DRE Penha
CEI Jardim Popular
AGENTE DE APOIO

SEBASTIANA DA CONCEIÇÃO FERREIRA

Abóbora ronca?

Quando eu era bem pequeno, fui visitar minha tia que morava no interior de São Paulo. Foi uma viagem de trem, partindo da estação da Luz. Quantas paisagens maravilhosas! Vimos verdes matas, rios e cachoeiras, tudo limpo e preservado.

Tia Malu morava num sítio muito grande com o tio Juca, na cidade de São José do Rio Preto. Chegamos ao entardecer e as coisas que vi ali me encantaram: os animais, plantações e os pés de manga – pensava – não tinham fim de tão altos.

No dia seguinte da nossa chegada, depois da noite de sono e do café da manhã delicioso da tia Malu, fomos andar pelo sítio e ver tudo de perto. Fiquei impressionado com os cavalos, as vacas e seus filhotes, galinhas, patos e perus tão grandes e vermelhos, os passarinhos coloridos comendo as frutas da pitangueira, nem conhecia a pitanga, foi tio Juca quem me contou. Os pássaros faziam uma barulheira, não cansavam de cantar, viviam livremente pelo sítio e, à noite, voltavam para suas casas.

Cada família de bichos tinha sua casa própria. Os cavalos dormiam em um local fechado com muita palha para se aquecerem. As vacas dormiam em lugar bonito, sua casa era de madeira e telhado para não passarem frio. De manhãzinha, tio Juca tirava leite, parte vendia para ganhar um dinheirinho, guardava tudo em uma vasilha de alumínio. As galinhas, patos, perus e seus filhotes moravam em um cercado bem legal protegido da chuva e do frio, que, quando vinha forte, era de doer.

Mas foram os porquinhos que mais me chamaram a atenção. Ficavam presos em um lugar que cheirava mal, junto com seus pais. Só saíam quando tio Juca deixava, ele abria a porta do chiqueiro e então faziam a festa. Dizia que os bichos fuçavam em tudo, até nas flores da tia Malu.

Certa manhã, tio Juca foi para a cidade tentar vender sua produção de abóboras. Nós ficamos ali observando tudo e ajudando tia Malu a fazer pão que era uma delícia.

Depois de algumas horas, tio Juca voltou muito chateado com o preço baixo das hortaliças e o descaso dos atravessadores que, pelo que nos contou, é quem ganha a parte maior da renda pela venda dos produtos.

Tio Juca, irritado, resolveu soltar os porcos na sua plantação de abóboras para os bichos se fartarem e ficarem bem gordinhos.

Eu, menino curioso, fui com ele até o chiqueiro. Tio Juca abriu a portinha e rapidinho os bichos ganharam a liberdade. Que alegria e correria! Tio Juca foi conduzindo os animais com uma vara e mostrando o caminho para a roça de abóboras. Eu só observava, temeroso pela loucura e fome dos porcos. Quando chegaram na plantação foi a maior farra, comiam em grandes mordidas, os maiores primeiro dividiam com os pequenos, comeram por várias horas, devorando quase tudo, ficaram sujos de terra e abóbora, também são porcos, não é?

Eu, pequenino, tomei coragem e entrei na plantação. Tio Juca me acompanhou rindo da minha coragem ou pela falta dela. Uns porcos sujões estavam dormindo ao sol, outros ainda aproveitavam as abóboras que sobraram.

Ceguei perto de uma bolinha estranha, não se mexia, estava bem sujinha de terra, escondida entre os ramos, folhas e restos de abóbora. Bem quietinho, fiquei só escutando. Ouvi um ronquinho, outro ronquinho e mais uns. Fiquei assustado e gritei:

– Tio Jucaaaa, abóbora ronca?

A execução

O professor de Arte era um homem alto e muito elegante. Falava pausadamente e as crianças sempre o olhavam com admiração. Entrou na sala, pediu a atenção das crianças e começou a ministrar a sua aula.

Na lousa, o professor desenhava e explicava às crianças a atividade que eles realizariam.

Algumas crianças prestavam muita atenção nas explicações, outras acabavam se distraindo.

Depois de dar todas as explicações, o professor pede para que as crianças peguem sua folha e EXECUTEM a tarefa.

No mesmo instante, Pedro levanta chorando e vai até a professora que estava sentada no fundo da sala, organizando algumas atividades.

– O que foi Pedro? O que aconteceu?– pergunta a professora, assustada.

O menino, aos prantos, responde:

– Eu não quero executar ninguém! O dono do bar lá da minha rua foi executado e morreu. Se eu executar a tarefa, vou morrer também e não vou mais ver minha mãe.

A professora, então, conversa com Pedro e explica que executar a tarefa é realizar a lição que o professor explicou. E, imediatamente, Pedro para de chorar, coloca a mão no queixo e pergunta:

– Mas como eu mato a lição????!!!!!!

A uma hora de Paris

Nem sempre a capacidade humana consegue reter e guardar o tempo que vai...

As energias daquele suntuoso lugar eram vibrantes, compactuadas nas paredes, no chão, nos móveis, em cada objeto e, até mesmo, no ar que se respirava.

Não era exatamente o lugar dos sonhos, mas havia ali uma magia inexplicável.

Mesmo com uma estrutura esfacelada e incompleta, o espaço permitia viajar em sua majestosa arquitetura.

A cada passo, a cada porta aberta, novas descobertas. Aos poucos, a vida diária da Corte e seus bastidores eram revelados.

Nos jardins, sob a dominância do brilho do sol, a iluminar cada metro quadrado, desvendava-se uma vista privilegiada, então, era possível escutar os segredos embalados pelo vento, onde personalidades marcaram e fizeram histórias... Vestígios de uma cidade com tradição cheia de charme, dominada pelo castelo real.

Lá, exatamente no coração do Vale do Loire, patrimônio mundial, no Castelo de Amboise, num silêncio do olhar, consegue-se enxergar o infinito e descobrir a maior riqueza, sem embalagens, sem artifícios ou romantismos.

Memória, história e esquecimento são experiências necessárias e constantes para permear caminhos e transformações.

Num mundo propenso a mudanças, nada tem garantia de perdurar indefinidamente, mas ali mesmo, na capela do Castelo de Amboise, a uma hora de Paris, vive Leonardo da Vinci, transcendendo os limites do seu próprio tempo e impactando o mundo com sua imortalidade.

Quando a ancestralidade tocou os tambores em meu coração

Preparativos para festa na escola.

Divisão de tarefas, data estipulada, tema definido: “Baião – Um passeio pelo norte e pelo nordeste brasileiro”.

Comissão formada. Comissão reunida.

Enfim, as oficinas começam a ser preparadas.

De minha parte, já me decidi por “oficina de turbante”. Em minha mente, um turbilhão de pensamentos: ancestralidade, empoderamento, lembrar a Bahia, as baianas e aqueles que tanto sofreram e sofrem até hoje, para ter o direito de SER!

Corta tecido, enfeita sala, faz cartaz. Estudantes por toda a parte. Bagunça (organizada). Todos trabalhando, conversando, cantando, laços sendo criados. Vem o pedido:

– Prô, me ensina a fazer turbante?

Penso em tudo que tenho ainda para fazer. A dúvida: paro tudo para ensinar como se faz o turbante, ou digo que, para aprender, terão de voltar amanhã?

A voz da consciência me lembra de que estou ali por eles e que o momento é agora.

Mãos à obra!

Escolha de tecidos, explicação sobre o “passo a passo”.

De uma aluna interessada tenho agora nove! Amor e alegria movem-me! Rolam panos e risadas e, ao final de cada turbante, euforia:

– “Que lindo, prô!” Amei! Como estou linda! Que diferente fiquei!

Vejo sorrisos de meninas se achando lindas; um colorido de beleza e de identificação.

Outras surpresas me aguardavam. Dois meninos se aproximam:

– Prô, queremos turbante também! Homem também pode?

Minha resposta vem espontânea, direta, não dá margem a dúvidas:

– Claro que sim! Todos podemos!

Turbantes colocados, meninos realizados:

– Fiquei muito *da hora*, prô! Ficou demais!

Aproveito e inicio uma conversa sobre como em vários países homens usam turbantes e qual é o significado desse gesto para diferentes povos. Sucesso total! Depois, desfile pela escola, pose pra fotos, *selfies*, aprendizado sem igual.

Oficina pronta, cartazes feitos, jovens felizes, professora realizada.

Chega o dia da festa. Muitos olhares estão à espera da explicação de como fazer o “tal turbante”. Falo sobre a sua representatividade e de toda a ancestralidade que ele carrega. Ao final do discurso, convido todos, emocionada:

–Vamos nos “aturbantar”?

E a cada nó um laço é criado. Mulheres e homens, meninas e meninos enxergando uma beleza que antes nunca tinham percebido. Beleza dos passos vindos de longe!

Os comentários ecoavam pela sala lotada, uníssonos, em coro:

– Faz bem apertado que tenho uma festa hoje e quero ir assim bem linda!

–Nossa! Como o turbante é colorido e bonito!

–Amei! Muito obrigada, fiquei linda!

–Vai ali, filho, me deixa tirar uma foto!

– Olha aqui no espelho como você ficou bonito!

– É muito mais fácil do que eu pensei...

Terminada a festa, o meu coração bateu forte e eu pude sentir que a ancestralidade tocava tambores em meu coração.

E o dia se embelezou com as cores da África.

DRE Butantã
EMEF Prof. Olavo Pezzotti

EDUCADORA

TAÍS APARECIDA DE SOUZA

Dentes-de-leão

Aconteceu numa das tantas viagens que fiz com meus pais, no velho automóvel 65.

Tínhamos o costume, estranho para muita gente, de sair como sementes de dente-de-leão ao vento assim que as férias começavam. Só havia um ponto definindo a direção; uma cidade X num estado Y – todo o resto ficava por conta do Universo...

Rodávamos pelas estradas até minha mãe achar algo interessante no mapa ou avistarmos da estrada mesmo. Podia ser a torre de uma igreja, um vilarejo, uma casa abandonada, um rio, uma velha árvore... Até pessoas! Parávamos para aprender mais sobre onde estávamos.

No meio desse turbilhão de experiências que nos rodeava, lembro-me de que sempre havia dois lugares de passagem obrigatória onde quer que fôssemos: o mercado e o cemitério. A história em construção e a história terminada.

Entre mercados e cemitérios, se pararmos para contemplar esses lugares, é como se um século incessante deixasse sua energia dentro de nós.

Nos mercados pulsa a vida que fabrica momentos e futuras memórias. Nos cemitérios as memórias vivem e quem fabricou momentos agora repousa; espera quem ainda anda pelos mercados. Dois ambientes onde o cotidiano acontece e questões filosóficas permanecem escondidas, seja atrás de caixas de frutas ou dentro de vasos de flores murchas.

Foi numa dessas tantas andanças que descobri que eu nunca conseguiria viver longe das viagens, curtas ou longas. Já havia me viciado no encantamento provocado pelas pequenas maravilhas do cotidiano. Quando o pompom do dente-de-leão é soprado pelo Universo nada mais é capaz de segurar suas sementes. No início do sopro, todas voam por um bom tempo, próximas; aos poucos, o próprio vento vai espalhando-as e cada qual segue sua viagem. Quando a sementinha se dá conta, está voando só, continua entre mercados e cemitérios, mas não se entristece, porque permanece sempre cheia da presença e lembrança de todas as outras sementes que foram fazer outras viagens, neste mundo ou em outros. Todos os outros estão nela e ela está em cada um deles.

DRE Penha
EMEF Guilherme de Almeida
EDUCADORA

TAÍS FREITAS DE SOUZA

A janela

No despertar da madrugada, olho para a janela do meu quarto e vejo a escuridão que está lá fora. E antes que eu pudesse pensar em algo, eis-me diante do vidro da janela, imaginando o que irá acontecer nesse dia e recordando o que aconteceu nos demais. Do carro posso ver a madrugada e as luzes da cidade passando depressa. Sensação de estar vivendo um sonho ou pesadelo. Várias formas de janelas me cercam por horas e horas. E através dessas janelas vejo pessoas de todos os tipos: altas, baixas, gordas, magras, idosas e jovens que, de certa maneira, fazem parte dessa viagem. E é através das janelas que eu vejo a vida e os meses se passarem bem depressa.

Foi por essas janelas que eu vi minha viagem começar para uma terra estranha, talvez até solitária. Porém, fiz novos amigos, com personalidades diferentes, sete, para ser mais exata, que me acompanharam nessa aventura, proporcionando momentos de alegria, compartilhamento e esperança.

As janelas sabiam de tudo e viam tudo, cada lágrima de desespero derrubada, cada sorriso de superação alcançado. Durante alguns meses foram carregadas de emoção, mostrando-me que, do outro lado tinha um sol que surgia, brilhava e se mexia a toda manhã, mostrando-me a esperança e a vida: a esperança, por aqueles olhares de criança que me olhavam com admiração, que alegravam o meu dia, com gestos simples de carinho e respeito, e me faziam esquecer da longa viagem de ida e volta que, através da janela, eu via acontecer todos os dias, carregando dentro do meu ventre, o meu bebê, que me fazia enxergar o brilho do sol, o brilho da luz, o brilho da vida e que durante nove meses me fez lutar e superar as dificuldades.

DRE Capela do Socorro
EMEI Jardim Gaivotas

EDUCADORA

TAMIRES CAJUEIRO DANIE

Quando se encontra o que tanto se queria...

Alguns dizem que a vida é uma eterna busca. Não sei se concordo exatamente com essa visão de vida, pois acredito que ela seja um eterno aprendizado; porém, é inegável a satisfação que se tem quando se encontra algo que tanto se queria.

Morar em um país diferente é uma adaptação e aprendizado constantes: com a cultura, costumes, lugares e a língua. Antes de vir para Cali, ouvi que esses aprendizados seriam bastante desgastantes no início até que eu me acostumassem, minimamente, com o local. Contudo, o que ninguém (absolutamente ninguém!) me disse era o quão difícil e, pelo menos para mim, desgastante é fazer supermercado. Isso mesmo: ir ao supermercado!

Logo no primeiro dia em que estava aqui já andei de transporte público, consegui entender como a cidade está disposta e onde encontrar o que precisava para as necessidades imediatas. Apreendi tudo isso com a facilidade de alguém que já morava em um grande centro urbano e vivia sozinha há mais de dez anos. Nada de excepcional para mim. Mas fazer compras no supermercado foi, desde o início, um grande desafio. Explico.

O supermercado é uma espécie de microcosmo revelador da cultura e gostos de um povo. Os produtos ali ofertados são (em geral) os que as pessoas próximas ao local consomem, ou seja, coisas e sabores que mais lhes apeteçam. E essa é a grande dificuldade, pois, na grande maioria, eles não correspondem aos gostos que você, estrangeiro, tem.

Obviamente, as grandes marcas imperam no mundo inteiro e alguns produtos são encontrados em toda parte; todavia, esses produtos são adaptados para a cultura local – seja na forma de apresentação, seja no sabor.

Desde julho de 2015, venho fazendo uma reeducação alimentar, consumindo menos sal, produtos *light*, menos farinha branca e açúcar, e tudo o mais natural possível. Sabia que logo de início não conseguiria manter esse padrão e estava bastante aberta a provar os sabores da nova cultura para poder fazer minhas escolhas e, quem sabe, incluí-las nessa nova forma de me alimentar. Entretanto, as diferenças culturais, o não conhecimento suficiente da língua – seja para identificar os produtos, seja para buscar por eles –, a falta de intimidade com a maneira de disposição dos produtos nas gôndolas (porque também há uma diferença um tanto significativa) não me possibilitaram encontrar alimentos e temperos de acordo com meu paladar.

Algumas coisas, obviamente, são identificáveis facilmente, como algumas frutas, por exemplo, mas o gosto difere do que estamos acostumados: seja pela forma que são produzidas, seja pela qualidade da terra ou qualquer outra variável que não tenho conhecimento o suficiente para descrever, faz com que elas sejam diferentes tanto na aparência (aqui são maiores, com cores mais intensas etc) quanto no gosto.

Enfim, após três semanas vivendo aqui ainda não havia encontrado muita coisa nesse quesito que eu pudesse dizer que eu gosto (ou gostei!) de verdade.

Até que nesta semana finalmente encontrei salsinha. Pois é, salsinha! Quase chorei no supermercado de tanta alegria: finalmente achava algo que daria o meu toque pessoal no tempero do que tenho comido. Parece banal, mas é na verdade uma grande conquista e muito significativa. Aqui eles consomem muito coentro que eu, particularmente, detesto. Encontrar um tempero que me agrada e que vai deixar minha comida com cara de “minha” quando se está expatriada é bastante importante.

Voltei para casa tão feliz quanto uma criança que sonha em sua pequena existência com seu personagem favorito e tem a oportunidade de encontrá-lo. Impossível descrever minha felicidade com um fato, aparentemente, tão pequeno. Hoje entendi verdadeiramente o que quer dizer o ditado de que a felicidade está nas pequenas coisas, pois a minha eu encontrei num pequeno maço de salsinha!

DRE Butantã
DIPED - Divisão Pedagógica
EDUCADORA

TATHIANE GRAZIELA HAMADA CIPULLO

As tragédias da vida (e os três sorvetes)

Era uma praça florida. Em um banco iluminado pelo sol da manhã sentou-se um idoso observando as crianças brincarem no parque improvisado a sua frente. Tranquilamente, aspirava ele o ar matinal, quando seu netinho, já com 10 anos, aproximou-se e sentou ao seu lado. Agradava-lhe muito a companhia do avô, não raramente, estavam juntos trocando ideias em perfeita comunhão. Nesses momentos, o avô remoçava e o menino, com ar sério e reverente, amadurecia ouvindo as histórias do avô. Uma de suas favoritas era a história dos três sorvetes, sobre a qual o querido ancião assim narrava:

“Havia três caminhos que levavam a um mesmo destino: a melhor sorveteria da cidade. Três meninos seguiam, cada um em um caminho, com apenas uma moeda, o suficiente para comprar apenas um sorvete. Na sorveteria, cada qual escolheu o seu sabor favorito e, para o retorno ao lar, seguiram também por caminhos diferentes. Mas olha que, numa dessas marotices do destino, os três meninos tropeçaram no meio do caminho e seus sorvetes caíram no chão. O primeiro menino ficou muito bravo e, nervoso, chutou o que havia sobrado do sorvete, pisoteou a guloseima no chão. O segundo menino entristeceu-se muito e começou a chorar, perguntava-se porque aquilo havia lhe acontecido, era a sua última moeda e gostava muito daquele sabor. Sentou-se ao lado do seu sorvete e, aos prantos, ficou olhando a sobremesa derreter no chão. O terceiro menino lamentou ter deixado seu sorvete cair, estava triste por não possuir mais nenhuma moeda para comprar outro, então considerou quais eram as suas opções: percebeu que nada do que fizesse poderia trazer o sorvete de volta, chorar não adiantaria, enraivecer-se muito menos. A única coisa que poderia fazer, fez: abaixou-se retirando o sorvete caído do meio da via e o jogou na lixeira que descansava em um poste, testemunha do seu contratempo, seguindo tranquilo para a sua casa.”

Sempre que o avô terminava de contar esta história, o menino perguntava: ‘mas quais eram os sabores dos sorvetes?’, ao que o avô respondia não saber. Não entendia o menino como o avô poderia se esquecer de um detalhe tão importante! Diversas vezes voltava seu pensamento à história tentando descobrir este mistério... O tempo passou e, seguindo-se o curso natural da vida, o menino perdeu a companhia do avô. Com carinho pensava nas manhãs no parque com o seu amigo favorito. Apenas muito mais tarde, trilhando os caminhos da vida, o menino – agora homem feito – entendeu a história dos sorvetes e o quanto ela era importante. Entendeu o carinho do avô que tentava lhe ensinar o essencial por meio de histórias que ele mesmo inventava. Entendeu que o avô omitia os fatos que ele considerava mais importantes, como os sabores do sorvete, para que ele – menino – continuasse curioso e, desta forma, pensasse em suas histórias constantemente, gravando-as em sua memória. Mas, acima de tudo, compreendeu o que o avô quis lhe ensinar com a história dos três sorvetes: coisas ruins acontecem e, algumas vezes, não podemos impedi-las. Ao lidarmos com os contratempos da vida, temos três opções: contaminar o nosso equilíbrio com a energia da ira; entristecer-nos imensamente pelo sorvete derramado, minando nossa

força de vontade com a energia do desânimo; ou mantermos a serenidade, agindo dentro do possível, seguindo confiante. Ao pensar ainda mais sobre o assunto, percebeu que o terceiro menino foi o que mais lucrou com o seu modo de ver as coisas: sofreu pela perda sofrida, ficou aborrecido sim, mas lamentou-se apenas o suficiente. Analisou a situação e logo viu que nada poderia mudar o fato de que seu sorvete continuava caído no chão. Diante disso, ainda tomou uma atitude a respeito: recolheu o sorvete caído e o jogou no lixo, evitando que este ali permanecesse sujando a via. Muitas vezes, diante dos acontecimentos extraordinários, entregamo-nos à ira ou lamentamos com exagero, não raramente culpamos o outro pela tragédia do nosso sorvete, criticamos a situação, irritamo-nos, mas nada fazemos para melhorá-la: ficamos no meio da rua chutando o sorvete ou chorando por ele.

Muitas outras lições aprendeu o menino – homem – com o seu querido avô. Com carinho e gratidão procurou sempre colocá-las em prática. Viveu ele uma vida tranquila e feliz... Até que, em uma manhã luminosa, viu-se sentado em uma praça florida. Trazia os cabelos brancos e, observava uma linda menina, de aproximadamente 10 anos, que brincava a sua frente em um parque improvisado. Quando a menina, saltitando, aproximou-se e feliz lhe pediu: “Vovô me conte uma história?”, ele sorriu e trazendo o coração repleto de amor lhe respondeu: “Vou lhe contar a história dos três sorvetes”....

DRE Penha
CEU EMEF Prof.ª Rosângela Rodrigues Vieira
EDUCADORA

TATIANI CRISTINA MARQUES

Banalidades

Estavam lá, sobre a faixa de pedestres... Olhavam atentamente para os dois lados, na expectativa da travessia. Assim que o sinal fechou para os carros, seguiram com a naturalidade de quem domina os códigos.

Entre abanos e latidos, eram felizes e seguiam sua vida temperada de vento, com a expressão de total entrega ao abraço do dia.

Alguns passantes apressados, muitas vezes descuidados, não percebem a grandiosidade desses pequenos feitos. Simplesmente seguem e esquecem que, a cada dia, há algo novo a circundar os passos.

Quando recebem o presente de refazimento, no sol que testemunha seu despertar, não festejam a mágica possibilidade. Apenas desembrulham os instantes, com o olhar desatento à sua beleza e singularidade.

DRE São Miguel
EMEF Almirante Pedro de Frontin
EDUCADORA

TERESA CRISTINA GONÇALVES LOPES

Fofoca cabeleirística

Nem sei se existe essa palavra ou se acabei de inventar, o fato é que estava eu no salão de beleza esperando o tempo de as luzes nos cabelos darem resultados, absorta em meus pensamentos. A televisão estava ligada, mas não tenho paciência para assistir.

De repente, percebi que a cabeleireira e a manicure conversavam calorosamente sobre a vida de um cantor sertanejo que estava fazendo uma apresentação num determinado programa de televisão.

Curiosamente, conheciam a vida pessoal desse cantor, como de seus gostos alimentares, sua preferência por mulheres morenas, roupas e cores que gosta de usar em suas apresentações. Então, pensei: não sei nem o nome do açougueiro onde compro carnes semanalmente e, no entanto, elas sabem tanto a respeito dessa pessoa.

A conversa continuava animada entre as duas e percebi que havia ali mais do que uma admiração pelo cantor e sua voz, era uma verdadeira veneração. Como é possível adorar tanto uma pessoa que mal se conhece? Ou conhece?

Bem, em meio à conversa, a cabeleireira disse que se fosse rica convidaria o citado cantor para um jantar em sua casa e prepararia para ele uma iguaria à base de pequi, fruto típico do cerrado que, segundo ela, agrada muito ao paladar do rapaz. Esse seria o melhor prato que ele já teria comido em sua vida. Prenderia o rapaz pelo estômago.

A manicure, então, revelou que apareceria no meio do jantar oferecendo uma aguardente de cana específica, de valor absurdamente vergonhoso, mas também muito apreciada pelo cantor.

Realmente, aquilo era mais do que uma admiração pelo ídolo, era querer para si, conhecê-lo de perto, tocá-lo. Mas elas já o conheciam tão bem, tantas particularidades, o que faltava ainda? Nunca imaginei estar numa situação como aquela: admirar, desejar uma pessoa tão distante, tão inatingível... Ah! Mas de sonhos e de esperança também se vive. Quem sabe elas ganham na loteria e realmente convidam o cantor para o famoso jantar... Será que ele se envolveria com alguma delas?

Parece que leram meus pensamentos, e me perguntaram qual delas eu achava que o cantor pudesse escolher. Bem, uma é morena, a outra, loira. Levando-se em conta as preferências dele seria lógico que escolhesse a morena. Porém, eu não queria magoar nenhuma delas, no entanto, magoei as duas, quando respondi:

– Eu nem gosto de música sertaneja!

Naquele instante, um silêncio sepulcral reinou no salão. As duas continuaram seus afazeres, caladas. Meu cabelo, finalmente ficou pronto e estava lindo; afinal, a cabeleireira era profissional. Paguei pelo trabalho, agradei e nunca mais voltei àquele lugar.

DRE Guaianases
EMEF Alexandre Vannucchi Leme

EDUCADORA

TERESINHA APARECIDA RODRIGUES DE AMORIM

Rumo ao Pantanal

Era um mês de julho, quando nós, eu e uma amiga, desembarcamos no aeroporto de Corumbá sob um vento gelado trazido pela massa polar atlântica. Descemos do avião encapuzadas e fomos em busca de um táxi que nos levasse ao albergue (*hostel*) do lugar. Íamos rumo ao Pantanal dos tuiuiús, das capivaras, dos jacarés, das novelas da televisão.

Entramos no táxi em direção ao albergue, onde ficaríamos até o dia seguinte. Tínhamos esquecido o endereço em São Paulo, devidamente anotado em um papelzinho. Contávamos então com a ligeirice e astúcia do nosso motorista, afinal só havia um albergue para turistas na pequena Corumbá. Dez minutos depois, percebi que não veio nem a ligeirice nem a astúcia. O homem estacionou em frente a um albergue social, onde havia uma grande fila de homens e mulheres sem-teto, sem comida e com muito frio, aguardando ansiosamente por uma caneca de sopa quente.

Eu e a amiga nos entreolhamos sem entender muito bem a situação e concluímos que o motorista confundiu o albergue de hospedagem com aquela casa de caridade. Pedimos a ele que nos levasse até uma *lan house*. Ainda não vivíamos na onipresença dos *smartphones*. Foi um sufoco explicar o que era a tal *lan house*. Então, pedimos que nos levasse até o centro da cidade. Ali, finalmente, conseguimos o endereço.

Depois de rodar pelas ruas, respirando fumaça das caminhonetes, finalmente chegamos ao nosso destino. Senti-me aliviada ao ver uma gigantesca ave esculpida no jardim do lugar. Igual à fotografia da internet. Acho que era uma seriema ou uma ema talvez, não importava. Fiquei feliz por ter chegado um pouco mais perto do meu tão sonhado Pantanal. O Pantanal da transpantaneira, dos campos, dos cerrados, das matas de bugios e cobras-cipó, do céu estrelado, das lagoas, das araras-azuis, dos papagaios, dos tuiuiús, dos jacarés, dos berrantes dos boiadeiros, das boiadas, das barrancas de rios, das sucuris, das belíssimas e escassas onças-pintadas, das simpáticas famílias de capivaras, das emas e seriemas de penas, carne e osso. O Pantanal do milagre da vida que brota ininterruptamente e encheria meus olhos de beleza e meu coração de alegria.

DRE São Mateus
EMEF Prof. Giuseppe Tavoraro
EDUCADORA

VALÉRIA RIBEIRO LOPES

Nana neném, nana...

“A guerra é o pai e o rei de todas as coisas.” (Heráclito)

Outro dia revoltei-me com a ideia do não conflito embutida numa indagação sobre o porquê das lutas identitárias moverem-se neste terreno em que sempre tem de haver um grupo de um lado e outro do outro lado, os famigerados “nós” e “eles”. A fala pretendia apenas ressaltar o aspecto “positivo” de determinado grupo minoritário na reescrita de sua história, não evidenciando o aspecto “negativo”, porque este contribui com o acirramento dos ânimos e, como tal, rompe o tecido do não conflito. É sempre melhor embrulhar-se com lençol de seda!

A pergunta que faço é: de onde vem essa ideia de “Paz e amor”? “Deixa a tristeza de lado porque é Carnaval!”?... Que travesseiro é este que se quer pôr sob a cabeça para uma noite de sono tranquila? Há dias que não durmo!

Meu travesseiro não é do tipo percal 200 fios, ou de penas de ganso, 100% algodão. Talvez do tipo que promete levitarmos durante o sono, porém a realidade é outra: é aliada da gravidade e minha cabeça pesa ao nível do colchão.

Como o sono não vem e cada vez que me mexo na cama o estrado range mais, vou ficando desperto e pensando que se o conflito também se apresenta na hora de dormir, por que é que as relações humanas, sobretudo aquelas que se dão num viés de injustiça e opressão, têm de ser não conflituosas?

Puxo o lençol, que a essa altura já vai pelo chão, e afasto a ideia da correlação biológica, enquanto fator determinante, na relação sociocultural. Cubro-me e penso que o conflito é uma marca da existência;

viro-me de um lado: vem-me a imagem do abacateiro que outro dia tive de arrancar, porque o local onde o plantei não era apropriado, por causa do muro e do piso no quintal; ele, o abacateiro, quando crescesse em direção ao Sol, contra a gravidade e na medida em que suas raízes fossem cada vez mais fundo em busca de outros nutrientes, lá na frente, seu encontro com o muro e o piso seria conflituoso. Agora estou com o abacateiro para ser plantado noutra lugar, talvez em uma praça, não sei.

Desisto de tentar dormir. Levanto-me e vou tomar um pouco d'água. No caminho, a ideia que vai se assentando é a de que o não conflito é a cantiga de ninar aos que não querem ter perdida uma noite bem dormida. É a história da carochinha, dos idos da infância e que nas fantasias de adulto a tensão da narrativa é resolvida pela caridade; suprimem o clímax e nos jogam direto na boa e velha moral das fábulas.

A cada gole afino-me mais com Heráclito e seus discípulos. Bocejo antes de colocar o copo sobre a pia. Já na cama, as imagens hipnagógicas vão se formando, e vislumbro, com certo desprezo, o segundo homem do Rousseau, aquele que hesitou em derrubar as estacas erguidas pelo primeiro homem... seria aquele adepto do discurso do não conflito? Fosse eu, teria feito e gritaria bem alto “é guerra!”.

Já em posição fetal, aconchego-me a um travesseiro e sonho, não com as estacas deitadas fora, isso é conto de fadas, mas com elas em punho para delimitar um espaço que também é meu. “*A oposição produz a concórdia. Da discórdia surge a mais bela harmonia.*” (Heráclito).

É o conflito, menino! É o conflito!

Naquele olhar

Sem ligar muito para cães, inclusive para o nosso, notei a tristeza de uma colega de trabalho pelo falecimento de seu cãozinho. Depois de certo tempo, nosso “vira-latinha”, o Urso, que eu nem ligava muito para ele, ficou muito doente e tive a responsabilidade de levá-lo ao veterinário.

Infelizmente, por falta de dinheiro, pela incerteza do tratamento resultar em cura, pela idade do Urso e por seu sofrimento, defini com o veterinário pelo sacrifício do cãozinho. Até então, falava com sobriedade e sem sentimentalismo, porém o veterinário pediu que eu ficasse com o cachorro. O Urso, já deitado, virou o pescoço e olhou para mim. Creio que pela primeira vez olhei nos olhos dele. Seus olhos diziam adeus, mas também agradeciam. Seu olhar falava comigo num misto de tristeza, compreensão, passividade e, acima de tudo, amor. Como se estivesse me perdoadando pela falta de atenção e carinho. Aproximei-me e o abracei, pedi perdão e dizia a ele que o sofrimento passaria. O olhar dele penetrou minha alma e fez estremecer as pilstras que naquele instante me sustentavam. Chorei copiosamente, creio que por uns dois dias e fui trabalhar a duras penas. Por mais que digam, pois pensei nisso durante muito tempo também, que o peso de minha negligência e falta de atenção, somados ao fato de não ter dinheiro para pelo menos tentar salvá-lo, foram os aspectos psicológicos que me levaram à tristeza, enfim, ao sentimento de culpa. Talvez. Mas aquele olhar!

Ensinaram-me a olhar nos olhos das pessoas, como também a dizer a verdade, pois quem diz a verdade não deve abaixar a cabeça, salvo em reverência, respeito ou oração. Ensinaram-me, ainda, a escutar as pessoas que sofrem buscando sempre uma palavra, um olhar ou um toque que transmitisse afago, compreensão. Olhando nos olhos dos outros, também fui olhado e tive sentimentos diversos ao ser olhado, tocado no ombro ou recebendo conselhos, mas devo confessar que nenhum ser humano adulto conseguiu penetrar minha alma daquela maneira.

Minha história já tem algum tempo e ainda, agora mesmo, por exemplo, eu me vejo chorando. Só que agora, olho para os cães que tenho em casa e, por meio de seu afago, consigo deter o riacho que corre dos meus olhos.

O que sei, com certeza, é que passei a entender o motivo da tristeza da professora. Lembram-se do início da história? Pois é, creio que aprendi... Naquele olhar.

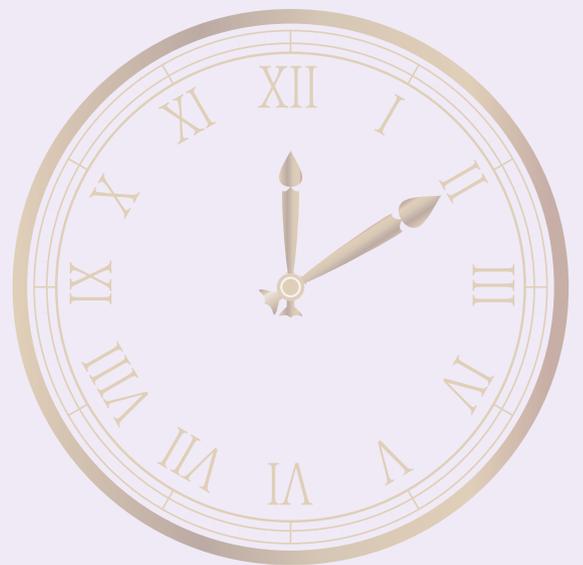
DRE São Mateus
EMEF Cidade de Osaka
EDUCADOR

WILSON KRACIUNA

Coordenadores da AEL nas DREs

BUTANTÃ	Tathiane Graziela Hamada Cipullo
CAMPO LIMPO	Cleomar de Souza Lima Elaine Silva Lacerda de Miranda
CAPELA DO SOCORRO	Luciene Aparecida Grisolio Cioffi
FREGUESIA BRASILÂNDIA	Magali Galvão Almeida Roberto Antonio Maciel
GUAIANASES	Maria Inês Alves Pereira Rosana Soares Godinho
IPIRANGA	Francisco Fabiano Dantas Santos
ITAQUERA	Diogo Lázaro de Araújo Lúcia Ramalho Nunes Munis
JAÇANÃ TREMEMBÉ	Ivan Venturini
PENHA	Thalita Garcia Lopes
PIRITUBA JARAGUÁ	Patricia Zerino Agullera
SANTO AMARO	Cláudia Gonçalves da Silva
SÃO MATEUS	Girséley Alexandre Gonçalves Sato
SÃO MIGUEL	Taciane Pereira Quadrado Lopes





sintomas do borboletismo: atração irresistível por coisas belas e coloridas, como flores, plantas etc. Em voz alta, pruxou prosa e, de sobresalto, parei de filtrar os olhos a minha volta por um segundo e, no mesmo instante, curiosa, foquei a atenção naquela figura estranha e simpática ali em pé diante de mim. Hoje, ela ocupa um lugar de destaque na sala, faz parte da decoração. Cada passo que a menina dava pelo corredor da pequena Igreja lotada produzia sons parecidos com o de cristais que se quebrando, como ela havia dito. Algum estranho, passando pela plataforma, resolveu perguntar para a jovem que horas eram, ela nada respondeu. A correria do dia não nos possibilita pensar sobre fatos simples, mas significativos. Rimos e nos entreolhamos, alegres. Não sei como, todos se levantaram e me abraçaram. A moda seu par de sapatos de salto alto preto em uma gaveta da sua mesa de trabalho. Pareciam fazer planos para o futuro. Foi apresentada aos professores e aos alunos, que eram poucos, porém aconchegantes. Ama seus cinemas e suas histórias. Quando retornou à mesa, a bandeja em aço escovado contendo a xícara de café e o quequeno pão de origem francesa já estava posta. O trânsito seguia lento, como já era comum em dias de garoa. Quando era menina, sempre me orgulhava em dizer que jamais me casaria. Uma mente que se questiona a todo momento sobre as verdades desse mundo em que vivemos. Sua mãe era uma mulher bonita, de olhos claros, estava sempre com um livro na mão e era gentil. Um deles, eterno e constante, é a procura da Lua. Volte pra casa e vá dormir. Tudo começou há mais ou menos 20 anos, como atividade de resgate da cultura do idioma estudado, de interação social e aproveitamento da área verde do bairro onde lecionava. Supostamente relutante em abandonar o corpo e amores a serem compartilhados, esforçando-se para abrir os olhos e a alma, acorda com uma vontade imensa de dormir mais cinco minutinhos. Será que não vivemos a técnica, o conteúdo em relação a práticas e vivências? Quando um homem começa a ficar velho? Foi o que ele fez no dia seguinte. Para não ficar por baixo, saiu, sem pestanejar. A educação é o que nos mantém no passado, no presente e no futuro. Seu olhar, às vezes, perde-se na mudança brusca da paisagem. Sócrates defendia a imortalidade da alma. Foi uma viagem de trem, partindo da estação da Luz. Falava pausadamente e as crianças sempre o olhavam com admiração. A cada passo, a cada porta aberta, novas descobertas. Terminada a festa, o meu coração bateu forte e eu pude sentir que a ancestralidade tocava lambores em meu coração. Foi numa dessas tantas andanças que descobri que eu nunca conseguiria viver longe das viagens, curtas ou longas. Do carro posso ver a madrugada e as luzes da cidade passando depressa. O supermercado é uma espécie de microcosmo revelador da cultura e gostos de um povo. Em um banco iluminado pelo sol da manhã sentou-se sozinho observando as crianças brincarem no parque improvisado a sua frente. Entre abanos e latidos, eram felizes e seguiam sua vida temperada de vento, com a pressão de total entrega ao abraço do dia. A televisão estava ligada, mas não tenho paciência para assistir. Depois de rodar pelas ruas, respirando fumaça das caminhonetes, finalmente chegamos ao nosso destino. Agora estou com o abacateiro para ser plantado noutro lugar, talvez em uma praça, não sei. Seu olhar falava comigo num misto de tristeza, compreensão, passividade e, acima de tudo, amor. Durante muitos anos eu me preocupei muito com vocês. Ele é pesado, retangular, a grossa e preta, com foles em alto brilho e fecho magnético. Gavetas organizadas como numa sequência lógica, talvez considerando o tempo. A minha angústia



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

sanal, rústica, esculpida na madeira “nobre” ficava no canto da varanda da minha casa, encaixava perfeitamente a bacia esmaltada, branca. Tinha o frescor do início da profissão, o coração batendo forte e um sorriso que não cessava. O corpo cansado que só quer e precisa dormir. Voltar ao passado é tudo isso, mas também é afirmar nossa perseverança diante dos desafios, dos obstáculos. O meu papel de estar aqui a produzir, e o teu papel de estar aí, a ler-me, que tal é? Estavam, de o início daquela tarde de quarta-feira, acomodados na saleta à espera de momento tão oportuno. Ele era apenas mais um no meio de muitos, sempre passava por recebido no meio da multidão. Finalmente os dois resolveram trazer um cachorrinho, para casa. Bom dia minha amiguinha de todas as manhãs. Desde os merúdios, de diferentes formas e em diferentes níveis, a tecnologia sempre existiu, visto que não foi em nossa geração que ela surgiu. O tempo passou, eu cresci. Este meu sonho secreto e, certamente, com a arte, eu o concretizarei! Passei o cartão no ponto e fui para o meu posto de trabalho, como fazia em todas as manhãs.